

Clarice Lispector

CORREIO *feminino*



Clarice Lispector

Correio feminino

UM RETRATO DE MULHER

O DEVER DA FACEIRICE - *Correio da Manhã (CM)* 23 de dezembro de 1959

Algumas mulheres, felizmente poucas, relegam a faceirice a um plano secundário, explicando esse desinteresse como “superioridade intelectual”. Nada mais falso. A mulher moderna sabe que, apesar da evolução da ciência e das artes, o homem continua o mesmo, e o principal atrativo que encontra na mulher é a sua aparência física. Julgar que porque se casou com ele está dispensada de seduzi-lo é outro grave erro. O homem é volúvel. Sua busca da “mulher ideal” é apenas a forma romântica com que encobre essa volubilidade, e geralmente envelhecem sem descobrir realmente o que querem da mulher. Só sabem que a querem. Sempre bonita e renovada, se possível.

Um rosto bonito, uma figura elegante sempre exercem grande poder sobre eles. A mulher que ama a um deles tem de fazer tudo para prendê-lo, portanto, esse tudo é a sedução diária e constante. Eu sei, minha amiga! É cansativo isso, e um pouco tolo, mas que se há de fazer?

Se o seu marido está acostumado a vê-la despenteada, em chinelas, de roupa desleixada, sem pintura, aos poucos ele irá esquecendo a figurinha bonita que o atraiu antes, quando você só lhe aparecia enfeitada e perfumada. Comecerá a perguntar a si mesmo o que existe em você, afinal, de interesse... e a resposta é perigosa, minha cara! Por outro lado, a rua está fervilhando de mulheres bonitas, mais bonitas porque têm a atração do desconhecido e do proibido. Nenhum homem, numa hora destas, tem imaginação bastante para ver, sob as carinhas de boneca encontradas na rua a mesma figura de mulher de chinelas, despenteada e mal cuidada que ele deixou em casa.

Renan, com grande sabedoria, já dizia: “A mulher, enfrentando-se, cumpre um dever; ela pratica uma arte, arte delicada, que é mesmo, até certo ponto, a mais

encantadora das artes”.

A faceirice é, portanto, obrigação para a mulher. Nem a mulher de negócios, nem a cientista, nem a mulher de letras, nem a esportista dispensam esse dever primordial para a conquista do homem. Afinal, podemos pensar deles o que quisermos, mas precisamos deles para completar a nossa felicidade, não é mesmo? Façamos, portanto, por conquistá-los.

MANIAS QUE ENFEIAM - CM - 03 de fevereiro de 1960

Existem muitas, e muitas também são as mulheres que as cultivam, sem pensar que com isso estão se prejudicando. Por exemplo, a mania de estar sempre comendo alguma coisa, como chocolate, um caramelo, um sorvete, como se vivesse eternamente com fome. Além de extremamente deselegante, dá a impressão de que não come o bastante em casa. Os homens detestam isso. Sem falar nas gordurinhas supérfluas que essa gulodice constante faz aparecer.

Outra mania prejudicial é aquela de falar alto, rir alto, esquecer quem está ao seu lado para dirigir-se ao público à volta. Esse público, geralmente, presta atenção, espantado e curioso, pensando intimamente coisas muito pouco abonadoras sobre a tagarela. Sem consciência disso, ela continua o seu “show”, alheia ao constrangimento do companheiro e risinho maldoso dos estranhos... Os homens costumam fugir apavorados desse tipo de mulher. Os homens são, que sempre, mais discretos e têm horror ao espalhafato.

Ainda um defeito muito desagradável é a mania de ser vítima que têm algumas mulheres. Queixam-se dos filhos, do marido, dos parentes, do ar que respiram, do asfalto que pisam, do calor, do frio, de tudo. Só sabem queixar-se. Quando lhes acontece apanhar uma doença, entregam-se de corpo e alma. A doença, séria ou não, passa a ser a razão de sua vida, assunto de todas as horas.

Como centro do universo, ela, a vítima profissional, explora ao máximo qualquer dorzinha, qualquer mudança de temperatura, qualquer tonteira sem gravidade. Em pouco tempo, todo mundo detesta a sua companhia, não suporta mais as suas lamúrias. E entre esse todo mundo, estão, naturalmente, os homens, noivos, maridos ou simples conhecidos. Dos três tipos de manias que apontei, esta é a pior. O ar eternamente choroso torna feia a mulher, envelhece, cava

sulcos na face, rouba o brilho dos olhos. Beleza é quase sinônimo de alegria e saúde. A mulher inteligente procura sempre aparentar uma e outra - pelo menos aparentar - para manter o cetro de mulher atraente.

Por favor, minhas amigas, se uma de vocês tem qualquer dessas manias, ou outras que não citei, livre-se delas, o mais breve possível! Controle o vício das guloseimas, a vaidade de chamar a atenção e o desejo de atrair a piedade alheia. Afinal, piedade é sentimento que humilha aquela a quem é dirigida.

DISCRIÇÃO - *CM* - 04 de maio de 1960

Você naturalmente sabe que chamar a atenção não é de bom-tom e dá sempre uma impressão muito má da mulher. Seja pela roupa escandalosa, pelo penteado exótico, pelo andar, pelos modos, pela risada grosseira, seja, enfim, de que maneira for a mulher que chama a atenção sobre a sua pessoa o único troféu que merece é o da vulgaridade. A mulher elegante é discreta. Sua superioridade está nos detalhes cuidados na harmonia das cores, no bom gosto dos acessórios. Se ela é também bonita, a beleza é por si só um ponto de atração para os olhos, sem precisar ser ostentada.

Os homens, geralmente muito discretos, detestam as mulheres que se destacam demais, onde quer que apareçam. Não apenas pela sua própria maneira de ser, mas também por uma questão de vaidade masculina, já que não lhes é agradável ficar ofuscados ou relegados a um plano inferior.

A mulher inteligente procura, portanto, a discríção como regra básica de toda a sua vida. Discríção no vestir-e, no maquilar-se, nos gestos, na voz e até mesmo nas opiniões.

Seja discreta, e veja como os que a cercam tomarão a iniciativa e colocá-la em lugar de destaque, desde que você possua qualidades para isso.

O QUE OS HOMENS NÃO GOSTAM - *CM* - 07 de outubro de 1959

Uma coisa é certa: nós, mulheres, desejamos e temos o dever de agradar aos homens. Ou, pelo menos, ao homem que amamos, não é verdade?

Se um homem elogia um penteado nosso, um vestido, um tom de esmalte, é porque esse detalhe realmente nos embelezou, pois, de uma coisa podemos ter certeza: nesse assunto, o homem é sincero, não há despeito nem “veneno” em elogio seu.

Assim sendo, a preferência masculina deve ser levada em consideração sempre que nos vestirmos e enfeitarmos. A título de curiosidade e também de orientação para algumas inexperientes, dou aqui uma pequena lista de coisas, que muitas de nós usamos ou fazemos, e que um inquérito revelou ser “aquilo que os homens detestam”: 1º) vestido muito justo; 2º) pintura excessiva, principalmente nos olhos; 3º) modas sofisticadas e complicadas; 4º) saltos muito altos; 5º) batom exagerado desenhando nova boca e exótica; 6º) meias com costura torta; 7º) excesso de joias; 8º) decote exagerado; 9º) moça desembaraçada demais; 10º) mulher sabichona.

Se vocês duvidaram dessas conclusões, façam com seus noivos, maridos e irmãos uma investigação particular. Ficarão admiradas como, nesses casos, estão de acordo todos os homens.

Vajamos: será que alguma de nós incorre em qualquer dessas “ojerizas” masculinas? Então, é tempo de corrigir-nos. Chamar a atenção não é a finalidade de uma mulher elegante e inteligente. Mas sim ser atraente e agradar aos homens. Estou certa?

UMA MULHER ESCLARECIDA - CM - 21 de agosto de 1959

Uma “mulher esclarecida” não é, como algumas querem fazer crer, e muitos homens sabidos teimam em convencê-las, uma mulher sem escrúpulos e sem preconceitos, pois a viver como parte de uma sociedade, toda criatura tem de seguir as leis dessa sociedade, quer as ache certas ou erradas. Digo-lhes que “esclarecida” é a mulher que se instrui, que procura acompanhar o ritmo da vida atual, sendo útil dentro do seu campo de ação, fazendo-se respeitar pelo seu valor próprio, que é companheira do homem e não sua escrava, que é mãe e educadora e não boneca mimada a criar outros bonequinhos mimados.

O fato de uma mulher ser livre não implica que ela deva libertar-se também dos liames de moral e pudor, que são, afinal, embelezadores da mulher, e, portanto, indispensáveis à sua personalidade.

A mulher esclarecida sabe disso. Ela estuda, ela lê, ela é moderna e interessante sem perder seus atributos de mulher, de esposa e de mãe. Não tem de trazer necessariamente um diploma ou título, mas conhece alguma coisa mais além do seu tricô, dos seus quitutes e dos seus “bate-papos” com as vizinhas. Ela cultiva, especialmente, a sua capacidade de ser compreensiva e humana. Tem coração. Despoja-se do sentimentalismo barato e inútil, e aplica sabiamente a sua bondade e a sua ternura. É Mulher.

Você, minha leitora, não limite o seu interesse apenas à arte de embelezar-se, de ser elegante, de atrair os olhares masculinos. A futilidade é fraqueza superada pela mulher esclarecida. E você é uma “mulher esclarecida”, não é mesmo?

PARA AS QUE TRABALHAM FORA... - CM - 25 de março de 1960

Se você trabalha fora, comanda ou dirige equipes, trata de assuntos comerciais com homens, interessa-se por força da profissão, pela cotação do mercado, pela contabilidade mecanizada, enfim, se você é obrigada a deixar de lado as maneiras delicadas e muito femininas, muito cuidado! O grande perigo que a ameaça é a masculinização de seus gestos, de sua palestra, de seus pensamentos. É muito frequente ocorrer isso. Mulheres que, em essência e nas formas, são bastante femininas, e, no entanto, deixam-se influenciar pela linguagem e pelos assuntos áridos do mundo dos negócios. Sentem que os homens, à sua volta, aos poucos vão perdendo o interesse inicial e retraindo-se a uma reserva fria, e elas não sabem por quê; Recebem muitos convites para jantar, ainda, mas os galanteios começam a rarear. Conversa de “homem para homem” é o que parece que os seus antigos admiradores passam a desejar. Por quê? Olham-se ao espelho, não encontram falhas na beleza ou na elegância, e continuam a não compreender. Pois, minhas amigas, o que acontece é que elas esqueceram a sua condição de mulher. Se observarem a si próprias nos seus gestos, no seu tom de voz, se ouvirem suas próprias palavras, ficarão espantadas. Onde terão ficado a antiga coqueteria, a graciosidade que dantes as tornavam centro das atenções masculinas? Quando conversam, já não sorriem, as frases são objetivas, geladas, e nenhuma acolhida cordial aproxima-a do seu interlocutor.

Por favor amigas que vivem no mundo dos negócios! Sejam eficientes, trabalhadoras, objetivas, mas não permitam que isso afete a sua feminilidade: Estudem-se com cuidado, quando notarem mudança no cavalheirismo

masculino. É esse o sinal de perigo.

CULTIVE SUA BOA APARÊNCIA - *CM* - 27 de novembro de 1959

A boa aparência faz com que a pessoa se sinta mais feliz e com um sentimento de segurança que muito a ajudará na vida. A boa opinião que fazem de nós é na realidade muito mais importante do que admitimos a nós mesmos.

Não estamos falando em beleza, perfeição de traços, mas a um correto modo de se preparar e fazer o “make-up” que ajude a mulher a parecer bela, mesmo quando seus traços são irregulares.

Com todos os recursos que temos nos dias de hoje, a mulher não pode ser feia, e só será se o quiser, deliberadamente. Mesmo para a feiura irremediável - como se dizia antigamente - há recurso. A cirurgia plástica consegue corrigir a maior parte dos defeitos e os cosméticos apropriados são capazes de esconder cicatrizes no rosto e outras deformações.

A maior parte dos problemas de personalidade desaparecem com a melhora da aparência geral. Pelo fato de estar mais bonita, a mulher se sentirá feliz e terá mais possibilidades de viver uma vida produtiva, cercada de amigos e pessoas a quem deseja ajudar. Sim, porque a beleza da mulher pode e deve ser cultivada, não somente para a vaidade e satisfação própria, mas para seu respeito e para a satisfação de sua família e seus amigos.

TRATAMENTO DE EMERGÊNCIA - (Nossa conversa) - *Diário da Noite (DN)* - 17 de maio de 1960

Um dos modos mais seguros da gente saber que vai sentir-se bem é o de “sentir-se tratada”.

E é óbvio que, para se sentir tratada, o jeito é mesmo tratar-se. Já conheço o seu grande argumento, que muitas vezes tem sido o meu: não temos tanto tempo

assim.

Mas é surpreendente como toma pouco tempo uma coisa feita pouco a pouco: um pouquinho cada dia. (Não é comendo um pouquinho mais cada dia que a gente termina engordando muito? Pois pense nisso, em matéria de beleza.)

E se, à última hora, você precisa estar bem, estar “olhável”, agradável, correta? E se há dias não fez nada em prol disso? Bem, então use expediente de emergência: a máscara.

O “maquillage” fez muito por você. Mas sob ele está a pele, que é a verdadeira base para qualquer cuidado “extra”. Eis, pois, uma receita fácil e rápida de máscara de beleza, dessas que, não importa sua idade, “trabalharão” pelo seu rosto. Basta misturar manteiga, mel e algumas gotas de óleo de amêndoa - tudo isso nutre e vitaminiza a pele. Espalhe pelo rosto, conserve de quinze a vinte minutos, deitando-se enquanto espera.

Retire-a com novo tratamento de beleza: água quente, seguida de abluções de água fria. A pele com a circulação acordada também desperta em frescura.

E se você ainda tem menos tempo que quinze minutos dê-se ao menos um minuto... Aplique máscara de um minuto de algum creme que, sem ressecar a pele, lhe tire o excesso de brilho, aveludando-a...

A VERDADEIRA ELEGÂNCIA - (Nossa conversa) - *DN* - 06 de maio de 1960

Disse alguém que a verdadeira elegância não é sequer notada. Não andemos tão longe. Mas é necessário convir que não é pela atenção que se chama que se pode avaliar elegância. De fato, muitas mulheres creem que, quanto mais joias, mais belas ficarão. Não saber parar de se enfeitar é como não saber parar de comer. Só que, na elegância, a indigestão é dos olhos.

Não use roupas que a incomodam. Por mais belas que sejam, ao fim de algum tempo, prejudicarão a graça dos gestos, a naturalidade, dando um ar “endomingado” a quem as use. Quem pode sorrir espontaneamente quando a cinta está tão apertada que quase tira o fôlego?

De que adianta estar com um vestido bonito, se você ficar puxando a saia ou endireitando a gola ou acertando o cinto ou alisando as pregas, ou, ou, ou, etc. Um dos melhores modos de usar bem um vestido é, depois de vesti-lo, esquecer-se dele.

A mulher usa roupas que lhe assentam. Mas deve também adaptar-se às roupas que usa. Por exemplo: que acha de uma jovem em vestido de noite, caminhando com passadas de quem está jogando tênis? Ou que pensa você de uma criatura vestida com saia e blusa a atravessar uma rua como se arrastasse uma longa cauda de veludo?

EXPERIMENTE - (Nossa conversa) - *DN* - 06 de maio de 1960

Estou hoje mais com jeito para conversinha mole, dessas partidas, à vontade, sem o menor ar de “discurso”... Não gosto de monólogo, de modo que até me parece ouvir sua voz me respondendo, concordando ou discordando de mim.

Que é que você acha, por exemplo, dessa moda de franjinha meio boba, meio desfiada, meio de lado na testa, meio “como quem não quer nada”? Pois há dias que me parece o ideal. Tal franjinha mistura um ar de preguiça com um toque de exótico, e às vezes dá a impressão de deusa bem penteada que o vento despenteou. Sou a favor de franja boba, sobretudo nesses dias bonitos de abril-maio. E você?

Acho muito bonito o coque moderno, quando o rosto permite. Você sabe ao que me refiro. Esse coque em de deixar a cabeça redonda faz forma de ovo... O rosto ganha certa solenidade, como a de uma figura egípcia. Os cabelos ficam bem lisos dos lados, e lá no alto o coque bem cheio, como um leque se abrindo. Vai bem para você? Não custa experimentar.

Dizem que aprender não ocupa lugar. Bem sei que ocupa tempo. Mas tempo bem empregado costuma dar juros, e os juros vêm em forma de tempo. É até engraçado observar que basta você aprender uma coisa nova e vem logo uma oportunidade que faz você se perguntar surpreendida: como é que eu me sairia desta, se não tivesse aprendido o que aprendi?

Aprender tem qualquer coisa de milagroso. O milagroso está nisso: quando se aprende... se sabe.

A GORDURA E A FORMOSURA - CM - 09 de setembro de 1960

A julgar pelas esculturas pré-históricas, o interesse estético focalizava-se nas mulheres gordas. Da mesma forma, entre os povos primitivos, a predileção pela obesidade é franca. Em certas tribos da África, quando uma jovem atinge a idade de casar-se, é posta numa verdadeira ceva - trancada num recinto solitário e submetida a uma dieta especial que chega a duplicar-lhe o peso. Só depois desse processo, é ela considerada capaz de atrair os olhares masculinos.

Entre os orientais, também, a gordura feminina é apreciada como um sinônimo, não só de beleza, como de abundância financeira, pois só as mulheres de posses podem dar-se ao luxo de comer muito e de viver na quase imobilidade.

Na moderna sociedade ocidental o conceito é quase o oposto... O sofrimento da jovem africana na ceva tem o seu contraponto no da modelo, de quem se costuma exigir que seja um “cabide humano”.

Inútil dizer que o ideal, tanto do ponto de vista da estética como da saúde, se situa entre essas duas tendências. Os ossos sob a pele são um espetáculo grotesco, mas não o é menos a gordura transbordante. Assim, devemos, de acordo com o nosso tipo e idade, determinar o peso que mais nos convém e mantermo-nos nele. De nada adianta as dietas esporádicas com perda brusca de peso. Há casos em que a pessoa, achando-se gorda, resolve passar fome até perder 5 quilos e, logo em seguida, cansada de sofrer, abandona a luta. Na maioria das vezes, ao fim de um mês, já recuperou os 5 quilos. E assim passa a vida, perenemente dando um passo adiante outro atrás - o que se situa sempre no mesmo ponto.

Se quer um conselho, economize em outras coisas, mas se dê ao luxo de adquirir uma balança que lhe permitirá pesar-se todos os dias, sem roupas e à mesma hora (duas coisas importantes), e que atuará como uma espécie de “voz da consciência” para dizer-lhe exatamente a quantas você anda.

AS ROUPAS E O TIPO... - CM - 09 de dezembro de 1959

Muito se tem dito a respeito das roupas. “O hábito faz o monge”, é um provérbio muito antigo e bastante verdadeiro. No entanto, há muitas mulheres que, por uma razão ou outra, procuram se vestir em completa oposição a seu tipo físico e personalidade. Trata-se, ao que tudo indica, de um caso de conflito entre a verdadeira personalidade e a que deseja possuir. Exemplifiquemos. Uma jovem muito tímida deseja aparecer, anseia por ser admirada e ocupar um lugar de destaque e admiração de todos. Essa jovem, um tipo delicado, fino, procura quebrar a harmonia de sua silhueta usando um vestido ousado, de cor e modelo contrastantes com seu tipo suave e delicado. Com essa preferência está demonstrando insatisfação consigo mesma, não por possuir um tipo de ingênua, mas porque não consegue atrair a atenção masculina.

Ela precisará mudar, sim, mas não as roupas, mas seu eu, seu procedimento, seu modo de sentir as coisas. Precisar, primeiro, adquirir confiança em si própria, cultivar o otimismo e abafar a vaidade e o espírito de prepotência que a domina... Esta jovem precisará compreender que, sendo natural e de acordo com sua própria natureza, agrada mais do que copiando gestos e atitudes de outras...

O PERIGO DAS FANTASIAS - (Nossa conversa) - DN - 28 de maio de 1960

- O que desejo não é propriamente ser uma mulher elegantíssima. É me sentir bem vestida a qualquer hora, é não encabular quando encontro conhecidos na rua.

Então, se você pensa isso, está na linha da sensatez. Todas nós queremos a “fantasia” e uma pontinha de extravagância de vez em quando. Mas sentem-se felizes em sentir esse bem-estar que é feito de segurança e simplicidade, e bom gosto.

Como se consegue isso? Observe antes seu guarda-roupa. É possível que, sem notar, seus vestidos tenham um excesso de fantasia. Mas é você uma pessoa que

tem ânimo de usar diariamente roupas desse gênero?

Ou você se sente melhor, para o uso diário, em cortes mais clássicos e mais simples?

A questão está lançada. O que você quer é que no seu guarda-roupa predomine o que “veste bem”, sem exageros, sem excessos de originalidade, mas de linha agradável e juvenil.

Mesmo que você adore fantasias, fique certa de que deve ter no seu guarda-roupa alguns vestidos de linha sóbria, de corte clássico. Há dias e ocasiões em que outro tipo de roupa choca.

Isso não quer dizer que você afaste os caprichos, pois mulher sem caprichos fica triste... É claro que você deve ter uma boa margem para “inventar” novidades e fantasias, e dar vazão a seu senso imaginativo.

SER FELIZ... PARA SER BONITA - CM - 26 de fevereiro de 1960

As pessoas que se comprazem no sofrimento, que gostam de sentir-se infelizes e fazer aos outros infelizes, jamais poderão orgulhar-se de sua beleza. O mau humor, o sentimento de frustração, a amargura marcam a fisionomia, apagam o brilho dos olhos, cavam sulcos na face mais jovem, enfeiam qualquer rosto. Essa é a razão porque a mulher, que cultiva a beleza, deve esforçar-se para ser feliz. Felicidade é estado de alma, é atmosfera, não depende de fatos ou circunstâncias externas.

Claro que se o dinheiro falta, se a saúde vacila, se o amor arma alguma cilada, seu desejo de rir será pouco. Mas combata a depressão. Cultive o bom humor, como quem cultiva um bom hábito. Esforce-se para ser alegre. Afaste os sentimentos mesquinhos que provocam o despeito, a inveja, o sentimento de fracasso, que são origem de infelicidade. Adote uma filosofia otimista, eduque-se para ser feliz. Você o conseguirá. E verá o milagre em sua própria face, nos olhos que adquirirão brilho e vivacidade, na boca que perderá o ríctus amargo e ganhará um ar jovem, na pele outra vez clara e macia.

Com o estado de felicidade íntima, a mocidade volta, a beleza reaparece. Seja

feliz, se quer ser bonita!

A BELEZA PRECISA SER CULTIVADA - CM - 10 de junho de 1960

Pode-se dizer que não há mulheres feias. Cada mulher tem seu encanto próprio, que pode se transformar em beleza, desde que haja persistência, força de vontade. As moças, hoje em dia, aprenderam a tirar proveito de seus dotes físicos, sem procurarem se assemelhar a um tipo de beleza consagrado. Criam seu próprio tipo.

Quando puder, observe o primeiro grupo de senhoras que encontrar e verifique, destacando algumas, como ficariam se estivessem penteadas de maneira diferente, se cuidassem melhor da pele e se tivessem um talhe de roupa mais elegante.

Se tivéssemos bastante cuidado com nossa aparência, acharíamos minutos dentro das horas do dia, para aprimorar nossa figura. A cintura não poderia ser esquecida, ao se observar que ela engrossava prematuramente; os cabelos seriam escovados e rigorosamente lavados com xampu próprio; os dentes seriam logo tratados ao primeiro sinal de cárie.

A mulher pode perfeitamente modelar sua beleza, mesmo que seu tempo seja muito pouco e seus recursos não sejam grandes. É só uma questão de força de vontade.

SEGREDO DE BELEZA - CM - 29 de junho de 1960

Há muitos conselhos para aumentar a beleza. Uns dizem respeito à pele seca, outros aos cuidados com o cabelo, mas nenhum fala, ou pelo menos poucos falam das grandes vantagens de uma atitude otimista para com a vida. O otimismo, a alegria, o riso franco são os melhores auxiliares de beleza sem sombra de dúvida.

A mulher que deseje um método simples de conservar a juventude, entre os

cuidados com a pele, o cabelo e a silhueta, deve incluir os cuidados com o espírito. A alegria, o entusiasmo pelo minuto que passa são mais importantes que muitos tubos de cremes.

Experimente e verá como a fórmula da alegria lhe ajudará muito a se sentir jovem e feliz. Não falo de um riso apenas externo, convencional, que quando muito lhe aumentará o ríctus da boca, mas uma atitude saudável perante a vida, um desejo de ser útil e dar felicidade aos que a cercam. Insisto no pensamento de dar, pois é só dessa maneira que se é feliz e se pode sentir recompensado de todos os trabalhos. O riso inocente de seu filho e o olhar de amor de seu marido sejam estímulo para que você continue a achar a vida uma aventura maravilhosa.

ESPELHO MÁGICO - (Nossa conversa) - *DN* - 28 de abril de 1960

Não é só o espelho da madrasta de Branca de Neve que é mágico. A verdade é que todo espelho tem a mesma magia. Lembram-se da madrasta ruim? Ela pegava no espelho - provavelmente espelhinho de bolsa - e perguntava:- Quem é mais bela do que eu?

E o espelho respondia. Como qualquer espelho. Não desanime pelo fato de qualquer espelho responder. As respostas não são ruins, são informativas. E de você mesma depende o uso das informações.

Só que a pergunta da rainha não cabe. E nem importa. Você não há de perguntar “quem é mais bela do que eu”. O melhor é perguntar ao espelho: “Como posso ficar mais bela do que eu?” Eis os ingredientes para um espelho mágico: 1) um espelho propriamente dito, de preferência daqueles que cabe o corpo inteiro; 2) você mesma diante do espelho; 3) coragem.

Só porque falei em coragem, aposto que você está se preparando para a ideia de descobrir alguma coisa amedrontadora. Não é isso. Coragem para se ver, em vez de se imaginar. Só depois de se enxergar realmente, é que você poderá começar a se imaginar. E, sem mesmo sentir, começará algum plano cujo objetivo secreto é o de atingir o que você imaginou.

Mas lembre-se: a imaginação só serve quando baseada na realidade. Seu “material de trabalho” é a realidade a respeito de você mesma.

Não vou lhe dizer o que você deve fazer para melhorar de aparência. Não tenho a pretensão de ensinar peixe a nadar. E só uma coisa é que você não sabe: que você sabe nadar. Quero dizer, se você tiver confiança em você mesma, descobrirá que sabe muito mais do que pensa. Mas, de qualquer modo, estarei por aqui para ajudar você a não esquecer que sabe.

COMO SER VOCÊ MESMA NA FOTOGRAFIA - (Nossa conversa) - *DN* - 11 de junho de 1960

Dia de tirar retrato, para quem não está habituada, é coisa séria. O problema é: como sair no retrato com um ar reconhecível, um ar de você mesma, mas o melhor de você mesma?

Posso ajudar com alguns lembretes, algumas sugestões:

- lembre-se que um penteado excêntrico, “especialmente preparado para esse dia”, só lhe dará um ar irreconhecível e estranho. Que você vá ao cabeleireiro, está certo. Mas não no próprio dia do retrato: vá um dia antes, para dar aos cabelos o tempo de tomar um jeito mais natural. Mesmo porque, se você sair do cabeleireiro para o fotógrafo, estará toda consciente do próprio penteado, cuidando de cada fio, e tudo isso alter um pouco a expressão à vontade de seu rosto. Penteie-se bem, é claro, mas seguindo o estilo habitual seu, e apenas melhorando-o.

- Contorne bem os lábios com o batom, mas não se pinte muito nem use cor escura. Umedeça os lábios antes de a chapa ser batida: na fotografia os lábios parecerão mais vivos e mais brilhantes, dando vida e brilho ao rosto.

- Não use pintura forte nos olhos: a fotografia revelará o artifício, aumentando-o.

- Cuidado com o “rouge”: mal aplicado pode dar falsas sombras ao rosto, e abatê-lo.

- Relaxe o corpo e o rosto por um instante, e depois recomponha-se de novo. Evite, tanto quanto puder, uma expressão forçada. Se quer parecer alegre, lembre-se de que é inútil rir com os lábios, enquanto os olhos estão

assustadíssimos. Mas se você pensar em alguma coisa alegre, os olhos também ficarão alegres.

- Tente pensar na pessoa a quem você gostaria de oferecer o retrato, numa pessoa querida. Tente visualizá-la, lembrar-se de seu rosto.

DURMA PARA MANTER A FORMA - (Nossa conversa) - DN - 04 de junho de 1960

A grande pergunta: como manter a juventude? E a resposta quase simples: dormindo.

Dormir é o melhor meio de se manter em forma, de conservar a juventude, de ter uma aparência fresca.

- Mas todos dormem, dirá você.

Dormem, sim. Mas talvez durmam “errado”. Muitas vezes você pensa que seus nervos não estão bons, ou o fígado, ou não importa o quê - e no fundo o que lhe falta mesmo é dormir bem, é dormir mais. Como obter um sono mais reparador, que equilibre você para o dia?

- Cuide mais da alimentação: os alimentos devem ser frescos, as refeições sóbrias;

- Abstenha-se de tóxicos (café, álcool etc.);

- Levante-se da mesa um pouquinho antes de sentir-se “satisfeita”;

- Procure fazer higiene mental;

- Evite brigas antes de ir para a cama;

- Aprenda a relaxar o corpo e os nervos;

- Tenha um quarto bem arejado. Se possível, claro durante o dia, bem escuro durante a noite;

- Durma com boa orientação: cabeça ao Norte. Se não for possível, cabeça no

Leste;

- Mantenha uma janela aberta que deixe o ar penetrar sem incidir diretamente sobre você;

- Procure obter obscuridade e silêncio. Para isso, pôr cortinas duplas nas janelas, e mesmo usar para os ouvidos uns tampões especiais de cera que a isolarão dos ruídos.

A MODA... E A MULHER INTELIGENTE - CM - 11 de dezembro de 1959

Ano a ano, variam as modas. Saias sobem, saias descem, saias armam, como abajures ou se estreitam como malha de bailarina.

E as mulheres obedecem à moda.

Decotes crescem ou minguam, cinturas se alargam ou se estreitam, penteados se complicam ou se desmacham, até a cor dos lábios, das unhas, das faces, dos cabelos se modifica.

E as mulheres obedecem à moda.

Os saltos se afinam, engrossam, se curvam, deformam ou ajudam a figura. As fazendas brilham, tornam-se leves, com flores, com bordados, ou se puritanizam em cores escuras, em tecidos grosseiros.

As mulheres obedecem sempre.

Todas as mulheres? Não. A mulher inteligente não é escrava dos caprichos dos costureiros, dos cabeleireiros ou dos fabricantes de cosméticos. Antes de adotar a última palavra da moda, ela estuda o efeito da mesma sobre seu tipo. A mulher inteligente sabe que mais importante que parecer “chique” é parecer bonita. Não quero dizer que ela ande fora de moda, use roupa e penteados antiquados. Mas o que ela usa é o que lhe fica bem, ajuda a sua figura, realça a cor e o brilho de seus olhos e cabelos, a cor de sua pele, remoça-a e torna-a ainda mais interessante para os olhos masculinos.

Espero que minhas leitoras pertençam a esse tipo de mulher. Gostaria que todas

essas “escravas da moda”, que andam por aí, muitas vezes despertando o riso, pensassem um pouco antes de obedecer cegamente às ordens, nem sempre equilibradas, dos costureiros famosos, cujo interesse de despertar a atenção pela extravagância e pelo exagero parece crescer dia a dia. Bem triste ideia dão da mentalidade feminina essas pobres ingênuas.

Andem na moda, claro! Adotem penteados, pinturas, adereços modernos! Mas modernizem, antes de qualquer coisa, a sua mentalidade! Raciocinem, estudem a si próprias, em detalhes, lembrem-se de que o que fica bem a uma Elizabeth Taylor, miúda, frágil, com beleza de boneca, ficaria ridículo em Sophia Loren e vice-versa. No entanto, ambas são lindíssimas.

Observem como se vestem as mulheres tidas como as mais elegantes do mundo. A duquesa de Windsor, por exemplo. Nunca se entrega aos exageros da última moda, veste-se discretamente, e é a rainha da elegância. Sem ter sido jamais uma mulher bonita, conseguiu conquistar um rei. Por ser uma mulher inteligente, sabe valorizar e tirar partido dos poucos encantos que possui.

GESTOS, PALAVRAS, ATITUDES - CM - 19 de fevereiro de 1960

Muitas de vocês, leitoras, hão de conhecer esse tipo feminino, infelizmente hoje não tão raro quanto seria de desejar: a mulher de gestos exagerados, palavras livres e atitudes deselegantes. Interpretando mal a independência da mulher moderna, ela fuma como um homem, em público, cruza as pernas com uma desenvoltura chocante, solta gargalhadas escandalosas, bebe com exagero, usa gíria de mau gosto, palavreado grosseiro quando não se desmoraliza repetindo palavrões.

Há vezes em que isso as torna centro de curiosidade masculina. Curiosidade, eu digo. Os homens provocam-na, divertem-se com as suas maneiras deslavadas, e depois saem comentando a sua “masculinidade”. Exatamente, minhas amigas! Nenhum homem pode considerar feminina a mulher que os iguala em tudo ou quase tudo, e seu sentimento para com ela é muito pouco lisonjeiro.

A transformação causada pelos tempos, pela instrução da vida moderna, está mais na mentalidade, na cultura, nas ideias, em si, que nas exteriorizações

ridículas de um feminismo caolho. A mulher continua mulher, motivo de encantamento e inspiração para o homem, ideal de pureza e doçura para o filho, e deve proceder sempre como tal. Os homens adoram mulher bem feminina. É só não confundir futilidade, denguiço e falta de personalidade com feminilidade. Cabe a ela refrear o exagero, cuidar da harmonia e da delicadeza nos gestos, nas palavras e nas atitudes.

Nunca me canso de repetir que, mais importante que a beleza, que a cultura, que um grande guarda-roupa elegante, para mulher ser atraente é ser MULHER.

QUANDO VOCÊ DISCORDAR... - (Nossa conversa) - *DN* - 07 de novembro de 1960

A arte de discordar consiste, especialmente, em não agredir... Discordar sem “agredir com palavras” ou com tonalidade de voz é um modo de, possivelmente, chegar a um acordo. Ou pelo menos é assim que se pode comunicar um pensamento, uma opinião, sem criar à toa um inimigo.

Não seja abrupta com sua opinião. Se você discordar, suavize sua frase com um “sim, de algum modo você tem razão, mas, também acho que...”. E na hora de dizer o “mas”, não use sua voz pior. Outro modo de suavizar é, depois de dar a sua opinião, acrescentar: “Que é que você acha disso?”

Por mais que você veementemente discorde, nunca diga:

- “Você está redondamente enganado” ou “sua opinião não se baseia em nenhum fato” ou “você devia se informar-se melhor antes de falar”.

BRILHA - *CM* - 14 de outubro de 1960

A diferença entre uma mulher com belos traços e uma mulher bonita só pode ser explicada se considerarmos o “brilho interno e pessoal” de uma mulher. Em grande parte essa característica pessoal depende de sua saúde e esta é

subordinada à alimentação. Portanto, em última análise, a alimentação é responsável pela beleza de muitas mulheres, que não tendo traços perfeitos, são consideradas bonitas. Portanto cuidado com sua alimentação que deve ser rica em legumes e frutas.

A ATENÇÃO - *CM* - 15 de julho de 1960

Uma das qualidades mais apreciadas pelos homens nas mulheres é a atenção. A mulher que sabe ouvir agrada e impressiona seu interlocutor, a ponto dele se sentir bem em sua companhia e não notar o tempo que passa. Este é um conselho de beleza, minha amiga. Seja uma boa ouvinte e será grandemente apreciada, principalmente pelos representantes do sexo masculino.

ALÇADA POR DOIS BARBANTES - (Nossa conversa) - *DN* - 13 de junho de 1960

Sua elegância depende de um modo geral de suas atitudes e de seu porte. No momento em que você descansa o corpo todo sobre uma das pernas, quando está de pé, os ombros caem, o tórax fica achatado, o abdome se projeta para a frente, e a harmonia do conjunto vai por água abaixo. Se, ao sentar-se, você não mantém o busto erguido, as costas perto do espaldar da cadeira, as pernas unidas e os pés descansando no chão ou cruzados e ligeiramente inclinados para um lado, lá fica você com as espáduas encurvadas, a cintura bastante engrossada, um lamentável ar de desânimo.

Quando se sentar, imagine-se alçada por dois barbantes presos às orelhas... É ridículo, mas a finalidade dessa imaginação é que automaticamente ela levará você a aparentar uma linha mais longa de pescoço, fará você endireitar as costas e encolher estômago e adjacências.

Quando tiver de abaixar-se para apanhar alguma coisa, não se dobre. Abaixar o corpo dobrando apenas os joelhos. As costas não se inclinam; o trabalho todo

deve ser das pernas.

VOZ - *CM* - 22 de julho de 1960

Uma bela voz, ou mesmo uma voz calma, segura e com boas inflexões é um atributo a mais, valorizando sua personalidade. Em primeiro lugar, lembre-se de que deve evitar falar como se estivesse numa feira movimentada. Corrija-se, a cada minuto, se tiver esse defeito. Em segundo lugar, sua voz deve sair naturalmente, rica em entonações discretas, apenas, e não exageradas. As exclamações, as risadas muito altas em contraposição a excessiva timidez, a voz sumida, não aumentam em nada as qualidades pessoais de uma mulher. O meio-termo é sempre mais bem aceito. Para as que têm oportunidade, as aulas de dicção são excelentes, com a imposição de voz, o ritmo e outras orientações úteis para o aperfeiçoamento da voz.

SER ELEGANTE - *CM* - 20 de abril de 1960

Muitas mulheres confundem elegância com aparato e exagero. Os quais, pelo contrário, são inimigos da mulher elegante. Elegância, disse uma grande modista, é a atenção aos detalhes e à discrição. A mulher realmente elegante não salta aos olhos de quem passa, não é acompanhada por comentários e alçar irônico de sobranceiras dos que a encontraram. Ela é descoberta, através dos detalhes, da sobriedade, do bom gosto com que escolheu desde a fazenda do vestido ao tom do esmalte. Na opinião autorizada de um grande costureiro parisiense, elegância não é acompanhar a última moda, mas estar sempre usando aquilo que lhe fica bem.

Tampouco os gastos excessivos representam elegância. Nem mesmo o alto preço de uma rica joia dá “classe” a uma mulher, se essa joia é vulgar, espalhafatosa, ou é usada em ocasiões impróprias ou com roupas em desacordo. Comprar bem não é comprar caro. O primeiro cuidado de uma mulher, ao fazer uma compra, deve ser qualidade. Depois, bom gosto. E, indispensável ainda, a

combinação do objeto comprado com a pessoa que vai usá-lo.

Algumas mulheres não sabem escolher bem, o aconselhável, portanto, é sempre ouvir a opinião da vendedora, quando esta tem realmente capacidade para orientá-la.

SER MÃE... - *CM* - 09 de setembro de 1959

Não é apenas dar à luz uma criança. Não é sofrer as dores do parto e depois esquecer o fruto de suas entranhas, deixando-a entregue a si mesma. Uma verdadeira mulher e mãe sabe que seus deveres vão além de alimentar, enfeitar e agasalhar o seu filho. Antes de tudo, deve dar-lhe amor. Amor que é devoção, cuidado, orientação e, sobretudo, participação em seus problemas e suas dificuldades. Toda mãe deve conhecer o filho que trouxe ao mundo, e isso consegue chegando-se a ele, ouvindo-lhe as primeiras queixas e os primeiros desejos. Deixá-lo inteiramente entregue aos cuidados de uma estranha, de uma babá, vendo-o por minutos, apenas, beijando-o apressadamente no momento de exibí-lo às visitas, é mais do que erro. É crime. Não acredito que as minhas leitoras sejam assim. Mas existem mulheres que o fazem. Depois se queixam dos desgostos que, adolescentes, essas crianças lhes trazem. Ressentem-se da predileção que o filho não esconde pelo pai ou pela própria babá. Desesperam-se ao descobrirem que aquele que elas julgavam um bebê inofensivo e insignificante transformou-se num delinquente, num revoltado, num adulto que não a respeita nem lhe tem amor.

Minha amiga, a primeira qualidade para uma mulher ser Mulher é saber ser Mãe. Não se descuide desse dever. Não seja o monstro responsável pelas futuras falhas de seu filho, deixando-o levianamente crescer longe de seus olhos e de seus carinhos.

SER BONITA EM QUALQUER IDADE - *CM* - 29 de janeiro de 1960

Essa é a arte que toda mulher inteligente deve aprender e cultivar. Isso não significa procurar esconder os 40 anos sob camadas de “maquillage”, modas juvenis, visitas prolongadas aos institutos de beleza ou operações plásticas. A mulher que não aceita os seus 40 anos com orgulho, mas procura escondê-los como a um crime, não é inteligente. O tempo, minhas amigas, é o senhor absoluto de todas as coisas, de todas as criaturas, e lutar contra ele é tão inútil quanto tolo. Os penteados e as roupas de mocinha, o “make-up” exagerado, os “consertos” plásticos, tudo isso, na maior parte das vezes, apenas torna ridícula a mulher madura. Porque em seus olhos, em seu andar, em seu tom de voz, em todos os pequenos detalhes, que ela não pode prever, a idade revela-se. Que faz então a mulher inteligente? Aceita a realidade e dentro dela procura a beleza. Penteados, trajes, tipo de “maquillage”, gestos, tudo nela é harmonioso, gentil e bonito, porque não destoam de sua maturidade. Seus olhos, que não possuem mais o brilho da juventude deslumbrada com a vida, ganham, em compensação, uma doçura nova, a doçura da compreensão, da experiência, da ternura para com os seus semelhantes. Seus gestos são seguros, nobres, sem a espontaneidade graciosa da mocidade, mas com a elegância da mulher de personalidade formada e definida.

Simone Signoret, a atraente e bonita atriz do cinema francês, há pouco confessava a um repórter: “Nós, francesas, não aprendemos como disfarçar e esconder a nossa idade, mas sim a tirar proveito dela para nos tornarmos mais sedutoras.” Simone Signoret tem 40 anos, é casada com um dos astros mais famosos do cinema francês, pesa alguns quilos a mais do que devia e é uma das criaturas mais fascinante do mundo parisiense.

A beleza não tem idade. A mulher inteligente sabe isso. Conheço senhoras de sessenta anos ou mais, verdadeiros encantos de feminilidade e beleza. Despertam a nossa admiração e nosso respeito.

Portanto, amiga leitora, se a sua certidão está lhe mostrando que os seus vinte anos já vão se distanciando, não se atormente, não se preocupe, não lute desesperada e inutilmente para recuperá-los. Seja você mesma, sedutora, elegante, bonita, com a idade que possui.

O tempo não é inimigo nosso como o dizemos. Se nos leva a mocidade, dá-nos a experiência, a segurança e os encantos novos de uma mulher completa e confiante em si.

ELEGÂNCIA E BELEZA... DEPOIS DOS QUARENTA - CM - 26 de agosto de 1959

A verdadeira arte de ser elegante não está em usar as últimas extravagâncias da moda, exagerar nos enfeites e na pintura, arriscando-se a fazer um triste papel. A mulher verdadeiramente elegante não é nem extravagante nem “sofisticada”. Se você já passou dos 40, então, muito cuidado! Já não é uma mocinha, e precisa manter viva a sua atração feminina. Sem ridículo, é claro! Uma das proibições, por exemplo: cor vermelho vivo. O vermelho é uma cor gritante, que chama a atenção, e sua beleza, depois dessa idade, deve ser discreta, ser “descoberta” aos poucos, nunca exposta assim. Não quero dizer com isso que você deva refugiar-se no cinzento, que é uma cor triste, que fala demais de “velhice”. Prefira azul-marinho, preto, branco. Enfeites e acessórios brancos para uma roupa azul-marinho são muito elegantes.

A duquesa de Windsor, já cinquentona, é considerada uma das mulheres mais elegantes e atraentes do mundo. Suas roupas são simples, preferindo sempre as joias para dar o “toque” chique. Escolha o que mais lhe convém, não siga as inovações que não a favoreçam. Seja exigente quanto ao corte de suas roupas, isso sim. “Maquillage” discreto, um bom perfume, joias escolhidas com gosto.

Se você for inteligente, a idade será “mais” um motivo de atração e não uma desvantagem. A experiência adquirida, a serenidade, que apenas o tempo lhe dá, a distinção, a compreensão farão de você uma companhia atraente e agradável.

Não alimente complexos de velhice, por favor! Mas não se esqueça também de que os seus dezoito anos vão longe!

BELEZA DURANTE MAIS TEMPO - CM - 25 de dezembro de 1960

Para muitas mulheres, a velhice é um espectro que as persegue e lhes rouba os melhores momentos da vida. De vez em quando, vem a pergunta terrível: Estarei envelhecendo? Ficarei muito desagradável, à proporção que os anos passarem?

Minha pele perderá todo o viço?

A verdade é que o mais rápido sistema de envelhecer é justamente pensar sobre essa quadra inevitável de nossa vida, a última.

Em vez de pensamentos desagradáveis, por que não vamos pôr mãos à obra, e adiar essa época que se nos afigura tão terrível?

A primeira condição para manter a juventude são os cuidados para a conservação da saúde. Visitas periódicas ao médico, quando houver distúrbios no organismo ou suspeita de doença. Cuidados com a alimentação. Comer pratos saudáveis, pouco condimentados, alimentar-se o máximo possível com verduras, legumes e frutas, não esquecendo a carne, o leite e os ovos. Não abusar de bebidas e praticar ginástica diariamente.

Depois disso, os cuidados com a pele, com os cabelos. Existem milhares de cremes para o rosto, o colo, as mãos, xampus para embelezar os cabelos e muitos outros produtos que você saberá usar com sabedoria, sem exageros. Aproveite os recursos da nossa época. Faça-se bonita... E conserve sua mocidade...

VAIDADE PREJUDICIAL - CM - 25 de dezembro de 1959

Contou um viajante inglês que visitou o Tibete, uma particularidade das mulheres que habiam esse planalto da Ásia. Não lavam o rosto. Nunca! Imaginem só! Mas, em compensação, usam “maquillage”, um “maquillage” especial da região, formado de um “creme” escuro e mal cheiroso, com o qual empastam o rosto diariamente, passando, todas as manhãs, uma camada nova sobre a anterior. Isso sucessivamente até que as feições praticamente desaparecem sob a máscara de camadas escuras. O resultado, naturalmente, é pavoroso! O viajante inglês, indagado sobre se achava bonitas ou feias essas mulheres de hábitos e vaidades tão... extravagantes, respondeu honestamente: “Não sei. Não se pode ver-lhes o rosto. O que se vê é uma máscara gretada, escura, repugnante, monstruosa.” Talvez que lá para o seu povo isso represente beleza, sabe-se lá! O caso é que essas mulheres desculpam o seu horror à água com o frio que faz no Tibete. Realmente, lá faz muito, muito frio mesmo. Mas será que isso é desculpa que se aceite?

VIDA AO AR LIVRE - CM - 13 de novembro de 1959

Quando possível, principalmente nos fins de semana, devemos passar algumas horas ao ar livre. Fugir ao movimento entontecedor da cidade, variar os nossos hábitos da semana descansam mais do que estender-nos sobre uma “chaise-longue”, fechados em nosso apartamento. O domingo deve ser um dia “diferente”. Não é preciso viagens longas, mas tão apenas afastar-nos um pouco do centro movimentado. A vida ao ar livre traz inúmeros benefícios para toda a família. O ar da praia, por exemplo, contém iodo, o qual age benéficamente sobre a tireoide. Além disso, o mar é estimulante, não apenas pelo choque das ondas como pela própria água. O sol fornece-nos a preciosa vitamina D, e os seus raios ultravioletas aumentam a defesa das células e do sangue.

Se você prefere o campo, você encontrará lá a calma ambiente, a ventilação perfeita, o ar fresco que estimula o metabolismo, fortalece o sistema nervoso, tornando o seu organismo mais resistente às doenças.

Nunca devemos esquecer-nos de que a saúde é o ponto de partida para a beleza. A mulher doente apresenta fisionomia abatida, olheiras, marcas, olhos sem brilho. Portanto, além da obrigação que toda criatura humana tem de tratar de sua saúde, a mulher tem a obrigação extra de cuidar do seu organismo a fim de preservar a sua beleza.

A LEITURA - CM - 25 de janeiro de 1961

As mulheres deveriam ler mais? - E acrescentaríamos ler mais e melhor. Não adiantaria nada que as mulheres passassem a ler mais, se não procurassem ler melhor. A seleção na leitura é algo imperioso. Do contrário, o tempo perdido na leitura de páginas medíocres não compensaria sacrificar horas de trabalho ou de repouso, para no final das contas nada aprender.

Há livros para todos os gostos. Há romances, as biografias, os livros de

economia, política que acreditamos que não sejam de grande interesse para as mulheres, os livros sobre a família que orientam quanto à educação dos filhos, quanto ao trato com o marido, os dois últimos sendo altamente importantes para as mulheres. Outra categoria de livros que poderão ser de muito utilidade são os volumes sobre teatro para adultos e teatro infantil.

As mães fariam muito bem em entrar mais em contato com os livros que trazem pecinhas infantis sobre festividades do ano: como Natal e Páscoa. Teriam oportunidades de ensaiar as crianças para que apresentem lindas festas nas datas mais significativas. Tudo isso ajuda a educar as crianças, a desembaraçá-las socialmente, a aumentar seu vocabulário, que atualmente é tão reduzido em virtude do excesso de leitura em quadrinhos e programas de televisão.

JUVENTUDE - *CM* - 19 de outubro de 1960

Há um lembrete interessante que diz: “Lembre-se de que nunca será mais jovem do que é, mas só você pode decidir quanto tempo se conservará jovem.” Partindo daí você concluirá que os cuidados que tiver com sua pessoa e mais que isso, sua atitude mental, contribuirão decisivamente para você se conservar bela e longe da velhice. É preciso, no entanto, muita perseverança de sua parte para conseguir continuar o programa de beleza que você se comprometeu a realizar.

PELO MENOS FUME BEM - Aulinhas de sedução - *DN* - 08 de novembro de 1960

O melhor é não fumar, tanto para homens como para mulheres. Mas se você fuma, fume bem, fume com jeito feminino.

Fume sem afetação (afetação não é elegância, é tolice)

Não bata a cinza com a ponta da unha (é feio mesmo).

Não fale com o cigarro entre os lábios (isso é bom para estivadores e, mesmo

assim, para estivadores masculinos; mesmo sendo estivadora, você não deve).

Xícara e pires não são cinzeiros, sobretudo quando a fumante é mulher (rudeza é mais tolerável em homens).

DRIBLANDO A MODA - (Nossa conversa) - *DN* - 23 de abril de 1960

O perigo, quando se fala em moda, é que moda termina parecendo lei. E para muitas mulheres é mesmo: “Não posso porque não está na moda”, ouve-se muito. Muitas não chegam a dizer, mas chegam a contrariar o próprio gosto, e mesmo o que lhes vai bem, contanto que façam da moda uma prisão. Ora, moda é tendência, tendência geral a ser adaptada por cada uma de nós, a ser usada com prazer, e não a nos escravizar.

Por exemplo, a tendência agora é para cabelos mais compridos. Mas você há de deixar crescer os seus, se cabelos curtos a remojam cinco anos?

E quanto ao preço da moda... Nem sempre é preciso correr e comprar o que o figurino manda - ou então sentir-se humilhada por não poder comprar. Muitas vezes a imaginação e um “jeitinho” resolvem: com o que você tem em casa não poderá, por exemplo, chegar-se à moda, sem gastar mais do que lhe convém?

Vamos a um exemplo: a novidade é usar colar de cristal misturado com colar de pérolas. Fica lindo. Colar de pérolas você deve ter. E o de cristal? Talvez sim, talvez não. Se pode comprar, ótimo. Se não, use a imaginação. Suponhamos que, à base de que a mistura com pérola é moda, você combine as pérolas com outro tipo de colar. Sei que pode não dar no mesmo. Mas quem não tem cão caça com gato, e quem viu gato caçar rato ou pescar em rio com a pata sabe que os gatos são bichos ladinos.

Outra novidade: roxo é a cor que vem. Em algumas de vocês, o roxo irá tão bem como uma luva de luxo. Em outras, apesar de estar na moda, talvez dê um ar de tristeza e viuvez. Lembre-se: moda é moda, mas quem manda mesmo é você. E quem escolhe também: a cor da moda é roxo, mas ninguém está lhe dizendo que tom de roxo. Quem sabe se o lilás, modalidade mais suave de roxo, vai melhor com seu tipo?

SABER VIVER NOS DIAS QUE CORREM

A CARTOMANTE NÃO MUDA O FUTURO - (Nossa conversa) - DN - 05 de maio de 1960

Também gosto de astrologia, cartomancia, ciências ocultas. Mas ainda não vi nada disso mudar meu futuro. Parece que só a gente mesmo é que pode fazer o dia de amanhã.

Mas antes a pergunta que se impõe é esta: que é mesmo que você quer? Saber a resposta é indispensável.

Talvez você descubra que há duas ou três coisas que você põe acima de tudo no mundo. Saber disso é um passo importante que você terá dado. E o que precisaria você fazer para conseguir o que quer? Algum sacrifício, isso é quase certo.

E é quase certo que, se você quer mesmo o que quer, o sacrifício vale a pena. Tudo isso tem que se passar entre você - e você mesma. A cartomante não ajuda.

Mas se você pegou o hábito de pessimismo, é ruim. Atrapalha muito, atrapalha de fato. O dia de amanhã fica logo com ar de chuva que não vem. E seu raciocínio de pessimista funciona mais ou menos assim: se não houve nuvem de chuva no céu, você aí mesmo é que se preocupa - pois que coisa estranha é essa, amanhã vai chover e hoje não tem nuvem no céu? Mau sinal, mau sinal.

Estou brincando, é claro, mas o que quero dizer é que o pessimista está sempre

arranjando um jeito de acomodar as coisas com o seu pessimismo.

O ideal é ser como uma senhora que conheço. Ela me disse - e não dizia apenas por dizer, pensava mesmo assim, sentia mesmo assim - que quem já sofreu realmente não sofre mais por bobagens.

Bem sei que certas dores ficam doendo, a pessoa se torna toda “nevrálgica”, e o que nem devia incomodar passa a perturbar. Mas é aí que entra uma conversa entra você - e você mesma. Ou entre você e uma pessoa que entenda das coisas do mundo. A conversa terá como finalidade descobrir o que é que ainda está doendo. Conversa para pôr os pontos nos iii. Nem sempre é fácil. Às vezes, a gente nem sabe onde estão os iii, às vezes não sabe que pontos colocar em que i.

Mas também nisso a cartomante não resolve. É pena, você mesma terá que tomar conta do assunto. Com minha ajuda, se quiser.

VÍCIOS MODERNOS - CM - 28 de outubro de 1959

Na vida de hoje adquirimos certos hábitos, impostos pelo ritmo moderno, hábitos esses que acabam se transformando em vícios. Como recorrer ao telefone para qualquer comunicação, por mais importante; o atraso sempre explicado e desculpado com a condução difícil e muitos outros. Entre eles, um vício nocivo é o de nos interessarmos pelas gravuras das revistas, lendo os títulos das histórias, as legendas e pronto. Alegamos falta de tempo, o que não é desculpa, pois o tempo que possamos gastar lendo um artigo interessante não é muito e nem é desperdiçado. Pelo contrário, é tempo

ganho. Tomamos conhecimento de coisas novas, de fatos notáveis, de assuntos instrutivos. As fotos somente não nos fornecem assuntos, não nos enriquecem a cultura, quando muito nos recreiam a vista.

Nós, mulheres, principalmente, que sabemos encontrar tempo para tantas coisas, devemos arranjar uns minutos diários para a leitura. Não é necessária a leitura prolongada, nem são precisos os livros complicados. Coisa leve, variada, que nos dê uma visão rápida no mundo em que estamos e do que acontece nele, no campo das ciências, das artes, da política e... dos “disse-me-disse”. Revistas,

por exemplo, contendo mais matéria redacional que ilustrações, que apresentem essa matéria de forma inteligente, atraente, divertida. Esse é um tipo de revista que desejaremos ler e que podemos ler. Leitura assim não cansa, não toma tempo e nos liberta desse prejudicial vício moderno.

NÃO FOLGAR... - CM - 20 de dezembro de 1960

Para que protestar e maldizer a necessidade de todas as necessidades que se chama pobreza? Ela nos faz tanto bem!... É por seu intermédio, por estarmos sempre lado a lado com ela, que descobrimos nosso engenho e capacidade.

Se estivéssemos em mole comodidade, não saberíamos nunca a que ponto poderia se elevar nossa energia. No meio da abundância apagaríamos a chama de nosso espírito, chama essa que ilumina, acende e mantém nossa pobreza.

Bocejar seria perder um minuto e é de minutos que se compõe a hora, de horas que se compõe o dia, e de dias que se constitui a vida.

Folgar é se desencontrar da ventura. A felicidade pertence aos laboriosos; o amor é daqueles que trabalham... e, se por acaso existe alguém que maldiz a necessidade de todas as necessidades, a pobreza, para ver-se livre dela só existe um caminho, o trabalho!

DIRIGIR UM LAR - CM - 24 de fevereiro de 1960

Somente uma mulher, e dona de casa, sabe e reconhece a grande tarefa que é bem dirigir uma casa. A dona de casa tem de ser, antes de tudo, uma economista, uma “equilibrista” das finanças, principalmente com as dificuldades da vida atual. O lar é o lugar onde devemos encontrar a nossa paz de espírito num ambiente limpo, sadio e agradável e cabe à mulher providenciar isso. Muitas erram ao fazer de sua casa uma vitrina permanente onde não há liberdade para o marido fumar o seu cachimbo, para o filhinho brincar. Essas, geralmente, fazem da vida do lar um inferno e quase sempre obrigam o marido a ir procurar

conforto e bem-estar noutro lugar, quando não nos braços de outra mulher. Sem permitir que o desleixo e a falta de limpeza tornem a sua casa um lugar impossível de se viver, não caia também no exagero de exigir que seus filhos e seu marido sacrifiquem o próprio conforto para não desarranjar a “exposição” que é o seu lar. Muitas vezes, um cachimbo esquecido sobre o aparador, um brinquedo largado no tapete, umas almofadas com a marca de uma cabeça que nelas descansou dão o “calor” necessário ao verdadeiro lar.

A economia é outro problema que a mulher tem de resolver com sabedoria: nem gastar de mais, nem de menos. Sacrifique um bibelô, não troque já as cortinas da sala, mas não deixe faltar bons e fartos cardápios na sua mesa. Não sirva uísques às visitas, mas dê bastantes frutas a seus filhos, frutas boas, escolhidas, não as já meio passadas e às vezes passadas demais, que diversas donas de casa costumam comprar por alguns tostões a menos.

Não entregue a direção das compras e das despesas inteiramente às empregadas, pois essa não é a função delas e quem tem de zelar pelo dinheiro de seu marido é você. A boa dona de casa é a que sabe dar ordens e acompanha de perto a sua execução. É a que mantém a limpeza, a ordem, o capricho em sua casa, sem fazer desta um eterno local de cerimônias, de deveres, onde tudo é proibido. É a que faz de sua casa o lugar de descanso da felicidade do marido e dos filhos, onde eles se sentem realmente bem, à vontade, e são bem tratados. O melhor lugar do mundo.

A BOA POSTURA É SINAL DE SAÚDE - CM - 03 de agosto de 1960

A boa postura é muito importante, desde os primeiros anos de vida. Se se criarem posições indolentes na criança, dificilmente ela se verá livre, acabando por se prejudicar grandemente com tais atitudes.

Os pais que desejam a saúde e o bem-estar de seus filhos devem atentar para que tenham roupas folgadas, calçados que não os incomodem e permitam o crescimento muscular. Se a criança tiver os pés chatos deve usar sapatos do tipo especial, receitados pelo ortopedista.

A criança deve dormir só em sua cama, que deve ser bastante grande para permitir que se mova e se vire durante o sono. O colchão e o estrado devem ser bem nivelados para que a criança se deite em sentido horizontal.

Uma cadeira baixa é importante, para que a criança fique com os pés apoiados no chão. O assento deve ser côncavo para apoiar as costas. A mesinha não deve ser muito alta e servirá para as refeições e para jogos e estudos.

Um mobiliário inadequado pelo tamanho e tipo de móveis, más condições de saúde e alimentação, o cansaço, a má posição do foco de luz na hora do estudo e a falta de exercício e atividades esportivas podem prejudicar a boa postura da criança. Tudo isso deverá ser severamente combatido pelos pais.

ORIENTAÇÃO AOS FILHOS - CM - 05 de agosto de 1960

Há pais que não conhecem os filhos, mas ficam surpresos ao constatar a difência de comportamento da criança em casa, na presença dos pais e no meio de estranhos. Por isso a maioria dos pais estabelece um modelo para seu filho e o veste com essa roupagem, julgando que ele sempre procederá assim, sem contar com as reações da criança, em fase das experiências que vai adquirindo e dos conhecimentos novos.

E de toda conveniência que os pais estudem detidamente os filhos e não caiam no erro de colocar-lhes rótulos, pois a criança é um ser em formação, e está sempre se transformando.

A criança tem necessidade de se afirmar e é no lar que mais facilmente poderá consegui-lo, com os irmãos, pais e demais pessoas de sua intimidade. Com as visitas, quer sejam amigos, parentes ou desconhecidos, ela procurará mostrar-se amável e atenciosa, para merecer estima e atenções.

Será de grande vantagem para a criança que os pais lhe deem atenção, escutando sem interromper as longas histórias que tem a contar, pontilhadas de erros e muitas vezes difíceis de serem interpretadas. O clima de confiança que a criança sentir em redor de si é de grande importância para o seu bom desenvolvimento psíquico e sua adaptação ao meio. As dificuldades que encontra em seus contatos com o exterior são neutralizadas pela eficiente

orientação dada pelos pais.

Uma criança bem compreendida em seu próprio lar tem as melhores armas para vencer na vida, quando tiver que enfrentá-la.

QUANDO A SUGESTÃO SUBSTITUI O CONSELHO - (Nossa conversa) -
DN - 22 de junho de 1960

As meninas que já são mocinhas precisam muito de conselhos de beleza para se sentirem amparadas: não sabem muito bem o que são, não sabem propriamente o que querem ser. E, ainda por cima, desconfiam da vontade de “mandar” dos outros.

O jeito não é propriamente insistir. É dar-lhes uma discreta e firme mistura de apoio e liberdade.

O jeito é não esquecer que elas querem e precisam das que têm mais experiência. E também não esquecer que elas precisam ter a liberdade de, pouco a pouco, criar a própria experiência.

O estilo de dar esses conselhos consiste, em primeiro lugar, em abolir o uso “insultante” da palavra conselho. Não dê um “título” ao que você aconselha a uma mocinha. Bem, mas não é só evitando o título que você evita o tom de voz... Um tom de conselho pode encontrar mais resistência na mocinha do que a palavra.

O tom “sugestão” está mais no clima. E é mais justo também: a sugestão sempre deixa uma margem para a escolha, e todo o mundo - mocinha ou não - tem direito de escolher. Ela vai errar? Provavelmente errará. Bem, mas errar é começo de acertar também.

Se você quer ajudar sua mocinha, ou as dos outros, lembre-se de que forçar ajuda é às vezes um modo de vê-la recusada.

O que fazer, então?

Você tem modos de ajudar, e você mesma escolherá o modo. Porque também esta conversa não é conselho apenas. Deixo para você grande margem de

liberdade e imaginação e seleção...

PROGRAMA DE BELEZA - (Nossa conversa) - DN - 28 de junho de 1960

Por mais sofisticada uma mocinha é uma mocinha - e deve se tratar como tal. A beleza e a graça estão só seu alcance. Em geral, porém, elas não sabem que programa de beleza adotar. E as mães ficam tontas.

Aqui vai um programzinho de beleza. Adotado na idade certa, constitui a base de um hábito para a vida toda - não importa que o hábito vá se enriquecendo e se transformando, o principal é implantar o hábito. Este programinha não serve apenas como solução para o presente - protege a beleza nos anos que se seguem.

- Usar água e sabão com abundância. Manter a pele bem limpa e límpida, sempre com aspecto macio. Quando lavar o rosto, enxaguá-lo muitas e muitas vezes com água pura. Nenhum traço de sabão deve ficar.

- Dormir bastante todas as noites. Um mínimo de oito horas. Isso prepara os nervos sadios para a beleza de agora, e para o futuro.

- Fazer exercícios diariamente ao ar livre. Habituar-se a respirar profundamente de vez em quando. Andar a pé.

- Alimentar-se em horas certas. Refeições bem equilibradas.

- Escovar os cabelos diariamente. Manter-lhes o único brilho verdadeiro: o da limpeza.

- Usar roupa sempre limpa. Evitar roupa amarrotada. Tudo isso influi no aspecto geral.

- Usar cosméticos - mais para menos, do que para mais. Batom - claro. Pó - mas não um “empoamento” que tira o brilho da pele. Rímel para os cílios - o bastante para lhes dar cor e forma, sem nunca empostá-los. Perfume - a quantidade que dê à mocinha uma aura de aroma; nunca um perfume de tipo pesado.

AMIZADE VALIOSA - CM - 22 de julho de 1960

Desde bem pequenas, as crianças devem ter em seus pais os companheiros de quase toda uma vida. As mães especialmente podem ser excelentes amigas, se souberem levar a tolerância e paciência que têm para muito trabalho doméstico e para muitas distrações, até seus filhos.

A filha deve sentir que sua mãe é a confidente, a amiga que dá opiniões, que tendo experiência certamente discernirá melhor. Seria muito bom que certas mães saíssem de sua fria autoridade para discutir certos problemas de grande interesse para a filha, que muitas vezes parecem ao adulto assuntos tolos e infantis, mas que para os pequenos são de vital importância.

A maneira de se vestir de uma criança, por exemplo. Há uma tendência para a menina se embonocar, copiando as toilettes das moças. Será de grande inconveniência que a mãe combata essa tendência dando ordens peremptórias ou ridicularizando a criança. Será melhor que esse trabalho seja feito com antecedência, fazendo ver a criança que cada idade tem seu encanto e seu valor, como também tem sua roupa. Nada de pinturas, bases e sombras para meninas de pouca idade.

O SEU QUARTO DE DORMIR... - CM - 20 de novembro de 1959

Algumas pessoas têm o hábito prejudicial de deixar animais de estimação dormindo no mesmo aposento de seus donos. Se as crianças, depois de alguma idade, podem dormir em quartos separados, sem perigo, por que não podem os cachorrinhos mimados ou os gatos mais queridos? Compreendo e partilho o amor aos animais, o cuidado e o carinho que eles merecem de nós, mas esse triste costume de ter animais no próprio quarto de dormir é errado, além de perigoso.

Os quartos devem ser arejados, não se deixando nele nem animaizinhos de

luxo nem roupas usadas.

Ao dormir, o ideal será fazê-lo com as janelas abertas, para renovar o ar e evitar qualquer mau cheiro que possa ter. Também plantas de qualquer espécie não devem permanecer nos quartos. Um dos fatores de maior importância para o nosso conforto é a higiene, não apenas com o nosso próprio corpo, mas também com a nossa casa, a nossa roupa e os nossos móveis.

Às vezes, quando permanecem fechados por muito tempo, os aposentos adquirem um cheiro peculiar, bastante desagradável. Muitas mulheres usam defumadores aromatizados, muito agradáveis. Pode-se também usar a seguinte receita, como aromatizante: alfazema, 40.0 - carvão em pó, 50.0 - mirra, 10.0 - incenso, 40.0 - benjoim - 10.0 - Mistura-se e queima-se sobre brasas. Essa mistura, porém, como aliás, todos os preparados similares, não deve ser usada durante a noite, quando estiver alguém no aposento. Feche-se o aposento enquanto se queimar a mistura, e deixe-se permanecer assim até o final da queima do aromatizante. Abrem-se então portas e janelas para arejar todo o quarto.

PREPARE-SE PARA O INVERNO - (Nossa conversa) - DN - 01 de maio de 1960

É tempo de pensar no inverno, antes que ele chegue. Lembre-se de que o inverno assusta a cigarra, não a formiga. Minhas simpatias vão para a cigarra porque cantar é que é bom. Mas quem vai ser a formiga da gente?

Mas não é ruim ser formiga. Tem um lado ótimo. É tão bom preparar a recepção do inverno. Quando este chega, até uma lareira imaginária já está acesa. É verdade que não é imaginário que você tem de preparar... É tanta coisa real que só com um papel e lápis a gente resolve.

Uma lista de roupas para você. (Pense no essencial e não se esqueça da possibilidade de retoques que renovam o velho.) A lista de roupas de seus filhos: como é que vão eles de suíte, por exemplo? E os cobertores poderiam levar uma boa semana de sol, algumas horas todos os dias, pois naftalina e um pouquinho de mofo e cheiro de mala naos constituem a melhor mistura para se dormir bem.

Mas nem só de roupa vivemos nós. E a casa, o melhor lugar quando faz frio lá fora? Torne o seu abrigo confortável. Há alguma vidraça quebrada? Alguma porta ou janela que não fecha bem? O aquecedor do banheiro está em ordem? Há boa luz junto da poltrona preferida de seu marido? Também é a hora de mandar emoldurar a gravura ou desenho de que você gosta: no inverno dá tempo de olhar. Tempo e gosto. As cortinas, que a separam do frio de fora, estão bem limpas?

E os móveis? Aproveite uma folga para examiná-los. Não há nada para melhorá-los? É possível que estejam foscos e sem graça. Dê-lhes brilho com algum óleo apropriado ou mande envernizá-los, conserte o que estiver quebrado. A casa ficará limpa e nova em aspecto. E, por falar em aspecto, cuide também do seu.

No inverno a mulher é mais feminina.

VOCÊ SABE ACONSELHAR? - (Nossa conversa) - *DN* - 14 de maio de 1960

“Coisas que aprendi”... Você não acha que cada uma de nós poderia escrever pelo menos um folhetozinho, se não um livro (as felizardas), sobre as coisas que foi aprendendo na vida?

O que é que você aprendeu, por exemplo? Em aprender, vale tudo. Eu, por mim, não aprendi muito - e é por isso que valorizo cada fiapo de ensinamento que os dias foram me dando. E valorizo sobretudo o que aprendi à minha própria custa. Não é por vaidade, acho que é porque doeu mais aprender desse modo, custou mais caro, e a gente esquece menos.

Que é que você aprendeu, por exemplo, a respeito de conselho? Quero dizer dar conselhos?

Aprendi que ouvir quem tem um problema é quase mais importante que aconselhar. Enquanto a pessoa vai falando - e sabendo que alguém ouve realmente - ela própria vai se esclarecendo. Sem falar que desabafa também.

Outra coisa que aprendi sobre o mesmo assunto, se você disser à pessoa que ela está “completamente errada”, você a coloca na mesma hora na defensiva, o

que também significa “disposição de não aceitar”. E você que está com a melhor boa vontade do mundo em querer ajudar só consegue é criar uma infeliz animosidade.

Conheço uma pessoa que descobriu um jeito muito bom de “contrariar”. Depois que ouve o maior absurdo responde pensativamente: “É, sim. Mas por outro lado... etc.” - e então diz com suavidade o que realmente lhe parece.

REMÉDIOS ESQUISITOS - (Nossa conversa) - *DN* - 20 de julho de 1960

Um dia desses aprendi um bocado de coisas estranhas sobre duas coisas muito corriqueiras - sobre alho e cebola... Não digo que lhe conto para que você tenha bom assunto de conversa, na próxima reunião, porque há muita gente que tem alergia a uma ou a outra palavra.

Vendo a conversa pelo preço que comprei. Fiquei sem saber se acreditasse ou não, e você provavelmente ficará assim, também. Por exemplo: disseram-me que a cebola, esfregada sobre a calva, faz nascer cabelos... Pelo menos, mal não faz, suponho.

Outra: que a rainha Isabel da Inglaterra comia, como refeição matinal, um pedaço de carne, cerveja e muitas cebolas - e daí vinha o seu extraordinário vigor.

E alho para asma... No século XVIII um médico fez fortuna com uma fórmula de sua descoberta. Cozinhava um pouco de alho até que este perdesse a rigidez: juntava à água do cozimento uma quantidade igual de vinagre. E para dar ao composto um sabor de xarope, punha açúcar à vontade. Então jogava nesse xarope os dentes de alho cozidos. No dia que o doente tomava dessa mistura, não tinha asma. Verdade? Mentira? Contaram-me como verdade.

ERROS DO PASSADO - (Aprendendo a viver) - *DN* - 02 de setembro de 1960

Para quem - por desespero ou por gosto - vive aludindo aos erros do passado, eis uma frasezinha de um homem chamado Fénelon: “Pode-se corrigir o passado com o futuro”.

Talvez, aliás, o único modo de corrigir o passado. Pois uma verdade óbvia é esta: enquanto você lamenta o passado, o presente lhe foge das mãos.

E não há tanto do que se recriminar e lamentar: não há outro modo de viver senão o de errar e corrigir-se, e depois errar de novo e corrigir de novo. O que não chega a ser trágico: trata-se do jogo da vida, e todos nós jogamos o mesmo jogo.

Agora, o que é mesmo uma pena é uma pessoa sentar-se num canto da sala (figuradamente), a lamentar, lamentar, lamentar. Quem está no jogo tem que aceitar as regras do jogo.

Você há de dizer: “Eu não pedi para entrar no jogo, não pedi para nascer”. Pois esse argumento é uma mistura de neurastenia, vontade de despistar, má vontade e chicana.

Tenha cuidado com uma coisa: quando lamentar-se começa ser consolo, é tempo de prestar atenção.

ALEGRIA DE VIVER - CM - 25 de dezembro de 1959

Conheço inúmeras mulheres que definham de tédio. Permanecendo em casa o dia todo, vão ficando nervosas, insatisfeitas, mal-humoradas, criando doenças imaginárias, aborrecendo os outros e a si mesmas e acabam mesmo doentes, neurastênicas. O remédio mais fácil e direto para evitar isso é uma ocupação que as distraia, que lhes desgaste as energias. O ser humano inativo torna-se triste, consome-se e não sente o menor prazer em viver. O trabalho é necessário não somente como justificativa para a vida em sociedade como para a saúde, a alegria e a juventude.

RECEITA PARA RESOLVER PROBLEMAS - (Nossa conversa) - *DN* - 27 de maio de 1960

Cada uma de nós conhece as horas em que os problemas parecem maiores do que nossa capacidade de resolvê-los. É hora difícil, bem sei. E, conforme o problema, a hora pode chegar a dar uma sensação de desespero.

Tenho uma amiga que tem uma receita para isso, e diz que é boa receita, que sempre dá certo.

Diz que faz o seguinte, quando está às voltas com um problema gênero “encruzilhada”. Procura ficar sozinha um instante, senta-se junto de uma mesa, com um lápis e um papel. E escreve simplesmente: 1 - o que procura; 2 - quais seriam os vários modos de sair da situação, mesmo que esses modos sejam no momento impossíveis de se realizar; 3 - escreve para si mesma um amigável conselho sobre calma e paciência.

Bem. Ela pega em seguida a folha de papel e guarda-o longe dos olhos por dois dias ou mais, segundo a urgência do caso. E procura não pensar mais no problema.

Parece que a coisa não falha: mesmo sem sentir, as hipóteses de solução se “trabalham” dentro dela. E, quando chega a hora de olhar a folha de papel, quase sempre se supreende: vê claramente qual a melhor solução, enxerga as impossíveis - e nota que o desespero da irresolução passou.

ACORDAR-SE - (Nossa conversa) - *DN* - 16 de setembro de 1960

Sonhar é bom, é como voar suspensa por balões. O problema é que um simples bodoque de criança, e os balões estouram. Se é verdade que do chão não se passa, também é verdade que “quanto mais alto se está maior é a queda”.

Não é por ser grande a queda que se evitará o grande gosto de subir. Mas subir em balões? Voar assim é, muitas vezes, melancólico.

Há vários modos de alçar-se em balões. Um deles consiste em cair em devaneios que levam longe, e mal. E para voltar? A aterrissagem é difícil. Quando se dorme fora de hora, o despertar é meio ruim.

Outra variedade de subir em balões é a de não enfrentar fatos, e mentir sem cessar - e sem mesmo sentir. É bom mentir? Você nunca poderá enganar totalmente a si mesma. E - como a força mínima dos balões - a mentira só fará você se evadir alguns centímetros.

Por que então não tentar subir pelas escadas? É menos bonito, menos rápido. Mas cada degrau alcançado ainda é a boa terra da realidade. Em cada degrau alcançado se pode, inclusive, parar um pouco para descansar, sem por isso perder terreno ou bater com a cabeça no chão. “Também da escada se pode cair”, dirá você, que gosta mais de balões. Bom, cair pode-se cair, todos sabem disso, sobretudo as crianças que nem por isso deixaram de andar. Mas levante-se, então; também as crianças sabem disso.

COM A CABEÇA FERVENDO - Aprendendo a viver - Comício (C) 15 de maio de 1952

Você também está transbordando?

Então faça exatamente o que você faria com essa chaleira: tire-a imediatamente do fogo.

Há vários modos de tirar a chaleira do fogo. Um deles consiste em adiar por uma semana a resolução de seus problemas. Aja como se eles não existissem. Há poucos problemas que não possam esperar uma semana. Quem sabe, você terá a surpresa de ver que eles se resolveram sozinhos. - Aproveite a mesma semana para deixar de lado pensamentos e sentimentos que “fazem ferver”, como ambição, sonhos impossíveis, ressentimentos etc. - E, como em geral sua pior inimiga é você mesma, tente por uma semana ao menos ser boa para consigo própria, ser tolerante, até meio distraída. No fim da semana, a água da chaleira esfriou um pouco, desceu de nível - você terá restabelecido o equilíbrio...

LIMPAR A CASA E FICAR BONITA - (Nossa conversa) - DN - 20 de maio de 1960

Tenho uma amiga tão sabida que, quando falta empregada e ela mesma tem que limpar a casa - então aproveita e faz um tratamento de beleza.

A essa altura você estará se perguntando: sabida ou maluca? É sabida, mesmo. E vou contar como, repetindo o que ela me contou. E, para maior garantia sua, devo lhe dizer que um dia já a surpreendi em pleno tratamento de beleza, ao limpar a casa...

Primeiro - antes de começar a faxina mais pesada, ela retira o esmalte das unhas, embebe as mãos com loção apropriada, e põe luvas velhas que mantenham a loção no lugar. Acontece que, ao acabar a tarefa de limpar coisas sujas, está com as mãos macias como nunca e com as unhas a meio caminho da aplicação do novo esmalte.

Segundo - antes de iniciar trabalhos que lidam com vapor d'água - como cozinhar ou lavar roupa com água quente - ela passa um bom creme nutritivo no rosto. A combinação de creme e vapor d'água não só faz com que o creme penetre nos poros, como tonifica a pele.

Terceiro - aplica um tônico de cabelo que fica trabalhando pela sua beleza enquanto ela trabalha pela beleza da casa. Às vezes espalha gema de ovo pelos cabelos e quando acaba de trabalhar, lava a cabeça.

Sem falar que, de vez em quando, para o trabalho para respirar profundamente - o que além de descansar, tonifica o corpo todo.

Agora eu lhe pergunto: sabida ou maluca?

COMO TRATAR A EMPREGADA - (Nossa conversa) - *DN* - 03 de junho de 1960

Como se dar bem com a empregada? Eis uma verdadeira charada... Há quem tenha tentado todos os métodos, e ficado sem a cozinheira. Há quem trate a cozinheira como se esta fosse uma rainha, só para verificar que o trono está vazio. E há donas de casa tão perfeitas, mas tão perfeitas que terminam elas próprias lavando os pratos. Como se vê, quase tudo pode dar certo ou errado.

Mas, enfim, eis algumas sugestões que talvez deem resultado. Bom resultado, espero.

Procure, por exemplo, pelo menos não demonstrar Que você não sabe fazer o serviço que está exigindo “dela”.

Procure esconder o seu mau humor. É inútil empurrar com um gesto irritado a comida que não lhe agrada. Explique com bons modos que você prefere faisão ou peru, em vez de picadinho todos os dias.

Interesse-se pelos problemas pessoais de sua empregada (mas só até certo ponto, a menos que você queira ter “problemas pessoais” em vez de empregada). Lembre-se de que ela vive na mesma casa que você. Ajude-a a melhorar de vida, trate-a como uma pessoa que, igual a você, tem alegrias e sofrimentos, humilhações e aspirações. Se isso tudo fizer com que a empregada vá embora, pelo menos você terá sido humana, o que lhe servirá de consolo enquanto você lava os pratos com ódio.

Não a confunda com mil ordens nem modifique essas ordens a torto e a direito. Procure estabelecer um plano de trabalho, racional e fácil de entender. Respeite os dias de folga de sua empregada. Não aproveite o fato dela estar pronta para sair para lhe pedir que dê um recado em Niterói. E se na segunda-feira ela não estiver em casa para fazer o café, então suspire, e faça-o você mesma. Não há outro remédio.

ENQUANTO A EMPREGADA NOVA NÃO CHEGA - (Nossa conversa) - DN -
31 de maio de 1960

A cozinheira se despediu... Bem sei o que significa como “tragédia”. Mas dizem que, quem tem um limão, em vez de chorar que é azedo, deve fazer uma limonada... Não estou sugerindo que você faça uma limonada da cozinheira, e um dos motivos de impossibilidade é que esta foi embora.

O que quero dizer é que você podia aproveitar o intervalo entre uma empregada e outra - espero que intervalo pequeno... - para reorganizar a casa, fazer um plano.

Você há de me perguntar: por que aproveitar a mudança de empregada? É porque uma das coisas mais difíceis de se conseguir é fazer alguém mudar de rotina, mudar de método, ou aceitar “novidade”.

Mas, enquanto você aguarda a empregada nova, pode planejar vários melhoramentos. A empregada que vier nunca saberá que houve transformação: aceita a novidade sem saber que é novidade, já que tudo na casa ainda lhe é um pouco estranho.

Por exemplo os hábitos alimentares. Quem sabe se queria que a família comesse mais legumes? Quem sabe se você gostaria que todos os sábados fosse dia de bolo? E que, às três horas da tarde, lhe agradaria um lanche leve? Pois, quando a nova empregada chegar, você lhe diz com naturalidade: “Aqui em casa costuma-se... etc. etc.

AS PREOCUPAÇÕES NÃO AJUDAM - CM - 01 de julho de 1960

Refleta bem nisto. As preocupações não a levam a nada de útil, nada de produtivo. A maioria das preocupações que você já teve até a sua quase totalidade, podemos afirmar, não se realizaram felizmente. Portanto é um preço muito caro por uma coisa que poderá acontecer, o que você está pagando desde já.

Reconhecemos que o hábito da preocupação é o mais difícil de ser extinto. Há um sem-número de razão a ser apontadas por aqueles que se preocupam com as coisas que poderiam acontecer e uma delas é: não aconteceu até hoje, mas pode acontecer. E o fulano? Não chegou a vez deste?

A estes responde que nada mais estéril e tolo do que sofrer por antecipação, pelo que talvez jamais chegue a acontecer. E se por má sorte chegar a acontecer, então sofreremos, mas na ocasião, depois do caso consumado e depois de termos empregado todos os esforços para remediá-lo.

A preocupação rouba a saúde e por incrível que pareça atrai desgraça. Se não por outras razões, você que está me lendo, desista de ser tão preocupada, porque afinal pode ser que lhe aconteça o que tanto teme.

PRESA ÀS PREOCUPAÇÕES - (Aprendendo a viver) - C - 22 de maio de 1952

Você está parecendo com o bicho do desenho: só que em vez de estar amarrada a uma lata barulhenta, está amarrada às próprias preocupações. Tanto a lata como as preocupações vão atrás, para onde quer que o bicho e você queiram ir. Mas há duas diferenças: a) não foi o bicho que amarrou em si mesmo a lata, e você é quem inventou as preocupações; b) o pobre animal não tem poder de desamarrar a corda, e você tem.

- Analise a palavra “preocupação”. Não, não é aula de gramática. A palavra divide-se em “pre” e “ocupação”. E quer dizer, ocupar-se antes; ocupar-se antes do tempo. Na verdade, preocupar-se não é mais do que antecipar-se aos acontecimentos, o que é logicamente uma tolice. - Você tem gasto sua capacidade de emoção da pior maneira possível.

Por que não pega uma tesoura e simplesmente corta o cordão que a prende à lata? A indecisão envelhece mais que os anos. Resolva hoje mesmo o seu problema. - E se este for insolúvel? Então... resigne-se, pois esse também é um modo de cortar a corda. Havia uma senhora que tinha uma verruga no rosto e o médico não queria extirpá-la. Um dia, olhando-se ao espelho, ela se perguntou curiosa: há quanto tempo examino a verruga para ver se tem diminuído? A resposta foi espantosa: há vinte anos. Por que, perguntou-se ela, não dei o assunto por encerrado, em vez de sofrer durante vinte anos?

Preocupar-se pode se tornar um hábito, como o de roer unhas. Talvez chegue o dia em que lhe perguntem: por que está preocupada? E sua resposta honesta deve ser: por nada, estou simplesmente preocupada.

MULHERES CANSADAS - (Nossa conversa) - DN - 29 de agosto de 1960

“Estou convencida de que a grande maioria dos mal-estares que afligem as mulheres têm causas psíquicas. E por causa da tensão moral de que falei, por

causa de todas as tarefas que elas assumem, das contradições do ambiente no qual se debatem, que as mulheres estão constantemente cansadas, até o limite das forças. Isso não significa que seus males sejam imaginários: eles são reais e devorantes como a situação que exprimem. Mas a situação não depende do corpo, é este que depende dela. Assim, a saúde não prejudicará o trabalho da mulher quando esta tiver na sociedade o lugar de que precisa. Pelo contrário, o trabalho a ajudará poderosamente a obter um equilíbrio físico, não lhe permitindo que se preocupe com este sem cessar.”

Quem diz isso? Uma das mulheres que mais estudaram os problemas de outras mulheres: Simone de Beauvoir. Você concorda?

A FELICIDADE SE FABRICA - CM - 19 de agosto de 1960

Alguém já disse, certa vez, que, para ser feliz, uma mulher necessita de apenas duas coisas: uma boa saúde e uma memória ruim!

Assim, falemos da saúde, que vem primeiro, pois permite às mulheres viverem melhor, serem mais belas e suportar com ânimo os incidentes da vida. A saúde baseia-se sobretudo no sono... muito sono.

Dormir é acumular energias, eliminar o cansaço que, insidioso, nos arrasta às vezes à cólera, à tristeza, aos desentendimentos. Dormir é tão mais simples - e mais garantido - do que se engorgitar, por exemplo, de “pílulas tranquilizantes”!... Em certos círculos da sociedade, essas andam agora muito em voga. Mas não constituem uma panaceia. Ao contrário, são uma arma de 2 gumes, como não se cansam de advertir os médicos. Antes de se “doparem”, as mulheres devem tudo tentar e só recorrer a esse paliativo em circunstâncias de emergência.

Tudo tentar... Não diga que é fácil dizer, que a vida de todos os dias exige demais para que você tenha tempo de cuidar-se e de descansar, não responda que isso é bom para as mulheres que não trabalham ou que são ricas. Não é esta a verdade. Pelo contrário, frequentemente se dá o oposto. As que têm uma profissão, seja ela qual for, aquelas que não podem dar atenção demais a seus achaques, são mais fortes do que as outras.

Quanto à memória ruim, ela consiste em esquecer o que nos causou desgosto e lembrar só das horas boas. A felicidade, pode-se “fabricá-la” progressivamente, dia após dia. As pessoas infelizes, frequentemente, o são por sua própria culpa.

Lembre-se, pois, do nosso conselho e procure melhorar a saúde - e piorar a memória!

A MEDIDA DAS COISAS - (Nossa conversa) - *DN* - 11 de maio de 1960

O descanso não é um luxo, é uma necessidade. A maior parte das pessoas acha que uma mãe, enquanto tem filhos pequenos, nunca pode repousar porque tem que estar permanentemente ao lado deles. É verdade. Mas é verdade também que a mãe realizará melhor o seu trabalho se puder desfrutar de vez em quando de umas verdadeiras férias. Pois mães e filhos se cansam mutuamente: vigiar e ser vigiado é relação que fatiga um pouco os nervos... Não é verdade que certas cozinheiras perdem o apetite porque estão sempre na cozinha? Pois medite nisso...

Não basta ter dinheiro. É preciso saber comprar. E não basta saber comprar... É preciso saber usar...

Um vestido, por mais bonito que seja, usado fora de ocasião, não enfeita. Pelo contrário. Um penteado “rico” pode ficar simplesmente “deslocado” se acompanhar um traje esporte, você sabe disso - e sabe que o dinheiro gasto no cabeleireiro será dinheiro perdido.

A verdade é que a gente se sente mesmo bem é quando se sente - “apropriada”, adequada.

A carne para o jantar é pouca? Use a cabeça. Quero dizer, ponhase a serviço da invenção de um menu que exija menos carne. Uma salada de berinjela, por exemplo, “aumenta” o prato principal. Arroz de forno é, muitas vezes, uma grande solução. E ovos? Uma omelete com legumes desfiados? E uma sopa de tomate que preceda o prato de carne e faça com que esta não precise mais ser tão abundante?

Você sabe se divertir? Pois até devia haver cursos para isso. Para muita gente, divertir-se significa fazer passar o tempo ou matar o tempo. Há outros que se divertem com a maior seriedade, e, ao menor contratempo, reagem ofendidos.

Há os que se divertem bocejando... Há os que têm medo de achar graça. Há os que levam para o divertimento uma tensão quase explosiva. Parece que o curso de divertir-se é uma necessidade. Mas curso divertido, é claro.

PARA DESCANSAR, ANDE - CM - 02 de setembro de 1960

O trabalho nobilita... mas deforma. As costas se arredondam, se a pessoa trabalha curvada; os tornozelos engrossam, trabalhando-se em pé; trabalhando o dia inteiro sentada, suas cadeiras ficarão volumosas.

O remédio - desde que não seja possível mudar o tipo de trabalho - é combater diariamente as deformações do seu ofício. Do contrário, dentro de dez ou vinte anos, algum ponto do seu corpo estará definitivamente prejudicado.

Como lutar contra o mal, pergunta você, cuja ocupação a mantém confinada e sedentária? As respostas são várias e todas elas simples.

Não passe seus domingos no cinema ou espichada na cama até tarde do dia. Viva, o quanto possível, ao ar livre, faça provisões de oxigênio que é como um banho interno. Purgue-se das suas toxinas com exercícios respiratórios. Procure praticar um esporte para combater sua deformação profissional: ande de bicicleta, se suas pernas não se movimentam o bastante, nade, jogue tênis, pingue-pongue ou bola, se suas costas se curvam.

Durante a semana, procure distender-se um pouco. Pode-se, mesmo sem parar o trabalho, descrispar os braços, as pernas, esticar as costas, pôr os ombros para trás - respirar.

Pela manhã, ao tomar banho, aproveite que a água quente amoleceu seus músculos para desenferrujar as regiões do seu corpo que “cansam” mais. Por exemplo, se seu trabalho a mantém curvada, faça movimentos com os ombros e exercícios abdominais. São, pelo contrário, trabalha em pé, deve procurar ativar a circulação das pernas com exercícios da parte inferior do corpo.

Utilize também seus trajetos de trabalho. Se forem curtos, faça-os corajosamente a pé, com um bom passo, a cabeça erguida, o corpo ereto. Se foram longos, caminhe pelo menos uma parte do caminho.

E não diga que fica cansada de andar. Quando anda, na realidade, está descansando.

CUIDE DE SEUS NERVOS - CM - 01 de janeiro de 1960

O bom humor, a compreensão, a alegria são virtudes que a mulher deve cultivar com especial cuidado, pois elas se refletem na pele, no brilho de seus olhos e de seus cabelos. O principal inimigo e obstáculo desses “trunfos” para sua beleza está em você mesma: os seus nervos.

O nervosismo produz insônia, e má digestão e esse estado de irritação constante que, além de prejudicar a aparência física de qualquer mulher, ainda a torna insuportável como companhia. Os homens detestam a mulher sempre irritada, irrequieta, geniosa. O que, quando não a faz perdê-lo para sempre, destrói a felicidade no seu lar.

Procure aprender a dominar-se, a deixar os problemas insolúveis do momento para quando puder resolvê-los, a controlar suas explosões de raiva, a evitar que pequenos dissabores a transtornem. Não seja pessimista, procure rir.

Quando insistimos tanto em que a mulher deve esforçar-se para preservar a sua beleza é porque, na verdade, a beleza feminina está de certa forma ligada à sua felicidade, pois está ligada à admiração masculina e à atração sobre o homem amado.

A mulher dominada pelos nervos não pode ser uma mulher bonita, ou, pelo menos, não tão bonita como o poderia ser. Se você não tem força suficiente para controlar-se e controlar seus nervos, procure então um médico, trate-se, obedeça-lhe as indicações, não apenas tomando remédios mas descansando bastante, alimentando-se de forma regular e sadia.

É preciso que você faça isso. É indispensável para a conservação de sua felicidade conjugal e do homem que você ama. Será difícil, no início, mas o bem que isso lhe fará compensará você de tudo.

CURA DE SONO - C - 20 de junho de 1952

Dormir é o melhor modo de se manter em forma. Não pense que o sono é tempo perdido: esse é um argumento que pessoas nervosas usam. Os que não querem se conformar com as regras do sono terminam por sentir algum desequilíbrio, em geral no sistema simpático, acusando injustamente fígado ou estômago.

Há vários modos de dormir mal. O mais comum é o de ir acumulando, pouco a pouco e sem sentir, noites não muito bem dormidas e terminar sentindo-se mal, sem saber por quê. Essa forma acumulativa de fadiga termina por fazer com que se instale no corpo e na alma um cansaço crônico, já mais difícil de combater.

Se você quiser, pode fazer uma cura de sono. Um mês, mais ou menos, desse tratamento - que é ao mesmo tempo uma cura de beleza - e você terá a impressão de que vem de longas férias.

O que fazer? Em primeiro lugar, corte o mais possível os compromissos noturnos muito demorados. Depois, tente levar uma vida sadia. Sobriedade é a palavra que resume essa vida sadia. Sobriedade na comida, sobriedade na bebida: ausência total de tóxicos, como álcool, café, cigarros. É necessário manter também higiene mental: aprenda a relaxar os nervos, a trancar os problemas antes de dormir. E a evitar discussões antes de ir para a cama.

Seu quarto deve ser arejado. Claro e ensolarado de dia, bem escuro à noite. Se você é friorenta, cubra-se com mil cobertores, mas não conserve a janela fechada.

Se seu quarto, de madrugada, é invadido pela claridade, durma com os olhos protegidos por uma máscara. (Você mesma poderá confeccioná-la, em cetim preto duplo com cordões de elástico.)

Os ruídos da rua ou da casa perturbam seu sono? Use algodão nos ouvidos, ou melhor, umas pequenas bolas de borracha que se encontram em boas casas de negócio.

A cura de sono deve ser natural, e não provocada por hipnóticos ou sedativos. Aprenda nesse tempo como dormir bem e nunca mais você esquecerá a lição.

PERSONALIDADE - CM - 02 de outubro de 1959

Existem dois tipos de personalidade, os introvertidos e os extrovertidos. O primeiro tipo é o da criatura cujos interesses estão voltados para dentro de si mesmo. Pertencem a ele, geralmente, as pessoas sem grandes responsabilidades, sonhadoras, espectadores e não participantes da vida. Os extrovertidos têm seus interesses em objetos e ações externas, geralmente são criaturas que lutam para viver tendo outros sob sua responsabilidade, são ativas, dirigentes.

O ideal é o meio termo, o equilíbrio entre o sonho e a realidade, entre a vida prática, externa, e o profundíssimo mundo interior. Aqui estão algumas sugestões para o desenvolvimento e equilíbrio de sua personalidade:

1) procure variar e ampliar suas atividades. A limitação de interesses torna você própria limitada;

2) tome decisões, com firmeza e confiança. A indecisão é a pior coisa do mundo;

3) modifique as opiniões próprias quando as razões que lhe apresentaram sejam justas e convincentes. A teimosia sem fundamento é sinal de pouca inteligência;

4) procure rir, ser alegre. O riso faz bem à saúde e aumenta a simpatia;

5) não remoa as suas raivas, que isso lhe faz mal. É muito natural que sinta raiva, vez ou outra, apenas não controle, deixe-se explodir para se ver livre dela;

6) não cultive com exagero o amor próprio e o orgulho. A admiração e o respeito alheios não podem ser exigidos, mas devem ser conquistados;

7) estude, procure instruir-se, interessando-se por toda espécie de leituras.

Com essas qualidades, você será você mesma, adquirirá autoconfiança, e, para sua própria surpresa, as vitórias se tornarão muito mais fáceis.

A QUE NÃO QUER SER “TROUXA” - (Nossa conversa) - DN - 15 de setembro de 1960

Quando a criança apanha porque disse que comeu muitos doces, da próxima vez comerá possivelmente os mesmo doces, tomando o cuidado mínimo de não

contar.

Quando o marido chega tarde em casa e diz que ficou conversando com uns amigos, a mulher faz tal cara de aborrecimento ou de dúvida que da próxima vez ele conversará com os amigos, mas dirá que foi retido pelo trabalho. Bem, um dia, a esposa descobrirá que não foi o trabalho. E, é claro, pensará também que não foram os amigos.

Quando a empregada diz que não comprou ovos porque se esqueceu, a patroa se sente de tal modo desconsiderada pelo que imagina ser desaforo ou pouco caso que a empregada quando se esquecer de alguma coisa, arranjará uma razão falsa, porém verossímil.

Depois que a rede de mentirinhas estiver traçada será difícil desmanchá-la - sem um trabalho enorme, sem algumas ofensas mútuas, sem ressentimentos e incompreensões. No entanto, a rede foi traçada principalmente pela desconfiança.

NÃO EXCITE A CRIANÇA - CM - 12 de outubro de 1960

Nunca se deve comentar, diante de crianças, acontecimentos impressionantes, como doença grave, morte, desastre. A criança, que tem uma imaginação fértil e saltitante, comporá com tintas fortes todo o acontecimento, virando e revirando em sua cabecinha os detalhes do caso. É como se tivesse presenciado o acontecimento.

Quando qualquer coisa impressionante acontece, que não pode ser oculto das crianças, procure dar ao fato um aspecto natural, evite comentá-lo com outros adultos e, se o fizer, que seja na ausência das crianças. Uma ou outra pessoa falará sobre o acontecimento e esse fatalmente será conhecido da criança. Você, então, usará como escudo para desviar a atenção da criança, palavras confortadoras, tirando do acidente o máximo de proveito, no sentido de servir como exemplo para possíveis perigos frente à criança. Seu procedimento calmo e natural dará à criança uma impressão menos desagradável ao fato e fará com que ela aceite o caso com certa naturalidade.

SE O SEU FILHO É “PROBLEMA” - CM - 06 de novembro de 1959

A culpa, minha amiga, é do método de educação que você está empregando. É preciso compreender o seu filho. E o caminho principal para chegar a essa compreensão é o amor. Amar um filho, porém, não é absorvê-lo, dominá-lo, moldá-lo às ideias e aos objetivos dos pais. Esse erro, muito comum entre pais que desejam ver seus filhos vitoriosos, provoca na criança ou no adolescente a reação para fugir à sufocante atmosfera do lar. A personalidade desses jovens quer firmar-se, e o faz, escolhendo caminhos quase sempre errados e prejudiciais a eles mesmos. Procuram agir “contra” os ensinamentos e as imposições dos pais, dando a impressão a estes de ingratidão, maus instintos e falta de sentimentos. Cria-se o ambiente de desconfiança e ressentimento mútuos.

Outro erro na educação dos filhos é o “respeito” levado ao excesso. Manter os filhos à distância, destruindo qualquer elo amistoso, torna pais e filhos estranhos entre si, criando na criança o sentimento de abandono e solidão. “Quando ele estiver maior para compreender-me...” é como alguns pais desculпам essa maneira de proceder. Errado. Quando a criança tiver se transformado em adulto será tarde demais. Nada mais poderá então uni-lo aos pais.

Também a bondade excessiva, a condescendência exagerada afetam e prejudicam o seu filho. Os pais que acedem a todos os caprichos infantis, que se lhes curvam sempre, passam a ser considerados pela criança um brinquete, quando muito um companheiro de brinquedos mais fraco. O filho não sente nos pais a proteção, a compreensão e o apoio de que precisa. Sente-se, pelo contrário, desamparado. Perde a confiança que deveria ter nos adultos.

Não se formulam leis gerais para a educação de uma criança. É verdade que existe a lei-base para todas, e que é a compreensão através do amor. Mas os métodos de aplicá-la variam de acordo com o temperamento, a sensibilidade, os sentimentos de cada um de nossos filhos. Cada criança é um mundo novo, e cabe aos pais descobri-lo para conquistá-lo e fazê-lo frutificar.

EDUCAÇÃO - CM - 10 de agosto de 1960

É preciso incutir nas crianças certas regras de boa educação que possam perdurar por toda a vida.

Procure treinar sua criança para que ela possa sair à rua e gozar as delícias de um passeio, sem estar a todo momento pedindo coisas impossíveis, ou insistindo em ficar em lugares inacessíveis.

Os jardins públicos têm os lugares próprios para brincar e aí a criança poderá se divertir à vontade, mas ao momento deve procurar não perturbar os mais velhos, espalhando terra pelos bancos, ou perturbando com gritos e interrupções a conversa dos adultos.

Com os amiguinhos deve procurar ser gentil e não forçar os outros a fazer suas vontades. As renúncias devem partir de todos os lados, para que haja contentamento geral. Uma criança que brinca com todos e não fica mal-humorada é uma companhia ideal e será sempre procurada pelos companheirinhos para fazer parte dos seus folguedos. Isso disciplina a criança, preparando-a para viver no mundo dos adultos, que é cheio de sacrifícios e concessões.

Enfim, a criança, tanto quanto permite sua idade e compreensão, deve ser ensinada a se adaptar às diversas situações com que se defronta, para que seu êxito futuro seja completo, proporcionando-lhe uma vida mais feliz.

PARA QUE SERVEM OS AMIGOS? - CM - 20 de julho de 1960

Esta é uma pergunta que costuma se fazer na crista de algum problema mais grave. Para que serve um amigo? Para socorrer nas ocasiões mais difíceis.

Não estamos de acordo com esse raciocínio utilitarista. O amigo pode servir, eventualmente, para uma grande necessidade, e isto é uma prova cabal de que a amizade é verdadeira. No entanto, ele servirá muito e também para os momentos de alegria, satisfação e para as horas serenas de confiança. Um amigo será tanto mais precioso quando conseguir provocar recordações as mais agradáveis nos que partilham da amizade. As longas horas de entretenimento, em conversa

agradável, os partidos tomados em favor do amigo, os pequenos sacrifícios.

Grande coisa, importante coisa é ter um amigo. Desses que têm a serena autoridade de divergir da opinião emitida sem que haja choque, sem que haja orgulhos feridos. Desses que se tem a certeza que acudirá em momentos difíceis, mas que desejamos jamais precisar lhes dar esse trabalho. Desses que não precisam passar pela prova dos "momentos difíceis".

A ARTE DE RECEBER OS SEUS AMIGOS - CM - 18 de dezembro de 1959

Fazem parte dos conhecimentos que uma mulher elegante deve ter o saber receber, servir e agradar suas visitas. Aqui estão alguns conselhos, que terão alguma utilidade: Se você vai oferecer um coquetel em sua casa, comece afastando a mesa para um canto da sala e sobre ela coloque os salgadinhos ou doces. A toalha deve ser de preferência toda branca, e os frutos vistosos e as flores servirão como ornamento. Estas, de seu gosto particular, colocadas no centro da mesa ou espalhadas artisticamente, darão o toque chique. Para tirar maior efeito, você deve distribuir os pratos de maneira que a própria cor dos alimentos ajude a decoração. Sirva, de preferência, aperitivos salgados e picantes, azeitonas recheadas, pasteizinhos delicados, pickles, sanduíches cortados pequenos, anchova, arenque, canapés de todas as espécies, queijos, camarões, salsichas, rabanetes, carnes frias e mais uma variedade enorme, que poderá escolher. Os palitos, para os convidados usarem para espetar os salgadinhos, podem ajudar também na arrumação da mesa, se forem de tipo plástico, coloridos, e devem ser colocados em paliteiros diversos. A variedade de pratos vai depender de sua preferência, naturalmente. Existem receitas deliciosas e muito fáceis.

O coquetel é servido geralmente à tarde, no princípio da noite, e podem ser precedidos por refrescos ou um ponche. Os coquetéis (bebidas) a serem servidos serão de preferência tipo “Seco”, e o uísque com soda ou apenas gelo também pode ser servido com sucesso. As bebidas são servidas em bandejas e levadas até os convidados, ou servidos num bar improvisado no local.

O gelo, dentro dos copos, não deve ultrapassar de 4 pedacinhos. Os copos de

uísque são grandes e sem pé, mas para os coquetéis são usados os cálices, de 5 a 7 centímetros. Se quiser servir doses maiores, pode usar também copos sem pé, dos pequenos.

EM SOCIEDADE - (Nossa conversa) - *DN* - 09 de novembro de 1960

Quando chega a hora das apresentações chega, para muita gente, a hora de gaguejar.

Às vezes até o nome das pessoas escapa. O remédio? Um segundo antes de esboçar o gesto de apresentação, rememore para você mesma os nomes - e, sentindo alguma dificuldade, ainda terá tempo de lembrar-se ou mesmo de disfarçar, prolongar um pouco o intervalo, e, se necessário, pedir a alguém que refresque a sua memória.

Que nome dizer antes? Começa-se pelo nome do cavalheiro, apresentando-o a uma senhora - exceção em caso de altos dignitários ou de senhores muito idosos, quando a senhora é quem lhes é apresentada. Uma senhora é apresentada a uma senhora mais velha.

E apresentam-se moças e senhoras casadas.

ECONOMIZE PARA HOJE - (Nossa conversa) - *DN* - 01 de julho de 1960

Economizar atualmente nem é questão de “guardar para mais tarde” - é poupar para dar conta do presente mesmo.

O que fazer para não gastar mais do que o necessário? Vou sugerir algumas medidas gerais que sempre terminam dando resultado.

Você precisa saber do preço dos gêneros. E do gás e da eletricidade. E você mesma é quem deve determinar, em linhas gerais, o cardápio da semana: a família terá refeições bem equilibradas sob o ponto de vista de nutrição, e sem

desperdícios.

Quanto ao vestuário, há pequenos cuidados que asseguram ao mesmo tempo economia e boa apresentação. Lavar com frequência as roupas de uso interno significa, além de bom gosto, conservá-las por mais tempo. Qualquer tecido se enfraquece se, na lavagem, é necessário esfregá-lo muito para torná-lo limpo.

Os sapatos, por exemplo. O melhor é não esperar para mandar consertar os saltos quando os sapatos já estão pedindo outros: um conserto feito a tempo prolonga a vida e o aspecto de qualquer coisa de uso. As alças das combinações - costuradas quando necessário, e não pregadas com alfinete. Além de ser feio, o alfinete termina por rasgar a fazenda. Os vestidos devem ser escovados e arejados antes de repostos no guarda-roupa.

As bolsas devem ser revistas, e retirado delas tudo o que for inútil. O inútil só faz deformar uma bolsa e prepará-la para ser jogada fora. Uma graxa incolor também pode ser aplicada no couro, conservando-lhe ou restituindo-lhe a flexibilidade.

Economia, quando não se torna mania nem usura, é fonte de sobriedade, e, é claro, de mais dinheiro.

BELEZA PARA SEDUZIR - (Nossa conversa) - *DN* - 17 de junho de 1960

Você já pensou em quanto tempo e dinheiro as mulheres gastam na beleza?

Quanto ao tempo, pelo menos metade das horas em que estão acordadas.

Tudo para o quê? Para conseguir a beleza pela beleza propriamente dita? Não, é claro. Para agradar e seduzir os homens, para se casarem com eles.

Os que lidam, como técnicos, com a beleza feminina acentuam a importância do uso da pasta de dente certa, do xampu correto, de perfume, batom, pó, desodorante, tecidos, couro, permanentes.

Esse não se explica muito bem, mas para ele a beleza feminina está numa indefinível qualidade (quase química) de atração. E os elementos dessa atração quase química variam em relação a cada homem.

Bom, mas o que fazer, então, já que uma jovem não pode assumir a estranha e impossível responsabilidade de agradar a todos os homens de uma só vez? Marlene Dietrich responde: “Uma mulher inteligente visa um único homem. Veste-se, anda, e fala para agradar exclusivamente a ele. Uma mulher tola visa todos os homens e geralmente não agrada a nenhum.”

Robert Palmer, um dos juízes em concursos de “Miss Universo”, diz que nesses concursos o que ele às vezes considerava uma beleza de tirar a respiração era considerado por outro juiz como um desastre.

Ainda Robert Palmer: “O que mais conta na beleza de um rosto são os olhos, porque têm linguagem própria e eloquente. São a chave da personalidade. Depois dos olhos, a estrutura óssea do rosto é o que mais importa. Mas tudo isso é superficial. A verdadeira beleza é muito profunda, e o homem que não é superficial pode encontrá-la e apreciá-la.”

AS HESITAÇÕES INÚTEIS - (Nossa conversa) - *DN* - 29 de abril de 1960

Quando você chega a dizer de um vestido: “Talvez eu ainda queira usá-lo algumas vezes, de modo que vou guardar”, é porque na realidade ele não serve mais para uma vez sequer. Está velho ou “demodé” ou com um ar de usado que não há ferro nem jeito nem tinturaria que tire.

Mas se pendura-o de novo no armário podem acontecer duas coisas; você esquecê-lo por dois inúteis anos ou, lá um dia, resolver usar, sair e como sempre será nesse dia que você encontra pessoas na rua e se encabula. Há também uma terceira hipótese, das mais cacetes, todas as vezes que você abre o armário para escolher uma roupa e esse vestido-problema provoca as hesitações. “Boto mais uma vez ou não? Hoje não. Mas por que não?” Enfim, uma dessas coisas enjoadas de vida diária. Quero dizer as hesitações inúteis que só fazem encher a cabeça de “sim ou não?”.

A verdade também é que a gente parece ter um gosto de usura em abrir um armário e vê-lo bem cheio. Agora pergunte-se: quantos desses vestidos você realmente usa? Se a resposta for antes meditada, será surpreendente. Tenho uma conhecida que descobriu apenas dois ou três vestidos de estimação.

O resto ela adiava tanto para usar que, pensando bem, não usava mesmo. O que fez então? Depois desse “inventário” objetivo, ela resolveu duas coisas:

1) precisava de mais uns dois vestidos de “uso real” desses que fazem alguma coisa por você, e não servem apenas para encher o guarda-roupa; 2) bastaria pensar um pouco e descobriria várias mulheres para as quais seus vestidos inúteis serviriam de agasalho e de alegria.

Então ela resolveu dar agasalho e alegria. E ela mesma ficou alegre.

VESTIDO DE CINEMA - (Nossa conversa) - *DN* - 24 de outubro de 1960

Estou falando de vestido de artista de cinema que a gente vê na tela, descreve bem para a costureira - e na vida diária não fica bonito.

O figurinista que desenhou o vestido para a tela sabe que ele será visto dos ângulos mais diversos e não apenas da altura dos nossos olhos, como a vida diária. Sabe que será iluminado para que se consigam efeitos especiais. Muitas vezes os tecidos são especialmente fabricados para filmes, misturando fios diversos (até de metal) para se conseguir a especial fotogenia do conjunto.

O figurinista da tela não cria apenas uma indumentária. É um criador de um personagem, um criador da segunda pele do ator - e quem admira é exatamente quem está sentado como espectador. Mas o mesmo modelo, copiado para a vida diária, poderá perder a magia e tornar-se um trapo...

PARA RATOS (OU MELHOR: CONTRA RATOS) - (Nossa conversa) - *DN* - 12 de julho de 1960

Até hoje não se sabe se os ratos vivem perto da gente porque somos criaturas simpáticas; ou porque eles nos classificam como “animais úteis”; ou se simplesmente somos um celeiro ótimo. Quem sabe se somos para os ratos um “mal necessário” - do jeito como se assustam conosco é de crer que eles ainda não descobriram um remédio contra pessoas.

Nem nós. Isto é, não descobrimos ainda o remédio perfeito contra ratos. (Quem for um dia passear na Urca, já que as autoridades não “passeiam” por lá, há de querer que o próximo Prêmio Nobel seja dedicado ao descobridor da morte rápida desses bichos.)

Matar talvez seja coisa que não nos compete. Mas pelo afugentar os ratos (eles irão para outras casas, de onde serão afugentados para outras etc. etc., até o infinito).

Humildemente, eis aqui um paliativo dos mais brandos para mandar os ratos para as casas dos vizinhos: colocar nos armários folhas de hortelã-pimenta. O segredo é simples, é modesto: rato não gosta de cheiro. Pimenta em pó também serve: espalha-se bem pelos armários, por exemplo. (Se o rato não vai embora, pelo menos espirra muito, e pelo menos tornamos sua vida insuportável.) Fora de brincadeira: parece que dá mesmo certo. E, se for hortelã-pimenta, dá um perfume agradável às coisas.

RETOQUES NO DESTINO

ARRANJAR MARIDO... - *CM* - 30 de outubro de 1959

Nós não estamos mais no tempo em que a única finalidade de uma jovem era arranjar marido. Não importava de qualidade fosse. Um marido era o objetivo. Felizmente, isso passou. Hoje, frequentando Universidades, libertando-se dos falsos tabus que faziam da mulher um ser inferior e eternamente submisso, o problema casamento passou a ser encarado de forma muito mais acertada e serena. Se uma jovem não encontra o seu ideal, não casa, pronto. Nada de mal lhe advém daí. A sociedade esqueceu o antigo preconceito contra as solteironas, e a mulher passou a ser respeitada pelo seu valor próprio, sem precisar de uma presença masculina a seu lado para se impor. Existem ainda algumas mocinhas antiquadas que vivem esse drama ridículo do “caçar” marido. A essas, gostarei de aconselhar a acompanharem a época. Que queriam casar-se, ter seus lares e seus filhos, é natural. Naturalíssimo. Mas escolham seu marido como o companheiro de sua vida, o homem que hão de amar e respeitar até o fim de seus dias. Nada de precipitação. Se o homem ideal não aparece hoje, aparecerá amanhã. Um erro na escolha de seu marido pode ser a causa de todo um futuro estragado. Não apenas do seu futuro. Mas também o de seus filhos.

OS NAMORADOS E OS PRESENTES - *CM* - 23 de setembro de 1960

É muito comum a troca de presentes entre jovens que se amam, e mesmo entre amigos. Naturalmente, tais agrados devem ser oferecidos na ocasião oportuna e, o que é mais importante, devem ser escolhidos de acordo com a intimidade e a extensão do compromisso que une os dois namorados.

Uma jovem que namora um rapaz ainda sem compromisso, poderá presenteá-lo com qualquer objeto que represente apenas uma lembrança e não um valor. Uma caderneta para anotações de endereço, um pequeno calendário para a mesa de seu escritório são mais apreciados do que presentes custosos e mais íntimos. Um jovem poderá dar presentes de mais valor à sua namorada, se assim o desejar, mas com essa atitude estará dando maior importância ao vínculo sentimental. Ela poderá interpretar tal gesto como um desejo de aprofundar a amizade, ou simplesmente achará que o seu namorado é “mão aberta”.

De um modo geral, a jovem deverá sempre esperar a iniciativa do rapaz, para então presenteá-lo, quer dizer, quem deve iniciar a troca de presentes deverá ser sempre o homem, e não a mulher.

QUAL O MARIDO IDEAL? - CM - 21 de setembro de 1960

Há mulheres que preferem os louros, outras preferem os morenos do tipo atlético. Isso de preferências físicas é fácil de escolher. O que importa saber é que tipo de homem uma mulher elegeria como o marido ideal. Que conjunto de qualidades, virtudes e aptidões precisaria ele possuir para satisfazer as exigências de uma esposa.

De acordo com a opinião de um grupo de moças, um marido deverá ser carinhoso e fiel. Esses são os principais atributos. Deverá ser também trabalhador, preferindo umas, depois dessa qualidade, que o marido em apreço seja ambicioso. Outras preferem que além de trabalhador seja pacato, amante do lar.

Portanto, carinhoso, fiel, trabalhador e ambicioso ou pacato, são essas as principais qualidades que um marido ideal deverá ter. Mas será que o marido ideal existe mesmo, ou só vive na imaginação das moças sonhadoras?

Não é tão difícil - achamos - encontrar um marido que preencha as exigências das filhas de Eva. Isso porque, quando um homem está apaixonado, ele consente em se tornar aquilo que sua amada deseja que ele seja. É pena que passado o período da paixão aguda, o homem volta a ser o que era, com todos os seus

defeitos e limitações.

AS MULHERES SÃO MAIS ASTUCIOSAS? - *CM* - 22 de janeiro de 1960

Em matéria de astúcia, parece que as mulheres ganham a palma. Os homens parecem não terem especial pendor por essa qualidade própria de gatos...

As mulheres quando não conseguem algo ou alguma informação diretamente, procuram, com manhas e meneios, saber o que desejam. Acabam, naturalmente, bem-sucedidas e isso graças à astúcia que usam para dissimular situações e se adaptar a elas.

Os homens quando desejam alguma coisa vão sempre por meios diretos, o que pode dar bons resultados ou não, enquanto que as mulheres não se arriscam a perder a partida e tomam todas as cautelas para que seus planos sejam vitoriosos.

Há mulheres que têm especial predileção por esses jogos indiretos e se saem com tanta habilidade de situações embaraçosas, que mostram extraordinário pendor para a espionagem ou outra atividade de semelhantes características.

Não há dúvida que a astúcia e dissimulação são armas autenticamente femininas e as mulheres fazem uso delas para vencer o combate travado na vida, principalmente contra as outras mulheres, quando o assunto é: homem!

EVA E O DINHEIRO - *CM* - 18 de janeiro de 1961

As mulheres gastam demais! Parece que as mulheres, mais do que os homens, têm a tentação de gastar. Talvez seja porque são elas que fazem as compras para a casa, ou porque tenham uma fraqueza toda especial por vitrinas bem arrumadas. O certo é que os comerciantes consideram as mulheres as grandes compradoras.

Os maridos costumam reclamar contra esse desejo de gastar, que é tão próprio

do sexo feminino e que acarreta tantos prejuízos para a família. No entanto, se atentarmos bem, as mulheres não gastam tanto assim e, se o fazem, é por necessidade. As aspirações de toda a família encontram eco no coração solícito da mãe extremada. Ora é o marido que deve usar uma camisa mais fina, ora são as crianças que precisam de sapatos ou que desejam presentes que estão sendo a coqueluche da cidade. Tudo isto precisa ser resolvido pela dona de casa que mantém sob seu controle os cordões da bolsa do lar. Comprará ou não comprará... eis a questão. Se o coração fraqueja um pouco, nem que seja por um minuto, as últimas reservas de resistência desaparecem e a mercadoria passa para as mãos da compradora. Muitas vezes tal concessão vai custar muito caro para equilibrar as finanças. Mas quem pode julgar o coração de uma mãe, quando deseja ver o sorriso de felicidade estampado nos olhos de um filho, nem que seja por um momento?

OS HOMENS E OS CONSELHOS FEMININOS - CM - 04 de março de 1960

O homem sempre acha que a sua opinião é a melhor e que portanto deve prevalecer, custe o que custar. A teimosia masculina neste particular é um fato já comprovado. Prova isto o conselho de um dignatário chinês, que sugere aos homens nunca aceitarem os conselhos das esposas, mesmo quando estas estiverem com a razão. Tanto pior para eles!

Se a mulher aconselha o marido a não comer tanto daquele molho, provavelmente ele comerá mais ainda e terá uma indigestão duas vezes pior, só para provar que a cara-metade não sabe o que diz.

Um caso típico dessa “alergia” masculina foi o que há pouco tempo aconteceu num tribunal: a esposa se queixava do marido surdo, porque todas as vezes que começava a falar qualquer coisa para o bem dele, na mesma hora o cabeçudo desligava o aparelho auxiliar da audição.

Pois se até o rei do Sião não pode compreender como uma mulher pode estar com a razão e o rei errado?

No entanto quantos maridos poderiam evitar situações embaraçosas e desagradáveis se ouvissem mais os conselhos das esposas.

Conselho é aquilo que não aceitamos porque desejamos experiência; e experiência é o que nos resta, depois que perdemos tudo o mais.

COMPREENDA O SEU MARIDO - CM - 04 de setembro de 1959

Não é tão difícil como parece. Desde que tratado com carinho, um pouco de mimos, raramente contrariado, todo homem é um anjo. Carinho não nos é difícil dar-lhe, se o amamos. Mimos... afinal, penso que é esse mesmo o destino das mulheres, não acham? Não contrariá-lo... aí está o problema. Nem sempre isso é fácil, e nem sempre também é possível. Contudo, devemos ter cautela, tato e inteligência, quando decididamente não podemos concordar com ele. Nunca fazê-lo com sobrançeria e severidade. Isso desperta no homem o instinto de luta, e nasce a discussão muitas vezes destruidora do seu lar. Os homens detestam as discussões ainda mais que nós, ou dizem isso. Não as enjeitam, porém, quando há uma pequena razão para elas. A mulher, pelo seu temperamento mais afetivo e predisposto ao perdão, esquece com facilidade as más palavras surgidas numa discussão. Com o homem não acontece o mesmo. Conheço alguns que tiveram seus casamentos arrasados por uma palavra ou uma frase impensada de sua mulher. Um desses, habitando a mesma casa que a esposa durante doze anos sem dar-lhe uma palavra, contou-me que se casara por amor, mas todo esse amor desaparecera no dia em que ela maldisse o seu casamento, e no auge de uma discussão exclamou: “Maldito o dia em que me fizeram casar com você.” “Fizeram-na casar.” E ela respondera que era uma criança, na época do casamento, e que os outros adultos eram responsáveis pela tolice. Não é tão grave, ou não nos parece assim, o que ela disse. No entanto, por essa frase, ela perdeu o marido, toda sua felicidade foi por água abaixo. Terminada a educação dos filhos, separaram-se definitivamente.

Cuidado, portanto, na maneira como trata seu marido, minha amiga e leitora! Pense no que será perdê-lo... e faça-lhe as vontades. Quando não, use de diplomacia e delicadeza. Garanto que é o melhor meio de domá-los.

RECIPROCIDADE - CM - 06 de fevereiro de 1960

A maior parte das mulheres sonha com o homem ideal. Para esse homem ideal, exigem físico atraente, personalidade, cultura, cavalheirismo e, quase sempre, dinheiro e posição social. Está certo. Ninguém vai desejar para companheiro um homem que não possua tais requisitos. Aceita-o, quando não há outro remédio, mas não o coloca no altar do ideal.

O que acontece, no entanto, é que quase nunca as mulheres pensam no que irão dar a esse homem, em troca de tantas qualidades exigidas. Um físico bem cuidado? Um espírito brilhante? Meiguice? Compreensão? A primeira qualidade usam-na, geralmente, apenas como arma de sedução, e, apanhado o marido, desinteressam-se dele. Continuam a enfeitar-se, sim, mas para os estranhos. Para o marido, não. Espírito brilhante? Não gastam essa riqueza com o pobre companheiro, de quem exigiram e continuam exigindo tanto; guardam seus ditos espirituosos, seu bom humor, sua alegria, para uso dos salões. Na intimidade, quase nem falam, ou se o fazem é somente para queixar-se das mazelas, dos aborrecimentos com as empregadas e da falta de dinheiro. A meiguice feminina transforma-se em ranzinze insuportável. A compreensão passa a ser lenda.

Vejamos, minhas amigas e leitoras, isso não é justo! Se um homem existe que merece de nós toda a simpatia, o carinho e todo o calor do nosso encanto, esse homem é o nosso marido que nos proporciona um lar, nos dá apoio nas horas de depressão, nos ajuda nas doenças, nos protege com o seu nome e a sua pessoa. Além disso, resta-nos ainda não esquecer que o fato de estar ligado a nós pela lei não o escraviza, e que outras mulheres há pelo mundo, também à procura do seu homem ideal, e que poderão desejar o nosso. Insatisfeito, sem nada receber do que se lhe deve, ele será presa fácil. E reconquistá-lo, depois de perdê-lo, é muito mais difícil do que qualquer uma de nós pensa. Quase posso dizer que é impossível.

RECEITA DE CASAMENTO - CM - 09 de março de 1960

Há muitas receitas para um matrimônio feliz como há inúmeras receitas para

um mesmo tipo de bolo, de torta ou pudim. Os ingredientes variam apenas ligeiramente, para que a uniformidade não se transforme em rotina.

Esta receita tem como pontos principais dois ingredientes: o desejo de acertar e a noção falsa da felicidade.

Os jovens nubentes que desejam sinceramente acertar, fazendo concessões razoáveis e não procurando medir o que dão na mesma medida do que recebem, têm um ponto muito importante a seu favor e poderão dizer que a batalha está meio ganha.

O segundo é um conceito mais arraigado: a falsa noção de felicidade. A maioria dos jovens está convencida que a felicidade entra em nosso coração por pura sorte, ou acaso, que não precisa de nenhum esforço de nossa parte e que se não casarmos com o homem ou a mulher do nosso destino não seremos felizes.

Tudo isto não passa de preconceito, ideias repetidas vezes sem conta, que acabam por receber guarida em nosso coração. A felicidade, para ser conseguida, precisa ser duramente perseguida, atraída por dezenas de meios e modos. Nada de sentar-se à espera que ela nos chame. Nós é que devemos acenar-lhe com uma vida ordeira, de objetivo equilibrado e razoável, com uma dose de sacrifício, e o coração cheio de otimismo.

OS FEIOS SÃO MELHORES MARIDOS? - *CM* - 07 de setembro de 1960

Não se pode colocar a questão em ângulo tão restrito, mas podemos argumentar, tomando o outro lado do problema, a respeito dos homens bonitos. Já se disse certa vez que os homens de bela aparência física são uma praga para a sociedade. Isso é uma crítica injusta e não isenta de inveja. Alguém já disse que uma disse bonita é um mal? Muito pelo contrário...

Na verdade, as probabilidades de um homem bonito ser um bom marido são menores do que as que enfrenta um homem com poucos atrativos físicos. Um homem tipo galã está sempre cercado de admiração feminina, e a admiração vai a tal ponto que muitas mulheres chegam a desprezar o fato do homem ser comprometido. A aparência física sempre exerceu uma profunda atração sobre as

mulheres em geral.

Se, de um lado, uma esposa casada com um homem bonito tem um justificado orgulho de ser acompanhada por ele e receber seu amor, por outro lado, viverá sempre em constantes sobressaltos, porque sabe que seu marido é terrivelmente cobiçado. Em compensação a esposa de um homem feio, sem ter a seu lado um galã, que atrai a atenção de todas as mulheres com quem cruza, terá uma vida mais tranquila e sem apreensões, pois sabe que seu marido quase passa despercebido.

NÃO É SÓ O PRÍNCIPE ENCANTADO - (Nossa conversa) - DN - 18 de agosto de 1960

Tanto se fala em moças que não escolhem bastante o companheiro de vida e que, por isso, falham no casamento - que a gente até esquece as que escolhem demais e ficam sem companheiro...

Quem sabe se você, sem mesmo ter consciência disso, continua à espera do príncipe encantado. E, quem sabe, você faz uma ideia vaguíssima do que é príncipe encantado, e não encontra em nenhum homem os sinais de um sonho que você sonhou quando tinha quinze anos. Se é este o seu caso, não é chegada a hora de viver na realidade? Não é uma paixãozinha o que melhor guia para um casamento. Se você tem ternura, não importa que sua cabeça não rode de paixão. Casamento também é amizade, também é delicadeza, companheirismo, e alegria serena.

AH... AS DEFINIÇÕES... - (Nossa conversa) - DN - 24 de maio de 1960

Às vezes entendemos tão bem as coisas, mas na hora de definir não conseguimos. Já pensei se seria incapacidade minha ou se é mesmo difícil a hora de definir. Ou as duas coisas.

Mas um dia desses vi uma definição tão indireta que cheguei à conclusão que

o jeito muitas vezes é contornar o assunto -, ao contorná-lo, quando se vai ver, a coisa fica dita. E a definição era das mais difíceis. Era sobre religião, dada por S. M. Shoemaker, no seu livro *A experiência da fé*.

Ele diz: “um homem não consegue descrever ou definir sua noiva, e muito menos o que sente em relação a ela, nem analisar o que é que faz com que ambos se gostem - embora o brilho em seus olhos e a dificuldade em achar as palavras sejam bem eloquentes. Pessoas e relações pessoais não se deixam enquadrar em definições precisas. Um fotógrafo consegue dizer-nos algo a respeito de uma pessoa. Mas um apaixonado termina por desistir:

- Não sei explicar, o jeito é eu lhe apresentar minha noiva.”

“E é isto”, conclui o autor, “o que temos a dizer a respeito de Deus.”

E com esta frase ele tenta nos apresentar Deus.

AS BRIGAS - CM - 31 de dezembro de 1960

Os casais que brigam eventualmente são infelizes? Há mulheres que começam a falar cedo, tentando implicar com o marido, e se esse consegue guardar um silêncio heroico, começam a acusá-lo de indiferente, cruel e marido que não presta atenção ao que diz a esposa. Essas mulheres, com tal atitude, estão apenas criando um enorme abismo entre elas e o marido, vítima da incompreensão e do egoísmo da esposa.

As brigas, no entanto, podem ocorrer, como fonte esclarecedora, ou para usar uma palavra mais moderna, para desrecalcar o cônjuge que se sente oprimido ou injustiçado, na ocasião. A briga sem grande consequência tem também o efeito de desanuviar um ambiente carregado. Se essas discussões versam sobre assunto corriqueiro, como a desatenção do marido ou o atraso da esposa ao encontro marcado, mais de duas horas; ou se o marido se queixa que não tem tido boas refeições ultimamente ou a esposa acha que seu marido a está esquecendo e não lhe dedica tanto carinho como antigamente, então não há receio de que se transformem em coisa mais grave e possam acabar em separação. São apenas conversas necessárias entre esposos para esclarecer dúvidas e tomar novas

diretrizes. São, por vezes, muito eficazes.

A GOTA D'ÁGUA - CM - 12 de agosto de 1960

Existe no matrimônio um ponto-limite, em que a tensão entre o marido e a mulher pode explodir com o menor incidente. Seria interessante, e útil, localizar, precisamente esse ponto-limite, mas não é fácil. Poderíamos mesmo citar vários motivos de divórcio julgados recentemente em tribunais americanos, sem, com isso, conseguir catalogar as razões que levam um casal a separar-se.

A humilhação, por exemplo, foi o que levou um marido a apelar para o divórcio. Sua esposa gostava de animais, contou ele ao juiz. O gosto em si não era censurável. Mas é que ela o obrigava a partilhar o quarto com um gato, um cachorro, um papagaio, três aquários de peixes e seis cobaias. Além disso, vivia dizendo-lhe que preferia a companhia dos animais à dele.

O que fez outro marido atingir o ponto-limite foi a idade ajustável de sua mulher. Antes do casamento, ela lhe dissera ter 39 anos. Depois, corrigiu o número para 49. “E é essa a verdadeira idade dela?” perguntou o juiz ao marido. “Não, tem mesmo 55 anos!”

Um dos motivos mais comuns de rompimentos matrimoniais é um dos cônjuges querer modificar o temperamento, hábitos e até gosto do outro. Um marido recentemente requereu divórcio porque, segundo ele, “minha mulher começou por impedir-me de tomar cerveja. Depois, fez me prometer não fumar mais em casa. Cedi a essas exigências, inclusive a de me abster de usar pijamas listrados; mas que ela resolveu interferir no meu gosto em matéria de gravatas...”

É laro que, na falta de gravata, qualquer outro artigo pode servir, desde que se tenha atingido o ponto-limite. Um casal chegou à conclusão de que era-lhe impossível a vida em comum porque os dois não afinavam como parceiros de jogo. Mas, evidentemente, antes do jogo, outros desentendimentos haviam surgido que se foram acumulando até formar a famosa gota de água que transbordou o copo...

ELAS MANDAM - *CM* - 14 de outubro de 1960

Que tolas são certas mulheres que ignoram serem elas as que mandam e governam!

À primeira vista, parece que o homem manda, mas é sempre a mulher quem decide. É também ela a que conquista.

Quando ela quer esconder alguma coisa, esconde com tranquilidade, consciente do seu poder e ascendência. Quando o homem faz algo de secreto, seja o que for, logo pensa: “Se minha mulher soubesse”. Isto revela que a mulher manda... e que o homem teme.

Por isto digo: Tola, não lutes por impor tua vontade, pois, ao final, tudo dará na mesma, e “ele” pensará como tu pensas.

Napoleão era um gênio, ninguém ousava falar em sua presença, porém na presença de Josefina, Napoleão se punha de joelhos.

Não grites para impor tuas ideias: atingirás o seu objetivo com bondade e ternura... Guerreando, jamais a mulher ganhou uma batalha...

INDISCRICÃO - *CM* - 23 de dezembro de 1959

Os homens dizem que nós, mulheres, não sabemos guardar um segredo. Será verdade isso? Plutarco já contava esta historieta, que não lisonjeia muito a nossa discrição: os senadores romanos iam reunir-se para discutir um assunto que não queriam tornar público. A esposa de um deles, muito curiosa, tanto insistiu com o marido, que este acabou por lhe contar que uma ave gigantesca passara sobre Roma, armada com uma lança e de capacete. O Senado ia reunir-se para saber com os sacerdotes se o fato representava perigo ou bom augúrio para o Império Romano. A esposa do senador, excitada com a notícia, correu a contá-la “em

segredo” à sua criada de confiança, que prometeu também não contá-la a ninguém. Ao chegar ao Senado para a reunião, o senador encontrou-o em alvoroço, e uma multidão à sua espera, desejando saber detalhes e exigindo a resposta dos sacerdotes para o estranho acontecimento. O senador desvencilhou-se como pôde, e, mais tarde, ao chegar em casa, foi chamar a atenção da mulher sobre a sua tagarelice. Esta, muito mulher, assegurou-lhe que não contara a nenhuma pessoa o segredo e se este se fizera público devia ser leviandade da esposa de outro senador qualquer, que não soubera calar-se. O marido disse-lhe então que toda a história do pássaro não passara de invenção sua, de última hora, para se ver livre da insistência dela, o que provava que a origem do boato só podia ser uma.

Plutarco conta isso naturalmente para nos desmoralizar. Mas será que eles, os homens, sabem guardar um segredo? Se não guardam nem os de suas conquistas... ou das conquistas que nem fazem!

A MULHER OU O OURO? - CM - 23 de março de 1960

Parece que diferem de povo para povo as fontes de inspiração para as suas obras de arte. A *Iliada* e a *Odisseia* tiveram como estímulo e razão de ser de seus heróis o amor. Já na Alemanha, o famoso Anel de Niebelungen conta a luta pelos tesouros, e lança deuses, uns contra os outros, pela conquista do ouro. O amor aí foi relegado a segundo plano. Será isso prova de que os alemães amam menos? Não creio. Embora menos românticos, não são eles insensíveis às loucuras de amor. Vale bem lembrar que foi o amor mais lírico de todos os tempos o que inspirou Goethe a escrever o seu *Werther*. No mundo atual, que dizer? A mulher, se não tratar de firmar seu prestígio, vai acabar mesmo ficando para trás. O dinheiro e o poder estão decididamente dominando mais os homens e o chamado “belo sexo” perdendo o “cartaz”. Decididamente, é preciso reagir, minhas amigas!

E O AMOR SE ESVAI - *CM* - 30 de setembro de 1960

Ter um amor! Amar!... Ser dono de um carinho!... Será que alguém imagina o que isso significa?... É como ter o sol irradiante dentro d'alma! É a alegria de andar sobre a terra, e a arte de voar nas nuvens. É o dom de tornar brandos ou duros os deveres...

Nossa existência converte em luz as opacas névoas, e nos alivia de tudo quanto está dentro ou fora de nós mesmas...

O amor concilia tudo, prendendo-nos à vida, e pondo-nos no coração o medo de perdê-la.

Utilizamos toda a energia material e espiritual que possuímos, nesse grande e profundo bem terreno.

Quantas vidas renascem por um pouco de amor; quantas ilusões tomam corpo...

Cuidemos muito bem do amor, que possuímos, pois se é verdade que ele nasce de menor coisa, também é verdade que se esvai sem facilidade, e qualquer coisa pode matá-lo; às vezes a falta de uma carícia; outras vezes uma simples corrente de ar frio...

ELES DETESTAM... - Aulinhas de sedução - *DN* - 09 de agosto de 1960

... combinação aparecendo, mesmo que seja bonitinha.

... cabeleira do tipo “existencialista”, que mais parece novelo embaraçado ou penteado “vira-lata”.

... bolsa que, por um instante aberta, dá a rápida impressão de uma miniatura de chiqueiro, com perdão pela comparação: contas antigas e amarfanhadas, pente com fios de cabelos, um pouco de pó derramado, lenço que deveria ter sido

lavado há algumas semanas, papeizinhos esparsos com mil anotações, batom com o estojo manchado de vermelho. Isso tudo de vez em quando acontece com qualquer mulher - o que não é permitido “sempre”.

... unhas com esmalte descascado, dando a penosa impressão de cicatrizes ainda não curadas.

O QUE ELAS DIZEM - (Nossa conversa) - DN - 09 de setembro de 1960

Mme. Jolie Gabor, mãe das três Gabor, e bonita como elas: “Se você quer ser amada em qualquer idade, comece por rasgar o calendário e jogar fora o relógio. Esses dois objetos são a obsessão errada da maioria das mulheres!”

Paulette Goddard perto dos cinquenta anos: “É preciso lutar pela juventude. Eu luto com auxílio da bicicleta!” (Com efeito, além de Marilyn Monroe, ela é a única a não se incomodar de passear de bicicleta entre os Cadillacs dos outros).

Marlene Dietrich: “Ser bela é faca de dois gumes. É preciso evitar que ela se vire contra você, com o correr do tempo. Eu compreendi muito cedo que a beleza não era o bastante para ser amada a vida toda. E comecei então a lutar...”

A CORAGEM - CM - 27 de julho de 1960

Quem é mais corajoso? O homem ou a mulher?

É muito simples. Fale em arrancar dente ou tomar injeção na veia. Aconselhe a um amigo e a uma amiga, igualmente, que devem tomar uma série daquelas injeções maiores, na veia, e verá a reação de cada um deles. Com frequência, um homem aparentará coragem até o momento de enfrentar a seringa, mas muitas vezes tem acontecido que desmaia com a simples aplicação de uma injeção intramuscular. Não é anedota, qualquer enfermeira poderá atestar o que se diz aqui.

O homem mais facilmente enfrenta uma situação difícil, em que uma mulher tremeria da cabeça aos pés, como um roubo em casa, ou um desastre, mas fica completamente desarvorado com uma dor de entes ou de cabeça. Tem-se como certo que é por faltar paciência e espírito de compreensão num homem, ao mesmo tempo porque tem menos oportunidade de adoecer, que ele reclama tanto quando sente qualquer coisa, mesmo insignificante.

Há, portanto, uma grande diferença, na coragem do homem e da mulher. A mulher tem coragem para o sofrimento, reage vigorosamente numa desgraça, mas corre de um ratinho, enquanto que o homem resolve problemas intrincados e sai de peito aberto em noite escura, atrás de um ladrão que tentou lhe assaltar a casa, mas geme perdidamente com uma dor de cabeça banal.

TESTE DE POLIDEZ - (Nossa conversa) - *DN* - 08 de julho de 1960

Não seja demasiado exigente com os modos “dele”. Mas se você quiser ajudar seu marido a parecer mais polido, faça com ele esse teste, e vejam os dois em que adiantamento ele está.

- Quando ele entra num restaurante com uma senhora, deixa sua companheira precedê-lo? (O homem entra primeiro no restaurante, para procurar a mesa).

- Quando sai do restaurante, vai à frente da companheira? (A senhora deve precedê-lo à saída).

- Quando passeia com uma senhora e um amigo, ele enquadra a senhora entre os dois ou anda junto do amigo? (A senhora fica entre os dois cavalheiros).

- Ele desce do ônibus ou bonde, antes ou depois de uma senhora? (Desce antes para ajudar a senhora descer confortavelmente).

- Quando os lugares no teatro ou no cinema estão no meio de uma fila, ele deixa a senhora precedê-lo? (Não).

- Que faz ele quando sua companheira cumprimenta, na rua, alguém que ele não conhece? (Diminui um pouco a marcha, para o caso da senhora querer parar um instante).

MARIDO E MULHER - CM - 20 de dezembro de 1960

As mulheres têm e deverão ter grande influência na vida do marido. Há um ditado antigo e pouco original que diz que “A mulher faz o homem.” Nada mais verdadeiro, pois a esposa, com seu amor e capacidade de organização, pode ajudar o marido a subir na vida, fazendo com que ele ganhe mais confiança em si.

Uma mulher que recebe o chefe do lar com um ar cansado, e desfiando a ele um rosário de lamúrias sobre seus problemas caseiros, brigas com as empregadas e as malcriações dos filhos, está entediando o marido e só conseguirá que ele se aborreça gradativamente do seu lar. Numa tal atmosfera, os aborrecimentos que o marido talvez traga da rua, suas preocupações, seus problemas, não encontram uma válvula de escape e aumentam, tornando-o mal-humorado, nervoso e pouco apto para resolver as situações que o aguardam no dia seguinte.

Que deverá você fazer para ajudar seu marido a progredir na vida? Primeiramente, deve mostrar-lhe por diversos meios que tem confiança nele: ao mesmo tempo deve tomar interesse por seu trabalho, ouvir suas longas dissertações sobre os acontecimentos do dia, e procurar manter sempre a casa limpa, apresentar refeições gostosas e agradáveis à vista.

VIDA EM COMUM - CM - 22 de julho de 1960

Os homens e as mulheres se aborrecem mutuamente! Quando se casam duas pessoas, elas concordam em viver juntas, olhar uma pela outra, e partilhar suas refeições, seus pensamentos, seus hábitos e suas férias, enfim, tudo, até a morte. Um mundo que não tem mais fim: - Nada de estranhar, portanto, que se aborream um ao outro.

Na realidade, cada homem precisaria de cinco esposas - uma que seria o encanto, outra que seria a dona de casa, uma terceira que seria o seu amor e,

finalmente, uma para escutá-lo com paciência. Por outro lado, a mulher também precisa de cinco maridos - o primeiro para ganhar dinheiro, o segundo teria que ser brincalhão, o outro um guarda-costas, o quarto carregador, e o último para diverti-la.

Robert Louis Stevenson disse, certa vez, que duas pessoas que vão viver tantos anos juntas têm que ter uma certa dose de inteligência para não se aborrecerem até a morte. De acordo com os psicólogos, um indivíduo do sexo masculino passa geralmente 1/3 de seu tempo sentindo-se aborrecido enquanto que as mulheres se aborrecem com muito maior frequência. Uma esposa em cada sete tem aborrecimentos crônicos e está sempre achando que precisa mudar de ambiente, conversar com outras pessoas e ver coisas novas. Só mesmo quando duas pessoas têm muitos interesses em comum e mútua tolerância é que podem viver juntas sem períodos de desânimo.

Por outro lado, num caso de desquite, o marido disse ao juiz: “Ela não sabe falar de outra coisa a não ser de cozinha. Não consigo olhar para ela sem bocejar.” Pobre mulher!

ELES DETESTAM... - Aulinhas de sedução - *DN* - 03 de agosto de 1960

... camadas superpostas de esmalte sobre as unhas, emprestando a estas um ar de velhas garras gastas. Quando o verniz está descascando, e não há tempo de renová-lo, é melhor tirar tudo que tentar corrigir com emendas.

... mulheres que se penteiam à mesa do restaurante. Retocar o batom ou empoar-se muito ligeiramente é tolerável à mesa. Mas pentear-se, nunca mesmo.

... mulheres que fazem mil caretas para passar o batom. Inútil ser linda um minuto antes e um minuto depois, se de repente acontece essa coisa inesperada: uma cara fazendo ginásticas incríveis.

... moças que passam pó no rosto, desse modo discreto: sacudindo a esponja antes de usá-la e levantando uma nuvem que empoa também a roupa do cavalheiro.

... travesseiro cheio de marcas de batom só porque madame não retirou seu

“maquillage” antes de dormir.

A ILUSÃO DA GENEROSIDADE - CM - 17 de dezembro de 1960

Todos gostamos de dizer que somos generosos e desprendidos, mas se nos analisarmos com objetividade, chegaremos à conclusão que o primeiro amor, a primeira generosidade, a grande preocupação é por nós mesmos. Quando o “eu” tem tudo, quando o “eu” está contente, então começamos a ser generosos com os outros. A ninguém amamos tanto como a nós mesmos; somos o nosso grande amor.

Quando estamos apaixonados, não amamos porque nosso carinho dá felicidade à outra pessoa, mas sim porque isto nos traz felicidade. Se se trata de defeitos, julgamo-nos sempre isentos deles. Se são virtudes, estão tacitamente incluídas na opinião que formamos de nós mesmos.

Raramente temos a coragem de perguntar: “Por que estou fazendo isto? Por mim ou pelos outros?” Sempre a consciência nos responderá: “Por ti; se não te agradasse e não te desse vantagem, não farias.”

Os mais generosos são culpados deste pecado. E os que o ignoram ou negam, é porque não possuem o valor e a coragem de reconhecê-lo.

GENEROSIDADE - CM - 29 de junho de 1960

Serão os homens mais generosos do que as mulheres? Um mendigo profissional costumava dizer que as mulheres não são generosas como parecem. Costumam ser muito mais avarentas. Dão conselho em vez de dinheiro. Quanto aos homens, são muito mais fáceis de dar esmolas, principalmente quando estão acompanhados.

Aliás, essa generosidade quando estão acompanhados é apenas um esforço para impressionar a namorada, portanto não se devia contar como um ponto

favorável.

Conta-se o caso, por exemplo, daquela mulher que foi obrigada a separar-se do marido, porque o mesmo por medida de economia não permitia que ela comesse sobremesa. Impreterivelmente todos os dias, arranjava uma discussão na hora do jantar, logo depois do prato principal.

Mas os porteiros e empregados em geral estão de acordo em que as mulheres dão gorjetas muito pequenas em comparação com as que dão os homens.

Em compensação, os homens não deveriam ganhar tanta fama de generosidade, apenas porque gastam mais dinheiro saindo com a namorada ou comprando-lhe umas orquídeas, quando senão poderia dar-lhe nem uma margarida. Desde pequenos que os homens sentem essa necessidade de “se mostrarem”, principalmente diante de uma garota.

A verdade é que a generosidade real não pode ser julgada por tais aparências exteriores. O único lugar onde um julgamento desses pode ser feito é na intimidade do lar - e aí, ambos os sexos se equivalem.

VOCÊ ESTÁ PRONTA PARA CASAR-SE? - *DN* - 10 de agosto de 1960

Quanto maior número de vezes você responda “sim” às perguntas que se seguem, mais pronta você está. Só vale o “sim” verdadeiro, sincero...

- Você acha que ter namorados está perdendo a graça?
- Sente que pode resolver problemas sem consultar sua mãe ou seu pai?
- Você e seu noivo já concordaram quanto à religião?
- Você evita planos de reformar ou corrigir seu futuro marido depois do casamento?
- Você acha que terá prazer em ficar muitas noites em casa, ocupada com pequenas tarefas domésticas, se não estiverem ao seu alcance muitas saídas?
- Se casar-se agora significasse, por razões financeiras, viver com seus sogros, você preferiria adiar o casamento?

- Você dispensaria um vestido novo ou um artigo de luxo em favor de um objeto para a casa?
- Você adiaria a “casa ideal” em prol da casa prática e realística que suas posses permitem?
- Você estudou o custo de vida em relação ao dinheiro de que dispõem depois do casamento?
- Você e seu noivo acham certo o exame pré-nupcial?

INUTILIDADE - CM - 12 de outubro de 1960

Quando fazemos tudo para que nos amem... e não conseguimos, resta-nos um último recurso: não fazer mais nada.

Por isto digo, quando não obtivermos o amor, o afeto ou a ternura que havíamos solicitado, melhor será desistirmos e procurar mais adiante os sentimentos que nos negaram.

Não fazer esforços inúteis, pois o amor nasce, ou não, espontaneamente, mas nunca por força de imposição.

Às vezes, é inútil esforçar-se demais, nada se consegue; outras vezes, nada damos e o amor se rende aos nossos pés.

Os sentimentos são sempre uma surpresa. Nunca foram uma caridade mendigada, uma compaixão ou um favor concedido.

Quase sempre amamos a quem nos ama mal, e desprezamos quem melhor nos quer.

Assim, repito, quando tivermos feito tudo para conseguir um amor, e falhado, resta-nos um só caminho... o de mais nada fazer.

AULAS DE SEDUÇÃO

SEDUÇÃO E FEMINILIDADE - CM - 30 de dezembro de 1959

A sedução da mulher começa com a sua aparência física. Uma pele bem cuidada, olhos bonitos, brilhantes, cabelos sedosos, corpo elegante, atraem os olhares e a admiração masculina. Para que esses olhares e essa admiração, porém, não se desviem decepcionados, é preciso que outros fatores, muito importantes, influenciem favoravelmente, formando o que poderíamos chamar a “personalidade cativante” da mulher.

A alegria, a delicadeza e a feminilidade nos gestos, nas atitudes, nas palavras, por exemplo. Uma criatura alegre predispõe sempre os outros à simpatia, desde que não seja uma alegria ruidosa ou vulgar. A moça tristonha, desinteressada de tudo, de ar doentio ou entediado, aborrece sempre aos homens. E eles fogem dela como de um castigo.

A feminilidade é outra qualidade positiva. Muitas mulheres modernas adotam atitudes masculinizadas, palavreado grosseiro, liberdade exagerada de linguagem ou de maneiras, e julgam que isso é bonito, que vão encantar os homens. Engano. Até hoje não consegui um só homem que não confessasse preferir a feminilidade a todas as demais virtudes da mulher.

Outro fator de sedução é a personalidade. Não a personalidade que se impõe aos gritos e com exigências, mas uma personalidade que forma ao lado da de seu companheiro, ajudando-o, incentivando-o, compreendendo. Nunca diminuí-lo, nunca recriminá-lo porque não é brilhante, não é rico ou atraente como outros que conhece. Uma personalidade formada de um pouco de vaidade, um pouco de coqueteria, um pouco de malícia risonha, um pouco de ternura, um pouco de abnegação. E muito, muito de feminilidade.

A COR DO GLAMOUR - CM - 08 de novembro de 1960

Tecnicamente, o preto é a inexistência. Mas, em termos de moda feminina, é a cor do momento, ultrapassando as outras todas em sedução e elegância. Deixando de ser agora uma prerrogativa do inverno, é a cor que será usada também neste verão, não de maneira clássica e discreta, mas para ser ultrachic e encabeçar as tendências da moda. Aliás, qual mulher que não se sente atraída por ela? Tanto as loiras como as morenas, é a cor do charme, da personalidade. Conforme sua aplicação, pode ser suave, ousada, marcante, pura ou violeta.

Mas, atenção!!! É uma cor que não suporta a mediocridade. Cuidado se sua pele estiver sem viço ou se você já ultrapassou os 40 anos. O preto exige uma maquilagem impecável, um aspecto “soigné”, cabelos bem penteados. Madeixas caídas nos ombros, cabeleiras revoltas, são um veneno para o preto. Se a sua tez está perdendo o tom quente que lhe emprestou o sol, se você se sente “cinzenta”, não hesite em, nesse momento de transição, recorrer a algum produto que lhe dê artificialmente uma pele dourada, ou faça sua maquilagem com uma base que iguale as manchas.

Suas sobrancelhas e pestanas devem estar impecavelmente escovadas e maquiladas. Escolha uma “sombra” clara ou mesmo prateada para as pálpebras, em harmonia com a tonalidade de seus olhos. E abandone o batom muito claro. Um batom vivo faz destacar melhor a cutis e o preto de um vestido. Um vermelho puxado para o azul assenta muito bem à sua pele cor de marfim. Se seus cabelos são ruivos ou de um louro avermelhado e a sua pele dourada, escolha um batom alaranjado, porém não muito.

Excusa dizer que mãos e unhas maltratadas enfeiam o preto, bem como luvas e bolsas manchadas. Mas isso, como nenhuma de vocês ignora, se aplica a todas as cores. Quando, porém, escolhe o preto - a cor, nítida, impecável, mais sedutora, a mulher tem a obrigação de ser, mais do que nunca, nítida, impecável, sedutora.

PERFUME, A MAIS ANTIGA DAS ARMAS - *CM* - 13 de maio de 1960

É arma, sim, mas daquelas que você precisa usar traiçoeiramente. Certo tipo de honestidade, em matéria de truques de sedução feminina, é contraproducente. Você não poderá, por exemplo, perfumar-se diante do “ser amado”, porque, em vez de estar usando uma arma, estará apenas demonstrando como se usa...

Há desonestidade nesses cuidados estratégicos? Não, pois perfume é coisa que se anuncia por si mesmo: todos sentem que você se perfumou, e não há como desmenti-lo.

Não se trata, portanto, de esconder a realidade. Trata-se de cercá-la de um esquivo mistério. Perfumar-se diante de um homem seria, por assim dizer, como oferecer-lhe um vidro de perfume. E o que este tem de fazer por você é misturar-se de tal modo a você mesma que sua presença seja imaterial e se torne parte de sua personalidade.

E personalidade também é uma coisa sutil. Personalidade é aquilo que, embora indefinível, faz de você uma presença.

Cerque sua presença de um halo de perfume, e você estará se cercando de seu próprio mistério - você não estará mentindo, estará dizendo a verdade de um modo bonito.

E é por isso mesmo que, se você fizer do perfume mais do que um leve halo, estará apresentando o perfume, e não a si mesma.

O PERFUME DEVE ANUNCIAR A PRESENÇA DA MULHER - Aulinhas de

sedução - (Cursinho sobre perfume) *DN* - 09 de junho de 1960

O perfume que você usar deverá ser como uma emanção de sua personalidade. E não como os eflúvios de um perfume. (sic)

Usar um perfume que “dá certo” em sua amiga, mas que não se adapta a você, é como cumprimentar com chapéu alheio.

Quantidade? Você não é um frasco, é uma pessoa. Você é um anúncio de perfume? Você é apenas perfumada.

Não deixe seu perfume entrar numa sala muito antes que você mesma. O perfume deve envolvê-la, não precedê-la. Isto se chama usar um perfume discretamente.

O perfume acentua sua presença. Você gostaria de ser “acentuada” aos gritos? Muito perfume significa para o olfato o que a voz alta estridente significa para os ouvidos.

O MISTÉRIO DO PERFUME - Aulinhas de sedução - (Cursinho sobre perfume II) *DN* - 10 de junho de 1960

Não aplique perfume na roupa. Você estragará ambos.

A roupa pode manchar. E o perfume termina por ficar muito cru e sem mistério. O mais recomendado é passar o perfume na pele. Esta absorve-o, e o resultado é mais pessoal. Você ganhará um perfume que ninguém tem totalmente igual, pois nem todos têm sua pele, com seu odor próprio e com seu grau de calor. Sua pele absorve o perfume e devolve-o com acréscimo de você mesma. Daí em diante, o perfume não se chamará mais, digamos, “Me adorem, por favor”, mas passará a se chamar “O me adorem, por favor, da Maria” - isto na suposição de que uma de vocês se chame Maria.

Entre passar perfume na roupa e na pele, há uma diferença mais ou menos comparável àquela que existe entre um vestido pendurado no cabide e usado no corpo.

PERFUME E VENENO - Aulinhas de sedução - (Cursinho sobre perfume III)
DN - 11 de junho de 1960

Talvez seu tipo combine com um perfume penetrante, envolvente. É, mas não dá certo usá-lo para um almoço ou jantar. Você envenenará a comida, e tirará a fome das pessoas ao seu lado. Depois de tal almoço ou jantar, haverá certa confusão: as pessoas pensarão que comeram um assado com cheiro de jasmim, digamos, ou que você tem um perfume engraçado de assado. Enfim, não dá mesmo certo.

Se seu tipo combina com perfume doce, a coisa não melhora muito. Maionese com perfume doce? Não vai mesmo.

O que usar, então? Um perfume bom mas que não “domina”. Alguma coisa que de vez em quando “vem”, de vez em quando “some”. Talvez o mesmo perfume, penetrante ou doce, sirva muito bem: depende da quantidade aplicada.

FRASCOS - Aulinhas de sedução - (Cursinho sobre perfume IV) *DN* - 13 de junho de 1960

Prefira vidros pequenos, quando comprar perfumes. O conteúdo dos grandes evapora-se antes que você tenha tempo de usá-lo.

Não só evapora. Mas se altera com o tempo. Torna-se às vezes de algum modo oleoso, pesado, e bem desagradável. Você usará o vidro pequeno completamente; mas o grande se perderá à toa.

Não guarde vidros de perfume em lugar exposto ao sol: a essência altera-se sob o calor.

Não guarde o vidro de perfume em lugar de muita luz: a claridade transforma o perfume.

Quando comprar perfume, não experimente muitos na mesma hora: seu nariz fará grande confusão, e você não saberá bem o que está comprando.

COMO SE PERFUMAR - Aulinhas de sedução - (Cursinho sobre perfume V)
DN - 15 de junho de 1960

Uma gota atrás de cada orelha. Outra gota em cada pulso. Uma ou outra na nuca. Se quiser, outras duas no interior do cotovelo - e com esse estranho “interior do cotovelo” quero dizer nas dobras dos antebraços com os braços. Uma gotinha nas têmporas. E assim, a cada movimento seu também o perfume se movimenta.

De um modo geral é preferível um perfume mais para seco do que para doce. A menos que seu tipo exija, pela sua doçura de índole e de intenções, uma essência realmente doce.

Na verdade perfume é mesmo questão de gosto, e você está livre para escolher o que lhe agrada.

Mas não é só questão de gosto: é de ocasião também. Você nunca deve usar um perfume mais pesado, à base de almíscar, para fazer esporte, por exemplo, ou para um passeio ao ar livre. A languidez que tais perfumes comunicam tiraria o ânimo dos outros esportistas, ou dos que se propuseram a uma caminhada de quilômetros.

QUALIDADES PARA TORNAR A MULHER MAIS SEDUTORA - *CM* - 22
de janeiro de 1960

Os tempos modernos trouxeram a emancipação da mulher em quase todos os campos. Eis um grande bem. No entanto, muita confusão se faz em torno disto e o que se vê é que muitas representantes do sexo feminino entendem que ser emancipada e ter personalidade marcante é imitar os homens em todas as suas qualidades e defeitos. A agressividade, o hábito de tomar atitudes pouco distintas

em público e muitas outras coisas vêm prejudicando a beleza da mulher e tirando-lhe o predicado que mais agrada os homens: sua feminilidade. A faculdade de ser diferente dos homens em atitudes, palavras, mentalidade.

Temos em mãos uma lista de qualidade essenciais a uma mulher, que não só a fará encantadora, como é o que é mais importante, aumentará sua atração junto ao elemento masculino.

A mulher deve ser primeiro que tudo feminina. Deve ter habilidade de se controlar a ponto de deixar que outras pessoas se tornem mais importantes que ela dentro do seu estrito meio de relações. Inteligência e senso comum devem ser duas qualidades imprescindíveis à mulher. A mulher deve possuir senso de humor e dignidade e deve saber resguardar sua individualidade. A única qualidade que a mulher não precisa ter é... lógica.

O QUE É “SEX-APPEAL” (I) - Aulinhas de sedução - *DN* - 10 de outubro de 1960

Não se analisa, não se copia; até mesmo a expressão é intraduzível para qualquer outra língua.

É a atração. Olhe bem para Brigitte Bardot, no cinema, nos retratos. Seu rosto, seu corpo estão muito longe dos cânones de beleza. No entanto ela atrai extraordinariamente. E Marilyn Monroe? Se você a examina bem, vê seus defeitos físicos. Mas tudo o que ela faz, subjuga, fascina.

A questão é: pode-se conseguir “sex-appeal”? pode-se adquirir o fluido magnético?

Que é que você acha?

A BELEZA EXPLICA O “SEX-APPEAL”? (II) - Aulinhas de sedução - *DN* - 11 de outubro de 1960

A beleza não explica. Marilyn Monroe, por exemplo. Ela encarna o “sex-appeal” no estado natural, aquele que não se pode adquirir. Do mesmo modo que, no passado, ninguém pôde igualar o poder de sedução que foi o apanágio de Eve Lavallière, de Mãe West, ou de Marlene Dietrich.

Se você procurar imitar esse poder misterioso e inato, não conseguirá. O “sex-appeal” não se transmite.

Você pergunta, então a mulher que não tem, por natureza, “sex-appeal”, está condenada a jamais experimentar o mistério de ser sedutora? Edwige Feuillère, a grande atriz francesa, acha que quem não tem, não tem - e acabou-se. Mas a famosa vedeta Line Renaud afirma: há dez anos eu não era nada, há dez anos que me aperfeiçoo, e veja o que sou hoje! Bem, hoje Line Renaud é o próprio “sex-appeal”!

DESCOBRINDO O PRÓPRIO “SEX-APPEAL” (III) - Aulinhas de sedução - *DN* - 14 de outubro de 1960

Às vezes basta um “nada” - e a descoberta foi feita. Há mulheres que, acentuando um mínino de detalhe, o transformam em arma de sedução.

Lembre-se: não é necessário uma transformação radical, pelo contrário. A modificação é quase invisível: trata-se às vezes do comprimento adequado da cabeleira, de uma nuca bem “acabada”, de um “maquillage” mais sabido dos olhos, de um desenho mais generoso dos lábios - tudo depende da matéria-prima que é você mesma.

Uma mulher que anda curvada talvez se transforme toda quando aprender a andar melhor. Uma mulher que se veste de um modo impessoal talvez com um mínimo de coragem seja mais individual.

Do momento, aliás, em que você se convence de que você mesma é a sua própria matéria-prima, desse momento você já começou a ter um novo encanto...

COMO SER ATRAENTE (IV) - Aulinhas de sedução - *DN* - 13 de outubro de

1960

Para começo de conversa, você ficará realmente desnorteada se pensar que uma mulher atraente atrai todos os homens. Não creia que seu encanto possa sensibilizar indistintamente morenos e louros, esportivos e boêmios.

E, estabelecido que não adianta copiar o “sex-appeal” de outras mulheres - e, sim, criar o próprio - o que você pode começar por fazer é examinar-se metodicamente. E descobrir as características que você deve e pode acentuar.

Faça a descoberta de si mesma - e aos poucos você descobrirá que é mais seguro e compensador valorizar-se, do que ser hoje um carbono manchado de sophia Loren, e amanhã outro carbono manchado de Lollobrigida. Livre-se da “obsessão-vedete”, e você encontrará o seu próprio caminho.

SEMPRE MULHER ATRAVÉS DOS TEMPOS - *DN* - 21 de setembro de 1960

Mais pura que uma pintura - pela Idade Média a ideia de beleza mudou drasticamente.

Inspiradas pelo que o gentil homem considerava perfeição, como lutaram para santificar seus encantos bem mortais!

O que faziam? Quase que arrancavam fora as sobrancelhas, o que lhes dava suavidade aos olhos. Raspavam a linha de nascimento dos cabelos, afastando-a bem - e o resultado era uma testa bem mais ampla, bem mais nobre.

E empoavam os rostos até conseguir a palidez que, na Renascença, ainda foi mais louvada.

SEJA IRRESISTÍVEL - Aulinhas de sedução - (A professora é você - I) - *DN* - 02 de junho de 1960

“Ela não é bonita, mas...” É, mas é sedutora. A beleza apenas não interessa aos homens. E nas amizades, também não é a beleza que conta. O “sex-appeal” interessa por pouco tempo, é fogo de palha. Mas a sedução prende. É coisa mágica: envolve, mesmo que não se entenda de que modo. Talvez você não seja bonita. Não tem importância. Você pode ser irresistível sem ter beleza. Depende de você, em grande parte. Esta é a primeira aulinha. Talvez você pense que não aprendeu nada de positivo. Mas aprendeu, sim. Aprendeu que ser amada não depende de beleza.

AMOR VERSUS IDADE - (Nossa conversa) - *DN* - 08 de setembro de 1960

Os especialistas no assunto afirmam que a mulher moderna prolongou de vinte anos o período mais rico de sua vida, o da sedução. E tudo isso afirmado com base biológica.

Segundo as estatísticas, a longevidade humana foi consideravelmente aumentada: no século XVII, a maioria das pessoas morria pelos trinta e cinco anos, enquanto atualmente a data fatídica gira em torno dos sessenta e cinco. Hoje a mulher de cinquenta não é mais velha do que uma mulher de vinte e nove anos de 1830, ou de trinta e cinco anos em 1990.

Conselhos da médica Anna K. Daniels: “Interesse-se pelo que a rodeia. Uma vida psicologicamente pobre é uma vida que tem pouco contato com a dos outros. Uma vida rica e feliz atrai. Viva de um modo útil, prestando serviços. Não abandone suas atividades (ou o mais tarde possível). Se você se aposentar, que seja para ir ao encontro de alguma coisa e não para abandonar alguma coisa.”

Convença-se de que, se as mulheres mudam, também os homens evoluem com a idade, nos desejos e nas exigências. O amor que eles reclamam se alimenta mais de compreensão, de presença. Deseja uma plenitude sentimental mais delicada, mais profunda. A dra. Daniels cita a fórmula de Saint-Exupéry: “Amar não é olhar um para o outro, mas os dois olharem na mesma direção.”

EQUILÍBRIO ENTRE VIVACIDADE E CALMA (IV) - Aulinhas de sedução - *DN* - 06 de junho de 1960

Ninguém quer ser “mosca morta”, nem parecer desenho de flor na parede. A gente quer estar viva, e transmitir vida. Mas isso não quer dizer que a gente se transforme numa “pilha de vivacidade”. Por exemplo: ensine às suas mãos a ficarem imóveis quando estiverem desocupadas. O nervosismo é um dos grandes inimigos da sedução. Falar com a boca é muito mais eficiente do que falar com gestos. E, por falar em mãos, lembre-se de que unhas femininas não são garras afiadas. Mesmo que você tenha simbolicamente garras, disfarce. Também não pense que simplicidade é ter mãos de cozinheira. (Você hoje relembra que o equilíbrio é coisa tão rara que, por isso, nem toda mulher é sedutora.)

ELEGÂNCIA E BELEZA - (Nossa conversa) - *DN* - 12 de maio de 1960

Muitas são as mulheres que cuidam da pele, escovam os cabelos, vão a costureiras e preocupam-se em geral com a aparência. Pouquíssimas, no entanto, revelam qualquer inquietação quanto à linha da coluna vertebral. Falar na coluna vertebral a surpreende. No entanto, se você pensa em elegância e beleza, pense também que não há renda, veludo ou joia que disfarce uma posição má do corpo. quem não sabe ficar de pé ou andar ou manter a cabeça, deveria meditar um pouco nisso. Não estou querendo que você aprenda a desfilar. Mas lembre-se de que a postura errada do corpo é fonte de mal-estar e, com o tempo, pode se tornar definitiva. Todos os órgãos ficam um pouco alterados e até no rosto isso se reflete. Lembre-se também de que “andando bem”, a mulher infunde confiança, otimismo. E, certa de que uma silhueta quem quer ser jovem, fique arrumada, sem encurvamentos diminui anos na aparência (sic). Não há beleza que resista a uma figura aquebrantada e relaxada.

Para ajudar quem precisa de um corretivo de posição, eis alguns exercícios:

1 - Posição de partida - Calcanhares juntos. Eleve os braços retos até o nível da cabeça. Depois incline o torso, projetando os braços para adiante, cuidando em que as pernas se conservem tensas. Os braços e os ombros devem fazer uma

linha horizontal perfeita.

2 - Conseguida essa posição, e repetida, tente uma variante: flexione uma perna para a frente e depois a outra, conservando a horizontalidade dos braços. Execute esses movimentos várias vezes.

3 - O terceiro exercício exige o ponto de partida do primeiro, com os braços dobrados e pregados ao corpo, os punhos à altura dos ombros. Incline o torso para a frente e para trás, em movimento elástico e sem rigidez.

4 - O quarto exercício é idêntico ao descrito, mas você o executa sentada no chão, com as pernas esticadas e bem juntas. A flexão do busto, naturalmente, é menos pronunciada.

DOSAR OS DEFEITOS - Aulinhas de sedução - *DN* - 08 de junho de 1960

Ser sedutora não consiste em não ter defeitos - mas dosá-los... O tédio - há coisa mais destruidora que isso? Quem resiste à caceteação de uma mulher, por mais bonitinha que seja? a pessoa deveria fazer de vez em quando uma revisão de si mesma: estou repetindo demais as mesmas histórias? Falo demais? Faço perguntas sem parar? Lamento-me demais? Estou me tornando dessas pessoas que grudam? Vivo pedindo desculpas? Todo o mundo tem disso um pouco, e são os defeitos comuns a todos os que nos irmanam... Mas cuidado com a dose. (Você hoje relembrou que você é perfeitamente aceitável com os possíveis defeitos que tem, mas não os deixe galopar: mantenha as rédeas nas mãos.)

O OURO... NA ARTE E NA VAIDADE - *CM* - 26 de fevereiro de 1960

Houve pintores que, suprimindo a paisagem e a perspectiva de suas telas, apresentaram suas figuras sobre um fundo fortemente dourado. Buffon, o grande naturalista, somente escrevia com penas de ouro, como se estas fossem influenciar os seus pensamentos.

Já Madame de Montespan, que se tornou famosa pelo horror que tinha ao banho e às mais primárias regras de higiene, apresentou-se, certa vez, na corte de Luiz XIV, com um vestido que Mme de Sevigné descreveu como “de ouro sobre ouro, rebordado de ouro, e por cima um ouro frisado, canutilhado de ouro, misturado com um certo ouro, que faz disso tudo o tecido mais divino que se possa imaginar”. Para nós, hoje, isso parece ouro demais, mau gosto demais, exibicionismo demais. Preferimos antes um corpo bem lavado e perfumado envolto em simples algodão. Mas, enfim, aqueles eram outros tempos...

SER FEIA... - *CM* - 23 de outubro de 1959

Não existem mulheres feias. Não é uma afirmação leviana, digo-o baseada na experiência, que adquiri sobre a arte de embelezar a mulher e atrair a atenção masculina. Com a variedade de cosméticos e artificialismos que os laboratórios atualmente criam para melhorar o que a natureza deu à mulher, só é feia quem quer. Não vou afirmar que qualquer uma poderá ter um rostinho de uma Elizabeth Taylor ou o corpo de uma Gina Lollobrigida, mas um bonito sorriso, uma pele macia, uns cabelos sedosos, uns olhos brilhantes, isso todas nós podemos obter. Com um pouco de trabalho, muito de perseverança e alguma inteligência. A mulher moderna já não depende apenas dos dons que a natureza houve por bem dar-lhe para ser atraente. Porque também o homem moderno já não vai à procura apenas de uma linda carinha ou de umas curvas mais ou menos harmoniosas. Claro que isso influi. Muito. Mas não é tudo. Cuidados com a própria aparência, um palestra interessante, finura, feminilidade são dons que se podem adquirir facilmente e que fazem de uma mulher, sem nenhum dote físico especial, uma criatura atraente e até bonita. Portanto, se você, ao olhar-se no espelho, não recebe de volta o reflexo de uma figurinha à la Marilyn Monroe, não se entristeça. O mundo hoje é da mulher inteligente. A beleza também. E... consequentemente, o amor. Estude-se em detalhes, trate-se, e descubra nos olhos masculinos que a admirarem como o espelho também pode mentir-lhe.

CULTURA GERAL EM CORES (I) - Aulinhas de sedução - *DN* - 17 de junho

de 1960

Quase todo o mundo pinta a casa de branco porque não tem coragem de escolher outra cor. E veste-se com a cor que “calhar” porque não confia no próprio gosto.

Em primeiro lugar: você tem direito de gostar ou não de uma tonalidade e de usá-la em si ou em casa como lhe aprouver. Você é a dona de suas cores.

Por exemplo, você talvez não tenha notado que um pêssego tem mais gosto de pêssego quando comido na claridade: a cor ajuda o gosto.

Por exemplo: uma caixa pintada de azul-marinho parece mais pesada (e portanto mais difícil de se carregar) do que pintada de amarelo claro.

Paredes pintadas em tons puxando para vermelho ou laranja dão sede. Você sabia? Se está sabendo mais do que antes, aqui termina a aula 1 do curso de culturinha geral específica.

CULTURA GERAL EM CORES (II) - Aulinhas de sedução - *DN* - 18 de junho de 1960

As mulheres sempre dão um jeito de pôr um toque vermelho em alguma coisa.

Os homens gostam de azul. No ambiente de trabalho, o azul “esfria” a cabeça.

A temperatura mental pode ser restaurada, até o seu ponto de eficiência normal, se o azul for equilibrado com cortinas alaranjadas ou almofadas alaranjadas.

O cinza reduz a emocionalidade. O amarelo, ao contrário, é cor que dá energia, deixa as pessoas mais “convivíveis”, com mais faíscas mentais e emocionais.

Há técnicos que aconselham classes de aulas pintadas de amarelo para as crianças retardadas.

O amarelo não é bom para o bebê dormir: deixa-o alerta demais.

Se você está sabendo mais do que antes, aqui termina a aula II do curso de culturinha geral específica.

CULTURA GERAL EM CORES (III) - Aulinhas de sedução - *DN* - 20 de junho de 1960

O quarto pintado de azul acalma as pessoas. “Pessoas” inclui o bebê, que dormirá melhor.

Outra cor estimulante é o vermelho. (Na aulinha II falamos do amarelo.) Desperta o pulso, o cérebro, a fome. Já houve quem pintasse o vestiário de jogadores de futebol de vermelho para que eles não esmorecessem durante os intervalos de jogo.

Para uma sala de espera, o melhor mesmo é azul: fica-se menos impaciente.

Se você ficar à mesma distância de uma cadeira vermelha e de uma cadeira azul, a vermelha lhe parecerá mais próximo. Um chofer acha mais difícil passar à frente de um carro vermelho, amarelo ou creme do que um preto, azul ou verde.

Se você está sabendo mais do que antes, aqui termina a aula III do curso de culturinha geral específica.

CULTURA GERAL EM CORES (IV) - Aulinhas de sedução - *DN* - 21 de junho de 1960

As cores também afetam os seres não-humanos. Os mosquitos, por exemplo, gostam de preto, azul e vermelho. Odeiam apaixonadamente o alaranjado. As moscas acham o azul francamente repelente. Os açougues ficariam mais livres de moscas se pintassem portas e janelas de azul. No seu terraço, uma lâmpada alaranjada repelirá mosquitos.

As cores devem trabalhar para você. Poucas pessoas sabem como a preferência individual pelas cores tem importância numa casa. Um casal deve escolher junto a combinação de tonalidades. E, sobretudo, saber o que lhe agrada num lar. Se este representa o paraíso depois de um dia tenso de trabalho, as cores devem “combinar”, e harmonizar-se. Cores contrastantes, no caso, não seriam aconselháveis: estimulantes demais. (Harmonizar, de um modo geral, significa usar vários tons da mesma cor, ou cores da mesma família.)

Se você está sabendo mais do que antes, aqui termina a aula IV do curso de culturinha geral específica.

AS CORES E O NOSSO ESTADO DE HUMOR - (Aprendendo a viver) - DN -
21 de setembro de 1960

Quase que se poderia dizer (acertando): “Ela estava triste, então pôs um vestido vermelho”. Não se diz porque, em geral, quem está triste quer que os outros vejam claramente a tristeza em que se está, e escolhe roupas sombrias, cores mortas. Ou então deseja ser coerente consigo própria e veste o sentimento com a cor simbólica do sentimento.

Mas quem deseja combater a depressão faz o contrário. Da primeira vez que você se sentir deprimida, experimente dispor no aposento onde você permanece mais tempo alguma coisa vermelha: flores, quebra-luz, não importa o quê. Contanto que tenha um tom vibrante, rubro. É provável que você tenha vontade de sair da depressão com a fúria de um touro. (Se bem que digam que os touros não distingam cores, enfurecem-se com a provocação dos gestos do toureiro.)

E também há o caso em que, desde cedo de manhã, você “sente” que “tudo conspira contra você”. Como, na realidade, nada conspira contra você (é raro o oposto), o mais provável é que você tenha acordado com o que se chama de humor de cachorro. Nesse caso, experimente rodear-se de verde ou azul, que são cores frias, frescas, serenas. Seu humor se adoçará.

CORES APROPRIADAS - CM - 27 de abril de 1960

Existem cores que, embora muito bonitas e agradáveis ao olhar, são muito juvenis e não ficam bem na mulher que passou dos quarenta anos. Estampados com bichinhos, excesso de colorido, vermelhos muito vivos, amarelos, verdes espantados ou mesmo azuis e rosas muito doces e muito “quinze anos”.

Assim como uma adolescente deve evitar as cores tristes e escuras, a mulher, chegando à meia-idade, deve fugir do que é próprio da mocidade. Ambas ficam ridículas, agindo de outra forma.

Assim como as fazendas que lembram o arco-íris, com listas de todas as cores e os tons. Podem ser alegres, luminosas, mas só estão realmente bem nas mocinhas até os 15 anos.

Como para as modas, os penteados, o “maquillage”, a idade deve influir também na escolha das fazendas. Os cetins brilhantes, os tafetás, devem ser usados com discrição.

Os estampados graúdos nunca ficam bem nas pessoas gordas. Além de aumentarem a silhueta, chamam a atenção sobre a pessoa e o excesso do seu peso. O ideal para as gordas é a tonalidade igual, mais para escura. Se gostar muito do estampado, deve escolhê-lo então dos menores e mais discretos. Já as magrinhas ficam muito bem de estampado, podendo abusar livremente dos padrões e das cores. Devem evitar, no entanto, as cores lisas em feitiços juntos, pois isso afina ainda mais a silhueta. O preto e o azul-marinho são tonalidades que emagrecem. O branco, o creme, o amarelo, as linhas horizontais são indicados para quem deseja alargar a figura.

O QUE SERIA DO AMARELO... - CM - 25 de maio de 1960

Um ditado antigo parece preocupar-se muito com o que aconteceria ao amarelo, se não fosse o gosto. Ou talvez, o ditado fale diretamente em “mau gosto”.

Tal ditado não poderia mesmo ser mais antigo. Há muito tempo não é mais

necessário referir-se ao amarelo como o último refúgio dos que têm a liberdade de ter mau gosto...

Em primeiro lugar, amarelo é cor do sol, o que sempre facilita a gente gostar dele. Depois, amarelo, mesmo sem comparar com o sol, tem em si uma luminosidade que transmite brilho a quase todo tom de pele.

Sem falar no fato de que o amarelo ainda sofre das consequências desse antigo preconceito. E isso é até uma vantagem: foi desse modo que essa cor pôde se conservar meio original, não se tendo realmente vulgarizado.

E por falar em vulgar, há quem ache o amarelo um pouco vulgar. Pois com essa cor acontece algo curioso: só torna vulgar quem já o é, ou tem tendência nesse sentido.

Naturalmente não se trata de cor pacífica; apresenta seus perigos, e quase sempre no campo dos acessórios. Não é com tudo que o amarelo combina sem “gritar”. Os acessórios têm que ser estudados, bem medidos, e decididos na base do “discreto”. Como o amarelo é cor muito positiva, o o acompanha “casará” melhor dentro da linha do entre-tom, ou do preto, ou do branco.

Depois existe ainda outro capítulo a analisar: é que há amarelos e há amarelos. não é necessário usar aquele tom que parece existir para afugentar moscas. O amarelo tem suas delicadezas, seus modos de ser bem esquivos...

Se bem que... até o amarelo para afugentar moscas tem sua vez. Quer ver? Imagine-o numa saída curta de praia (não para essa temporada, é claro) em tecido grosso de lonita. Imaginou? Pois eu também, e gostei...

CORES E GOSTOS - CM - 24 de agosto de 1960

Gostos e cores não se discutem - mesmo porque o seu gosto em cores revela sua personalidade. A prova disso pode-se tirar com um teste bastante simples.

Faça uma lista de cores, 1.º de sua preferência, em ordem decrescente; 2.º as de que não gosta, sempre em ordem crescente; 3.º as que lhe são indiferentes.

O sentido de suas escolhas poderá basear-se na seguinte relação:

AMARELO: Positivo: procura uma porta de saída para melhor expandir-se. Negativo: sua qualidade de concentração. Indiferente: tende para a displicência e

egoísmo.

MARROM: Positivo: quer enraizar-se nas coisas simples da vida, fugir de inovações. Negativo: deseja singularizar-se. Indiferente: ama acima de tudo o conforto.

CINZA: Positivo: precisa cercar-se de afeição. Negativo: tem sede de ação e de novidades. Indiferente: é inconstante.

VIOLETA: Positivo: uma natureza reservada, temerosa. Negativo: Tendência a adotar atitudes impessoais. Indiferente: reage com rigor contra indiferença.

VERDE: Positivo: não é influenciável. Negativo: tem a necessidade incessante de libertar-se. Indiferente: não teme a solidão.

PRETO: Positivo: seu desejo é absoluto e afasta tudo mais. Negativo: só tem confiança no que faz. Indiferente: nunca renuncia às suas ambições.

VERMELHO: Positivo: quer sempre conquistar. Negativo: é inabalável em suas resoluções. Indiferente: afasta seus impulsos.

AZUL: Positivo: ama o repouso, a segurança. Negativo: tendência à astúcia. Indiferente: uma natureza suave.

Procure combinar o sentido das diferentes cores de acordo com o significado que tenham para você, e conseguirá assim um quadro em tecnicolor da sua personalidade - não esquecendo, porém, que, para cada cor, são muitas as nuances...

A ATITUDE GERAL - Aulinhas de sedução - DN - 03 de junho de 1960

Um andar que encanta depende de você. É preciso saber manter o pescoço harmoniosamente sobre as espáduas, e a cabeça harmoniosamente sobre o pescoço. Isto não faz parte do andar? É o que você pensa... Pois isto também é o andar. Evite o nariz no ar, como se estivesse procurando sinal de chuva. Evite o nariz para o chão, como se tivesse perdido dinheiro e coragem. E seus sapatos? Pouco importa o preço que custaram. Se estão apertando, seu rosto se crispa, seu humor azeda, o andar fica lamentável, e toda você fica com ar de sapato. - Não ande como soldado: viver não é desafiar o mundo, nem cumprir dever. Mas há quem pense que ser feminina é andar como passarinho. Andar de passarinho só interessa a outro passarinho. E, por favor, não “rebole”. Ser feminina em doses maciças é pretender sedução por atacado. Sedução é sutileza. (O que você

relembra hoje é que lhe é permitido ser o que você é: naturalmente sedutora, sem precisar ser agressiva.)

MÃOS... DETALHE DA BELEZA - *CM* - 25 de dezembro de 1959

Às vezes, encontramos mulheres bonitas, bem vestidas, bem cuidadas, que apresentam no entanto, uma falha grave na sua aparência: mãos feias. As massagens com um creme especial, o esmalte sempre correto, de tonalidade que combine com a cor da pele, gestos harmoniosos, a escolha certa de joias, que harmonizam com o seu formato, podem tornar bonitas essas mãos.

Estude com a manicure o corte de unhas que lhe fique melhor, de acordo com o formato e o comprimento dos dedos. As unhas não devem ser nem rentes nem excessivamente longas. Nas mãos morenas ficam bem os esmaltes escuros, que ajudam a clareá-las.

Não use joias em excesso, principalmente se as mãos não estão impecáveis. Ao escolher um anel, tenha em mente que as cores pálidas ficam melhor em mãos avermelhadas, e vice-versa. Se você possui mãos pequenas, não use anéis com pedras exageradas, pois essas só ficam bem nas mãos grandes, de dedos longos.

Acostume-se a usar um creme apropriado, diariamente, a fim de clarear e amaciar a pele das mãos. Faça massagem nos dedos, descendo pelas palmas, como se estivesse calçando luvas. E, por falar em luvas, se você tem de fazer certos serviços de casa, como lavar, cozinhar etc., não o faça sem luvas, pois o calor, a água quente e a potassa, que os sabões de cozinha geralmente contêm, avermelham, irritam e estragam as mãos.

Estude os gestos, procurando torná-los harmoniosos, delicados. Dão uma péssima impressão as mãos irrequietas, de gestos nervosos e duros. Nunca se esqueça de que as mãos denunciam, muito mais do que os olhos, o seu estado de alma e o seu temperamento. Procure controlá-las. Os homens apreciam sempre

as mãos delicadas e claras de uma mulher. Inúmeros sonetos têm sido feitos para elas e é preciso, portanto, não descuidar desse detalhe, que é importantíssimo para a sua beleza.

O GESTO - *DN* - 15 de julho de 1960

Se você acha que tem capacidade de ser boa atriz (com o que quero dizer também “discreta”), então use os gestos para maior sedução.

Se você acha que é capaz de ser natural, dentro da arte dos gestos, aperfeiçoe os seus.

Mas se você sente que ter gestos harmoniosos é “fingir”, então nem leia esta aulinha. Pois é preferível sentir-se à vontade do que ter a impressão de que está num palco.

Gestos comunicam tanto quanto a palavra, e às vezes muito mais. Mas nem sempre devem substituí-la: quem tenta substituir demais a palavra pelo gesto termina gesticulando, o que é completamente diferente.

Você quer saber o que chamo de gesto? Pois bem: até o olhar é um gesto.

E quer saber até que ponto o movimento representa você mesma? Pois lembre-se de que é quase impossível ter gestos suaves quando a alma está rígida.

MULHER-BOTÃO-DE-ROSA - (Sempre mulher através dos tempos) - *DN* - 26 de setembro de 1960

Pois no século XVIII, caíram artificialismos, perucas, mulheres fatais.

Surgiu o ideal da mulher-botão-de-rosa. Na palidez de um rosto, os lábios eram mal e mal rosados, se rosados eram. Os cabelos enrolavam-se em longos cachos. Era o estilo da era vitoriana: a simplicidade virginal.

E as coisas iam tão bem, aparentemente, que um otimista da época fez comentário: “Parece-me impossível que o ‘rouge’ volte jamais às faces de um rosto feminino.”

O comentarista não sabia o que é moda. Não lhe ocorrera que as mulheres se haviam tornado tão “virginais” porque este era o ideal moral e convencional dos homens. Que, evidentemente, mudaram em seguida.

SEDUÇÃO... DA LIMPEZA - Aulinhas de sedução - *DN* - 11 de novembro de 1960

Rosto fresco é rosto limpo. “Meio limpo” é um problema: a dona do rosto julga-se desobrigada, o rosto não está sujo mesmo, e no entanto fica meio embaciado, meio turvo, meio... sujo. Tudo isso vem do invisível depósito de poeira, base, pó, rouge, e da pressa em retirar o maquillage.

Mas não é só isso: passar pó de arroz com esponja que já precisava ser lavada há três dias é como passar pó de arroz com pó de poeira.

Escova de cabelo que não está limpa empana o brilho dos cabelos, e faz com que se precise lavá-los com maior frequência.

AS ROUPAS - *CM* - 27 de maio de 1960

Quem sofre mais com as roupas que usa? Os homens ou as mulheres? Uma mulher não pode andar direito de salto alto. Um professor de educação física chegou mesmo a dizer que os sapatos apertados que elas usam prejudicam muito os músculos. Tanto, porém, uma mulher sair de casa com seu vestido melhor e de sapatos de salto baixo!

As roupas masculinas também são bastante incômodas: colarinhos apertados, mangas compridas, ternos quentes demais. Alguns deles ainda usam certas roupas mais formais. O almirante Dewey usou um colete durante a batalha de Manila. De qualquer modo, as mulheres ainda sofrem mais do que os homens.

No tempo de Shakespeare algumas mulheres tinham a cintura tão fina quanto a perna de um bezerro e isso devido aos coletes apertadíssimos que usavam. No começo desse século estabeleceu-se mesmo uma questão médica a esse respeito, e os coletes foram abandonados. No entanto, ainda são gastos milhões, anualmente, com cintas e outras coisas que elas usam para controlar a natureza, como dizem.

Talvez consigam mesmo controlá-la, mas dificilmente a vencerão. A maioria das mulheres quando usa “shorts” ou “slacks” consegue aumentar seus encantos, mas nunca melhorá-los.

DEFININDO O FLERTE - *CM* - 26 de outubro de 1960

Todo mundo sabe o que é o flerte e ninguém consegue encontrar uma definição precisa pelo simples motivo de que não existe nada mais impreciso do que o flerte. Isso, porque não se trata de um sentimento partido do coração como o amor ou a amizade ou mesmo a ternura.

Frequentemente, ouve-se uma garota dizer: “Gosto dele para flertar, mas não o quero para namorado firme, e muito menos para marido.”

A frase pode ser traduzida como: “É um homem para um passatempo agradável, mas não o desejo para todos os instantes de minha vida. Gostamos de dançar juntos, ouvir discos juntos e, quando há dinheiro, fazer passeios de automóvel ou passar algumas horas da noite numa boate, mas não é o companheiro a que aspiro.”

Na verdade, o flerte, para uma jovem solteira, é uma espécie de teste para o futuro, uma ficha de controle. Uma moça, mesmo quando assume ares de segurança, sempre, se sente um pouco inquieta com relação ao seu sucesso junto ao chamado sexo forte. E o flerte é o meio de pôr à prova o seu charme e, ao mesmo tempo, conhecer melhor os homens, julgá-los, descobrir o que cada um pensa das mulheres em geral e dela em particular...

Há também as casadas que flertam e é comum alegarem que agem assim para estimular os sentimentos do marido, que não lhes parece tão solícito. Uma pequena dose de ciúme é sempre salutar, dizem elas... e talvez tenham razão.

Ah, se os maridos compreendessem que, pelo fato de ser casada, uma mulher não se transforma em estátua de pedra, que é natural que goste de ser cortejada e que se outro homem nota que ela é bonita e lhe diz isso, se repara nas suas mudanças de penteado ou num vestido novo - é natural também que ela preste ouvidos a quem lhe incute uma confiança em si mesma que o seu marido se esquece de alimentar.

Mas talvez os maridos, depois de ler o que se disse acima, passem a ser mais atentos e a flertar, eles próprios, com as suas esposas!

A SEDUÇÃO DO OLHAR - (Sempre mulher através dos tempos) - *DN* - 19 de setembro de 1960

Pois as mulheres do antigo Egito anteciparam por dois mil anos a mulher de hoje, em matéria de olhos. Também elas se concentravam na sedução do olhar, usando uma substância negra chamada “kohl”, para alongar as sobrancelhas e escurecer os cílios. Também naquela época já usavam sombra verde nas pálpebras: e isto não é invenção nossa, foi provado.

E peruca? Pois usavam perucas negras para conseguir o “estilo sensual do Nilo”.

VITAMINA A E OS OLHOS - Aulinhas de sedução - *DN* - 09 de novembro de 1960

Para se ter um bonito olhar, é preciso ter bons olhos. É preciso que os olhos sejam saudáveis, e a vitamina A é a vitamina da boa visão. É aquela que combate a chamada “cegueira noturna” - o que a gente sente quando entra no escuro no cinema e fica aflita por não distinguir coisa alguma. A vitamina A é, também, a que empresta maior brilho ao olhar. Você a encontra (a vitamina) no leite e derivados, e nos legumes, sobretudo na cenoura. A cenoura crua, ralada - eis a salada para seus olhos.

E, falando ainda em vitamina, a B₂ desempenha papel muito importante na beleza do olhar. Encontra-se no fígado, no leite, nos ovos, no espinafre, nas ervilhas verdes.

Não existe beleza em olhos adoentados.

CURSINHO DE EMERGÊNCIA - Aulinhas de sedução - *DN* - 06 de julho de 1960

E quando você recebeu um convite à última hora, depois de ter passado um dia exaustivo? Você se olha ao espelho e vê o que lhe parece irremediável: um olhar sem brilho. Não se assuste, não vou sugerir que você pinte brilho dentro dos olhos, brilho é coisa que vem mesmo de dentro.

Não há remédio, então? Há, sim. Quando a falta de brilho vem do cansaço, recupere-o (ao brilho) relaxando os músculos tensos do corpo. Como? Assim: dobre o corpo para a frente, pela cintura, e deixe a cabeça, o pescoço e os braços literalmente pender, bem frouxos, bem moles. Passado um momento, ponha-se de novo ereta, e estique-se para o alto, com os braços erguidos, o mais que possa. Não bruscamente: mas com toda a intenção de espreguiçar-se até a última ponta de você mesma. Repita tudo de novo, algumas vezes.

Outra coisa que à última hora tira o cansaço do rosto e dá vivacidade aos olhos: massageie os lóbulos das orelhas ou o alto das mesmas. Até elas ficarem vermelhas. Não se trata de magia: este é um modo seguro de dar ao rosto e pescoço um banho de circulação. Depois dessa prática, até se pensa melhor: o despertar é completo.

MAIS DICAS DE EMERGÊNCIA - (Cursinho de emergência - V) - Aulinhas de sedução - *DN* - 08 de julho de 1960

Você tem que sair e vê que mal dá tempo para tudo o que teria de fazer em

prol de “sair bela” - pois só parece dar tempo para o banho!

Então faça desse banho o seu tratamento de beleza, como quem mata dois coelhos com uma só cajadada.

Por exemplo, suponhamos que você esteja agitada depois de um dia cansativo, e queria reassumir seu aspecto repousado e tranquilo. Tome então um banho de imersão com água bastante esperta, onde você terá dissolvido dois punhados de sal grosso. Dez minutos apenas (não mais) e você se sentirá outra - ou melhor, voltará a ser você mesma. Ou então, em vez do sal, algumas gotas de óleo de pinho na água.

Se você está precisando de um estimulante, o chuveiro bem quente ou bem frio a acordará realmente. (Água morna adormece.)

E se você se sente estimulada quando sabe que está bem tratada? Então tome um banho amaciador, desses de onde você sai “criatura de luxo”. Antes: cosa um saquinho onde estarão umas cinco colheres de sopa de farinha de aveia. Em seguida: mergulhe o saquinho na banheira cheia. Depois: mergulhe-se na banheira. Em seguida: friccione a pele com o próprio saquinho. Resultado: pele clara, fina, aveludada, sensação de conforto e luxo que se refletirá em seu rosto, em suas atitudes. Você sabe que tomou um banho de beleza - e sente-se bela. Sentir-se bonita é um dos meios mais eficazes de ser bonita.

CURSINHO DE PERGUNTAS - Aulinhas de sedução - *DN* - 12 de julho e 04 de agosto de 1960

Saber que se está “correta” dá confiança em si mesma, e ajuda muito a ter uma “pose” natural que faz parte da mulher naturalmente sedutora. Esta é uma aulinha de perguntas. Você aprenderá com as próprias respostas.)

- Quantas unhas com verniz descascando você considera número suficiente para renovar o verniz de todas?

- Apesar de não ser realmente um crime, que é que você acha de usar sapatos com o calcanhar torto? (Em tempo: calcanhar do sapato.)

- E que é que você acha de sapato com o couro “arrepiado”, quando a graxa resolveria o problema?

- Você acha que não tem a menor importância usar o vestido do dia anterior, sem tê-lo arejado?

- Você se sente bem quando encontra inesperadamente uma pessoa na rua, e então nota que está (você) com o vestido bem amarrotadinho?

- Você acha que unhas imaculadas são apenas um luxo?

- Você acha que se a anágua custou caro não faz mal ficar aparecendo além da bainha do vestido?

- Você pensa que dá no mesmo coser a alça partida ou prendê-la com um alfinete de fralda?

CURSINHO SOBRE CABELOS - Aulinhas de sedução - *DN* - 28 de junho de 1960

O que é um cabelo? Talvez você responda que “é claro que um cabelo é um cabelo” - e, é claro, você tem razão. Ou talvez você responda: “Quero saber cuidar de meus cabelos e não saber o que eles são.” Bem, mas acontece que saber alguma coisa sobre você mesma - e você também é seus cabelos - sempre informa alguma coisa sobre o material de que você é feita, o que por sua vez esclarece sobre o modo de você lidar com você mesma. Bem, o cabelo é um elemento anexo à pele, sua parte visível é a que você conhece, constituída por células mortas. A parte invisível, a da raiz, implanta-se no folículo, e é formada de células vivas. A química do cabelo, vejamos. O cabelo é feito de queratina (como as unhas, por exemplo, e as penas e os chifres). Nesta matéria incluem-se carbono, hidrogênio, oxigênio, azoto, enxofre. As partes do cabelo que contêm enxofre são as mais vulneráveis a descolorantes, alcalinos, permanentes etc.

DEPOIS DA FESTA - Aulinhas de sedução - *DN* - 26 de julho de 1960

Há uma coisa em geral um pouco triste: chama-se de “depois da festa”. É meio triste porque faz uma diferença enorme. E a diferença, em geral, é causada por você mesma, pela falta do que se chama “savoir vivre” (a tradução literal é “saber viver”; a tradução nossa mesmo é “saber dar um jeitinho”).

O jeitinho a dar consiste em não parar subitamente de ser sedutora só porque a festa acabou. Quer dizer: o dia seguinte não deve ser como um “soufflé” que murchou. Você se preparou toda para uma grande noite, usou todos os processos de sedução ao seu alcance - e acha que depois pode parecer um espantalho mal dormido, de cabelos duros de laquê, restos de pintura no rosto - enfim, o desmazelo instalado. Não quero dizer que você deve, no dia seguinte, manter-se ainda em atitude de baile. Mas seu rosto deve estar fresco, sua roupa esporte bem agradável, seus gestos suaves. O dia seguinte vale muito.

MALICIOSO DETALHE - (Sempre mulher através dos tempos) - *DN* - 23 de setembro de 1960

Pois monumento na cabeça já foi lindo. Isso aconteceu no período de extravagância que precedeu a Revolução Francesa. Oh, a grande explosão na cabeleira. E podemos vos garantir que, se era moda, era uma beleza.

As aspirantes à graça usavam perucas que atingiam a monumentalidade de paisagens marinhas. Não era só o monumento o que valia. O malicioso detalhe tinha sua vez também. O “sinal de beleza” era colado com amor perto dos lábios - e então se chamava “Coquette”. O mesmo sinalzinho negro, quando perto da asa do nariz, recebia o nome de “Perverso”. E se era colado no canto do olho chamava-se “Apaixonado”.

COM JEITO DE AR ADOCICADO - (Sempre mulher através dos tempos) - *DN* - 29 de setembro de 1960

Pelos arredores de 1940, os rigores da guerra talvez tenham “pedido” que o rosto feminino fosse menos “planejado”, e a mulher tivesse uma aparência mais suave.

O que os americanos chamam de “girl next door” (a moça que mora ao lado) tornara-se o ideal. Queria-se que a moça fosse muito atraente, mas, ao mesmo tempo, representando uma imagem familiar, o que repousava.

Então Betty Grable era a “pin up” de sucesso, e seu retrato fazia bater de saudades o coração dos soldados.

E as outras moças, é claro, aproximavam-se do tipo Betty Grable. Cabelos longos, por exemplo, apenas encimados por um discreto “pompadour”, eram a marca essencial da beleza. Copiava-se também o maquilagem moderno da Grable, o contorno de seus lábios.

E todas tinham o ar adocicado - que hoje considerariamos ligeiramente enjoativo.

ENTRE MULHERES

BAÚ DE MASCATE - C - 05 de setembro de 1952

As leitoras devem conhecer de vista ou de ouvido um “Baú de mascate”, a pequena loja ambulante, que tanto serviu as nossas avós, isoladas do mundo nas casas-grandes de fazenda como nas casas de sapé, à beira da estrada. E que ainda serve a legião de mulheres que se esconde por esse mataréu afora do nosso interior e só pode chegar ao povoado mais perto no tradicional lombo de burro, porque as picadas estreitas não dão passagem ao automóvel - o estranho bicho de “pé redondo” e olho aceso de lobisomem. Mulheres que, talvez, ainda nem

saibam direito o nome desse novo pássaro prateado, que brilha ao sol e não canta, ronca, ronca um ronco surdo que desce, quebrando o silêncio das suas choças. Aqui, do asfalto, com toda a espécie de bazar à nossa volta, com as lojas sortidas de tudo, a cada canto: com magazines de luxo, que atordoam a gente com as suas luzes e as suas belezas, oferecendo, aos que têm a bolsa recheada as coisas mais lindas e ricas que saíram da cabeça dos joalheiros e costureiros do Rue de la Paix e St. Honoré; com os Institutos de Beleza que se multiplicam dia a dia e vendem, diluída em ampolas, até cara de boneca de porcelana, tirada de embrião de pinto, cabelo líquido em aa cor, cútis em pasta e em pó, no tom que a freguesa escolher, toda a sorte de cremes e loções, no centro de um tal paraíso é difícil às mulheres imaginarem a existência de sítios em que o mascate e o seu baú são esperados com a ansiedade com que se esperava o Messias. Mas quem já correu chão e ainda, de vez em quando, come poeira por esse sertão bravo do Brasil sabe que existem e sabe que o mascate é também pioneiro, desbravador do mato, que leva, dentro do seu báu, princípios de civilização, rudimentos de higiene a lugares onde dificilmente poderiam chegar por outro meio. A figura anônima do mascate de baú nunca foi suficientemente lembrada pelos homens que escreveram sobre a nossa vida, pelos que têm amor às nossas coisas. Nunca se prestou ao mascate a mais humilde homenagem. E bem que ele o merecia. Porque ele carrega também um pouco de alegria entre as suas bugigangas, alegria ingênua para a sua numerosa freguesia feminina. Quando o mascate chega é um alvoroço na redondeza. Alguém ouviu o péc-péc-péc do instrumento com que ele se anuncia, a notícia corre de boca em boca, o mulherio acode e faz o cerco ao baú. Baú milagroso que tem de tudo um pouco. Pente grosso de pentear, pente fino de limpar a cabeça, pentinho de enfeite com pedrinha que brilha, fivela ou passadeira, grampo de todo o feitio e tamanho, brilhantina que deixa o cabelo “alumiado que é lindeza”, água de cheiro, pó-de-arroz alvo que nem farinha, caixinhas de carmim que dão cor de saúde, peças de renda, cadarço, barbatana, colchete, agulha, linha, botão de ceroula, de madrepérula e de vidro em todas as cores, alfinetinho de cabeça, pregadeira, chinelo, meia de seda e algodão, remédio de curar dor de dente e de botar no ouvido de criança, óleo de Sta. Maria para dar cabo das bichas, garrafinhas de óleo de rícino, que tanto serve pro cabelo como de purgante na hora do aperto, meu Deus, o que é que não sai do baú de mascate! Os olhos das caboclas brilham de alegria. “Que buniteza!” É um colar de conta vermelha que vai “dá hora” no pescoço da Rosenda. “Espia só comadre Cotinha, não dá gosto de se vê?” São o colorido das fitas que esvoaçam na mão encardida e grossa de Nhá Bé. “E isto pr’a mode

universo que tem serventia?” E o mascate paciente explica o uso da escova de dente e do “soutien” de pano forte, que modela o busto. Se o arraial é grande, o mascate esvazia o baú, porque só daí a dois ou três meses estará de volta, no seu constante riro pelo mundo. E a vaidade das mulheres, que é a mesma na grã-fina ou na caipira, não pode esperar tanto tempo. Lá se vai o mascate. Alegre, porque deixou alegre a clientela e já não lhe pesa o baú nas costas. É assim o mascate: um homem simples, cheio de paciência, misto de andarilho e negociante humilde. Assim é o seu baú: tem de tudo um pouco para a sua numerosa freguesia, toda ela quase que só de mulheres. Cremos, leitoras amigas, estar explicada a razão, a existência e - se Deus quiser e os diretores de *O Comício* também - a permanência do “Baú de mascate” na nossa despreziosa seção.

UM DIA CHEIO - C - 11 de julho de 1952 (Cf. “Uma tarde plena”, in *Onde estivestes de noite*)

Será que alguém não sabe o que é um saguim? É um macaco mínimo, à primeira vista tão pequeno como um rato, e da mesma cor. Foi por isso que a mulher, depois de se sentar no bonde e de lançar uma tranquila vista de proprietária pelos bancos, engoliu um grito: ao seu lado, na mão de um homem gordo, estava aquilo que parecia um rato inquieto e que na verdade era um vivíssimo saguim. Os primeiros momentos da mulher versus saguim foram gastos em convencer-se de que não se tratava de um rato disfarçado.

Depois começaram momentos deliciosos e intensos: a observação do bichinho. O bonde inteiro, aliás, estava ocupado com ele. Mas era privilégio da mulher estar bem ao lado do mico. E foi com o prazer mais engraçado que ela reparou na minimeza que é uma língua de saguim. Parecia um risco de lápis vermelho que tivesse dado um pulo para fora do papel. Havia os dentes também: quase que se podia jurar que havia cerca de milhares de dentes, cada lasquinha menor que a outra, e mais branca. O saguim não fechou a boca um minuto. Os olhos eram redondos, meio hipertireóidicos, combinando com um ligeiro prognatismo; tudo isso não lhe dava um ar estranhamente impudico, mas uma carinha meio oferecida de menino de rua, desses que estão resfriados e chupam bala fazendo barulho e fungando o nariz. O saguim literalmente não parou um segundo. Quando deu um pulo no colo da senhora, esta conteve um ridículo “frisson”, não por nojo, bem, talvez por nojo. Passou logo a repugnância, mesmo porque os passageiros olhavam-na com simpatia e ela se sentia uma favorita. Não o

acariciou porque também já seria exagero, e nem ele sofria à míngua de carinho. Na verdade o seu dono, o homem gordo, tinha por ele um desses amores sólidos e severos, de pai para filho, mistura de orgulho e sentimentos mais ternos. O homem era desses que, sem parecerem, têm coração de ouro. Melhor dono nenhum saguim teve. O mico era o seu cachorro, só que cachorro é que olha para o dono com olhar tão amoroso, e, no caso, era o dono que olhava o cachorro com fidelidade.

O saguim comeu um biscoitinho. O saguim coçou rapidamente a redonda orelha com a perninha de trás. O saguim guinchava. O saguim pendurou-se na balaustrada do bonde, despertando as caras mais indiferentes que passavam nos bondes opostos; depois roeu o dedo do dono; o saguim tinha rabo maior do que ele próprio. Ao lado da senhora, uma outra senhora contou à outra senhora que uma vez teve um gato que era uma beleza.

Foi nesse ambiente feliz de família que um caminhão quis cortar a frente do bonde e, num estouro, arrancou-lhe parte do lado, quase virando-o. Todos saltaram depressa. A senhora, atrasada, com hora marcada, tomou um táxi. Só então lembrou-se do saguim. E lamentou que, em dias tão vazios de acontecimentos, as coisas se distribuíssem tão mal que o aparecimento do saguim e um desastre tivessem que suceder na mesma hora. “Aposto” - pensou a senhora - “que nada mais me acontecerá durante muito tempo, aposto que agora vai entrar o tempo das vacas magras”. Mas nesse mesmo dia aconteceram outras coisas.

LAR, ENGENHARIA DA MULHER - C - 15 de agosto de 1952

A notícia curtinha veio em forma de anedota e não descrevia o tipo do homem, o que é um mal. O leitor gosta de ver o personagem e dá menos trabalho quando a fotografia já vem revelada. Negativo é sempre negativo. Em todo o caso, devia ser mais pra baixo que pra alto, menos magro do que gordo, mais necessitado de um preparado à base de petróleo do que de uma boa escova de nylon, para cabelo. É assim que a gente imagina os homens de bom coração e devia ter um de manteiga o que passou a mão pela cabeça arrepiadinha de cachos da menina e falou com bondade:

- Que pena vocês não terem um lar?

- “Lar nós temos, o que não temos é uma casa pra botar o lar dentro” - respondeu a pequena, que tinha cinco anos e morava com o pai, a mãe e mais dois irmãozinhos num apertadíssimo quarto de hotel. Naturalmente, espantada com a ignorância do amigo barbado. E sem saber a felicidade que tinha, sem saber que era dona dessa coisa maravilhosa, que vai desaparecendo nesta época ultracivilizada de discos voadores corvejando por cima da cabeça dos homens. Dá até pra desconfiar que são os homens que não têm lar, que inventam essas geringonças complicadas. Porque o lar é tão gostoso, tão bom, que quem tem um não deve ter lá muita vontade de andar atolado em ferro, em metais, em ácidos corrosivos, fervendo os miolos em altas matemáticas numa fábrica ou num laboratório. O que muitos têm é casa - e são os felizardos, já que a maioria não tem uma coisa nem outra - mas uma casa tão vazia de lar, como a lata de biscoitos, depois que as crianças avançaram em cima dela no café da manhã. Casa é difícil, mas ainda se pode arranjar: quem compra bilhete pode ver chegado o seu dia: o funcionário público dorme na fila de uma autarquia e o bancário vai alimentando a esperança de cair nas graças do patrão e numa tabela Price a juros de 7%. Mas lar, lar mesmo, só com muita sorte. Até porque ninguém tem fórmula de “lar”. A rigor, não se sabe bem o que é que faz o lar. Sabe-se que ele pode ser feito, muitas vezes desfeito e, algumas, também refeito. É uma coisa parecida com eletricidade; não se entende a sua origem, mas se faltar a luz dentro de casa todo o mundo sabe que está no escuro. Então lar é isso. É aquilo que a garotinha de cinco anos sentiu com tanta força e que nós todos sabemos quando ele está presente, como sabemos quando houve desarranjo sério nas turbinas ou simples curto circuito num fusível qualquer.

Há pessoas práticas e previdentes que costumam ter uma espécie de lar em conserva; num canto de armário, ao lado de outras coisas enlatadas e que é, com estas, servido às visitas esperadas. Mas a gente percebe logo a diferença daquele outro que tem, como o palmito fresco, o sabor de substância simples e natural. Parece que ficou estabelecido, nos princípios da criação, que o homem faria a casa, para dar um lar à mulher. E que a mulher construiria o lar, para dar casa e lar ao homem. Sim, porque o homem tinha de levar vantagem, não podia ser por menos. Pois então é isso: casa é arquitetura de homem e lar, essa coisa simples e complexa, evidente e misteriosa, que depende de tudo e não depende de nada, essa coisa sutil, fluídica, envolvente é simplesmente engenharia de mulher.

COISAS ANTIGAS - *CM* - 19 de outubro de 1960

Que lindas são as coisas antigas que se tornaram opacas e amareladas porque sobre elas passou a vida, porque crescemos e vivemos tocando-as, fixando na retina as suas formas, fazendo-as participar dos nossos segredos, da primeira carta de amor, do primeiro beijo, dos sonhos de felicidade. Foram sonhos que nos fizeram cerrar os olhos para abri-los depois em frente à velha cômoda, à mesa antiquada ou à poltrona desbotada que, durante várias décadas, nos farão recordar a esperança perdida ou realizada, a alegria e o sofrimento nascidos junto àqueles velhos móveis e objetos.

Não há, por mais belo, elegante ou moderno, que nos dê esta sensação de mútua e muda compreensão, de solidariedade mesmo, que os móveis e os objetos antigos sabem transmitir.

Que tremenda traição cometemos quando substituímos algumas dessas coisas por outra nova e luzidia, que levará ainda vários anos até adquirir a alma que lhe transmitiremos!

A IRMÃ DE SHAKESPEARE - *C* - 22 de maio de 1952

Uma escritora inglesa - Virginia Woolf - querendo provar que mulher nenhuma, na época de Shakespeare, poderia ter escrito as peças de Shakespeare, inventou, para este último, uma irmã que se chamaria Judith. Judith teria o mesmo gênio do seu irmãozinho William, a mesma vocação. Na verdade, seria um outro Shakespeare, só que, por gentil fatalidade da natureza, usaria saias.

Antes, em poucas palavras, V. Woolf descreveu a vida do próprio Shakespeare: frequentara escolas, estudara em latim Ovídio, Virgílio, Horácio, além de todos os outros princípios de cultura; em menino, caçara coelhos, perambulava pelas vizinhanças, espiara bem o que queria espiar, armazenando

infância; como rapazinho, foi obrigado a casar um pouco apressado; essa ligeira leviandade deu-lhe vontade de escapar - e ei-lo a caminho de Londres, em busca de sorte. Como tem sido bastante provado, ele tinha gosto por teatro. Começou por empregar-se como “olheiro” de cavalos, na porta de um teatro, depois imiscuiu-se entre os atores, conseguiu ser um deles, frequentou o mundo, aguçou suas palavras em contato com as ruas e o povo, teve acesso ao palácio da rainha, terminou sendo Shakespeare.

E Judith? Bem, Judith não seria mandada para a escola. E ninguém lê em latim sem ao menos saber as declinações. Às vezes, como tinha tanto desejo de aprender, pegava nos livros do irmão. Os pais intervinham: mandavam-na cerzir meias ou vigiar o assado. Não por maldade: adoravam-na e queriam que ela se tornasse uma verdadeira mulher. Chegou a época de casar. Ela não queria, sonhava com outros mundos. Apanhou do pai, viu as lágrimas da mãe. Em luta com tudo, mas com o mesmo ímpeto do irmão, arrumou uma trouxa e fugiu para Londres. Também Judith gostava de teatro. Parou na porta de um, disse que queria trabalhar com os artistas - foi uma risada geral, todos imaginaram logo outra coisa. Como poderia arranjar comida? Nem podia ficar andando pelas ruas. Alguém, um homem, teve pena dela. Em breve ela esperava um filho. Até que, numa noite de inverno, ela se matou. “Quem”, diz Virginia Woolf, “poderá calcular o calor e a violência de um coração de poeta quando preso no corpo de uma mulher?”

E assim acaba a história que não existiu.

A LATITUDE DA MORALIDADE - CM - 26 de agosto de 1960

A mulher maometana, se acaso se deixa surpreender por um estranho, mesmo quando sumariamente vestida, o seu primeiro gesto é cobrir o rosto e não o corpo. Achamos isso estranho, embora o gesto dela seja consistente com o nosso hábito de usar uma máscara no Carnaval, quando nos parece oportuna a proteção do anonimato. O véu que as muçulmanas usam em público é a exaltação desse mesmo desejo de encobrir a personalidade, e ainda que as suas motivações sejam diferentes das de um folião.

Há não muito tempo, em Damasco, uma turba enfurecida, atirando pedras e disparando tiros, forçou a entrada de um teatro onde se exibia uma companhia francesa, em protesto contra o rosto - e não o corpo - despido das atrizes. Da mesma forma, em fins do século passado, por ocasião de um baile de máscaras em Nova York, os convivas foram apedrejados exatamente pelo motivo oposto. E ao recorrerem à polícia, essa os advertiu de que não tinham direito à sua proteção, pois estavam fora da lei.

A intensidade do senso da vergonha, como se pode deduzir dos exemplos acima, varia conforme a região. Entretanto, os modernos meios de transporte, encurtando distâncias e tornando acessíveis localidades anteriormente isoladas, tendem cada vez mais a equiparar o senso da moral. Há não muitos anos, era hábito de vários povos banharem-se em público, sem roupa alguma. Mas esse costume está rapidamente desaparecendo devido a protesto de viajantes estrangeiros.

À primeira vista, a decência parece ser uma virtude tão absoluta e indivisível quanto, digamos, a honestidade. Na realidade, porém a decência apresenta uma variedade de formas que dependem de fatores divergentes como idade, hábitos, costumes, leis, época, clima, hora do dia (já imaginaram um bikini num baile de gala?) e outros. Cada fator traz um significado adicional que desafia uma interpretação diferente.

Assim são vagos e confusos os limites da moral, que só pode ser julgada de acordo com a sua latitude geográfica ou histórica. E, mesmo assim, o julgamento é sempre precário...

A LEMBRANÇA DO GESTO DE DAR - (Nossa conversa) - *DN* - 26 de maio de 1960

Cada uma de nós tem um provérbio de estimação, mesmo que não o viva citando e repetindo... Qual é o seu?

O meu é um provérbio chinês. É verdadeiro, a meu ver. É bonito. Faz entender. E enfeita a vida. É assim:

“ Um pouco de perfume sempre fica nas mãos de quem oferece rosas.”

Nunca dei rosas sem sentir que nas minhas mãos ficou um pouco do seu perfume. Nunca prestei um favor, sem sentir que nas minhas mãos ficou a lembrança do gesto de dar.

Nunca dei amor, sem sentir que também recebi amor.

Quem sabe se a “aura” que envolve as pessoas generosas vem de que elas guardam, no ar tranquilo e suave, o perfume de quem deu as rosas?

Minha alegria em dar chega, às vezes, a me parecer egoísmo...tanto eu me benefício quanto dou. Parece até que sou eu quem ganha realmente.

Um dia desses vi uma senhora muito ocupada atender a uma criança que tinha dito: mamãe, vem cá! Fato banal? Não, não era banal. Essa criança de três anos fora recolhida pela senhora quando, com dois dias de vida, quase morria de fome.

A VÍTIMA PROFISSIONAL - (Nossa conversa) - *DN* - 28 de julho de 1960

É tão bom queixar-se. Mas - e quando o feitiço vira contra o feiticeiro? Isto é, você começa por exagerar um pouquinho aqui, um pouquinho ali - porque você que não está impressionando tanto, e quer conseguir a compreensão que merece. Pois bem: exagera um pouco aqui, exagera um pouco ali, e o feitiço vira contra o feiticeiro quando você, sem sentir, passa a acreditar. E, sem perceber, passa a ser uma “vítima profissional”.

Vítima profissional obtém algum prazer. O prazer de chamar atenção sobre si mesma, o prazer de receber piedade. Mas esse prazer vai, com o tempo, ficando cada vez mais difícil de conseguir. Primeiro porque as pessoas vão cansando, e o máximo que dão é uma piedade distraída. Segundo, porque a vítima habitual vai aos poucos se imbuindo de sua infelicidade, e não há mais consolo que console.

E depois há ainda o seguinte: ser vítima profissional termina marcando o rosto como vítima, fica-se com um ar lamentável... e ninguém lamenta, só você mesma.

HORA EM QUE COMEÇA O DOMINGO - C - 22 de agosto de 1952

Ventava um vento mau que não deixava ninguém ler. Não adiantava acomodar o jornal do jeito que ele parecia exigir. Imediatamente, dava uma reviravolta, entrava pelas páginas do suplemento, não sei que promessas de amor lhes fazia porque elas ficavam logo impossíveis, rebeldes, loucas para se verem livres das mãos que as continham. Notícia de jornal é como a vida: continua, continua sempre e a gente tem de ir virando as folas, como se vira a folhinha do calendário cada dia, cada mês e cada ano. É numa dessas horas que acontece o que se teme. O vento, desaforado, deu uma gargalhada, agarrou todas as folhas e lé se foi com elas, orgulhoso como um sultão. Também não adiantava correr atrás. No primeiro desmancho de onda, ali mesmo na beirinha da praia, el já tinha dado cabo da virgindade das notícias e largado na areia empapada os seus corpos imprestáveis, sem mais que fazer, a gente olha e ouve os vizinhos. Na frente, um homem gordo, de óculos escuros e boné creme passava a mão com doçura pelo lombo de uma cachorrinha malhada, sem raça e sem rabo. Coisas que não lhe faziam a menor falta; a diabinha devia saber que faria a desgraça de qualquer Dobermann celibatário se, acaso, um desses nobres da Casa de Cérbero pudesse andar, democraticamente, pela praia nas manhãs plebeias de domingo. Era pequenina, roliça sem ser gorda, o pelo luzidio sendo que o branco era branco de doer e o preto, preto de espantar. Não era, porém fisicamente, que ela atraía. Era pelo jeito de olhar doce, de ser humilde com dignidade. O homem estava muito quieto e concentrado; não se podia imaginar nem de longe, no que é que ele estava pensando: a mão ia e vinha com carícia lenta e o olhar continuava pregado no dorso da cadelinha de estimação. O olhar, porque o pensamento ora parecia andar por esse mundo de Deus, ora parecia estar conversando em segredo com o pensamento da bichinha, que abaixava a cabeça ou erguia os olhos para o dono, com ar de perfeita compreensão. Depois, ele entrou na água; a cachorrinha entrou junto. Saiu logo, tremendo de frio, sentou nas patinhas traseiras e ficou tão carinhosa, olhando o homem gordo se embrulhar nas ondas, que dava vontade de ser aquele cidadão, mesmo com as suas banhas, só para possuir um olhar assim suave e carinhoso. De repente, ela ficou nervosa; uma onda maior cobriu o homem; ela tremia muito mais e mexia a patinha dianteira, por sinal a direita, como quem chama a pessoa de seus

cuidados, na hora do perigo. Um conhecido chegou, pediu licença, foi sentando e principiando a conversar. Não gostava de corridas nem de remo. Por natação sim, era doido. Só pode ter interesse por corrida quem tem um cavalo amigo do peito correndo. Aí, sim, se pode entusiasmar, torcer e até morrer de colapso. Mas a frio, escolher um puro-sangue desconhecido e gastar com ele o ouro-dezoito-quilates das nossas emoções, sem nenhuma ligação afetiva? Burrice. O mesmo com o remo; então a gente espicha o pescoço, vê um cara qualquer fazendo força nas pás e diz: “vou apostar naquele?”. Não. Não era homem pra isso. Vem de trás uma gargalhada terrível, de mulher, um risco de som duro, no espaço. A mulher ria, ria por tudo e de tudo, por nada e de nada. Devia rir das coisas de rir e também das coisas de chorar. Ria só com a garganta, sem um pingo de alma. E, bem pensado, é importância ultraje ao sexo, um atentado à saúde pública o riso de uma mulher que não sabe rir. Todas as mulheres deveriam saber rir e as que não sabem deveriam aprender. E devia também haver na lei do silêncio um artigo condenando ao silêncio do riso, a qualquer hora do dia ou da noite, uma mulher que não sabe rir. Devia, mas não há. Por isso, aquela mulher irritava todo o mundo com a sua risada enervante. Olhei de novo. O jornal empapado tinha sumido, era um pedaço morto de areia o lugar onde estavam a cadelinha e seu dono e eu sentia nas costas um silêncio de sepultura. Longe, no mar grosso, um pontinho e um braço acenando. Não se tratava de nenhum afogado. Era o amigo me dizendo adeus. Não havia mais nada. Estava tudo tão quieto e tão vazio como a cidade numa tarde de sábado. O mar já tinha fechado o expediente e dava descanso à praia. Percebi que tinha começado a ser domingo.

CHEGA DE CINTO! - C - 19 de setembro de 1952

Ao pôr o papel na máquina, me vem à mente uma pergunta primitiva, ingênua, que seria quase idiota se, dentro da sua simplicidade, não fosse a semente desta crônica. “O que é a moda?” Confesso que embatuei. Definir é sempre difícil, perigoso e, algumas vezes, pedante. Principalmente para uma mulher, mesmo em se tratando de assuntos femininos. As definições implicam profundezas filosóficas e filosofia é, no dizer dos homens, para cérebro de homem e nunca para miolo de galinha, como eles julgam o nosso quando pretende se imiscuir na ciência que vai de Platão a Sartre, com pequenas escalas em Spinoza e

Heiddeger. Saltemos, pois, a pergunta perigosa e fiquemos na outra, que veio na sua cauda e cuja especulação poderá trazer maior proveito coletivo. “Qual a finalidade da moda?” É claro que a moda tem um fim e não é preciso ser nenhum gênio para responder que é dar sugestões à mulher para se vestir sem aparecer cem por cento em público, ser admirada pelas suas toaletes, olhada de soslaio pelas amigas, elogiada pelos homens. Dar-lhe possibilidades de ser chic, mesmo quando não é elegante. E de reforçar a elegância, se já nasceu com ela. E a mulher procura vestir-se bem, igualmente com um objetivo - o de agradar e ser admirada. Neste ponto, as mulheres se dividem em três grupos: um - o menor - de tendência narcisista, que se apura no vestuário por simples gosto pessoal, para satisfazer a si própria; outro - o maior - para ser admirada indistintamente por gregos e troianos e o terceiro especialmente para deixar os homens de queixo caído. As que não estiverem enquadradas num deles não se vestem; cobrem o corpo e há muito já estão gozando a doce paz de um convento ou de um mosteiro. Mas é justamente aqui que a história se complica: se a mulher se veste com o fim de agradar, de ser vista e admirada, como é que se explica que algumas delas, com as marcas evidentes da moga, andem soltas pela Cinelândia, nas corridas do Jockey, nas “boites” e no Municipal, quando deviam estar trancafiadas numa jaula ou naquele edifício apropriado, que antigamente ficava na Praia Vermelha? Ou ainda atuando no Circo Garcia? Indiscutivelmente, estariam num desses lugares se o Sindicato das Costureiras já houvesse conseguido uma lei punitiva para as transgressoras da Moda. Porque moda é como o trânsito. Os automóveis podem andar na rua, mas quando o sinal fica vermelho, têm que parar. Cinto de elástico é para ser usado, mas quando se é maior de cinquenta anos, é preciso saber que o sinal fechou. Ainda há pouco ouvi o desabafo revoltado de um senhor de bom gosto, um esteta genuíno. Ia ele pela Rua Gonçalves Dias e na sua frente uma senhora já na casa respeitável dos sessenta, com o número de anos dobrado em banhas estranguladas num cinto flexível, de vinte centímetros de largura e cor de beterraba cozida. A gordura ia pulando em toda a circunferência e a mulher, felicíssima da vida, saltitando, como um periquito na alface. Confessou o senhor que teve vontade de se chegar juntinho a ela e como um fino galanteador pedir-lhe os olhos. E, saboreando a vingança, fez o diálogo:

- Os meus olhos?! Acha-os assim tão lindos?...

- Estúpidos, minha senhora. Com esse par de olhos serei feliz o resto da vida. Passarei a ver as coisas mais horrendas como as mais belas da terra. São com

eles que a senhora se olha no espelho e vem passear na Cinelândia. Não é preciso dizer mais nada.

E o senhor erguia os braços aos céus, em gritos de protesto: “É preciso um apelo urgente para que cesse a usança de cintos! Chega de cinto!” Ele tem toda a razão. É preciso ter olhos para se vestir com elegância. Olhos intuitivos, de bom senso e não órgãos visuais somente. E é preciso muito cuidado com certas modas, que se alastram como epidemias; que atacam gordas e magras, altas e baixas, velhas e moças. A dos cintos, é uma delas. Está na hora de se fazer uma vacinação em massa contra os cintos. De bombeiro ou de macaco, vamos acabar com os cintos. Chega de cinto Láfer!

A CONQUISTA DIFÍCIL DE UM AMOR - *Mais* - maio de 1977 (Cf. “Um amor conquistado”, in *Para não esquecer*)

Encontrei um bom amigo numa fila em que estávamos na rua do bairro. Conversávamos animadamente quando meu amigo espantou-se e me disse:

- Olhe, que coisa esquisita.

Olhei para trás e vi, da esquina para a gente, um homem vindo com o seu tranqüilo cachorro puxado pela coleira.

Só que havia no cachorro algo que não era cachorro. A atitude toda era a de um cachorro e a do homem era a de um homem com o seu cão. Este é que não era.

Tinha focinho comprido de quem pode beber em copo fundo, rabo logo e duro, espetado no ar - poderia, é verdade, ser apenas uma variação individual da raça. Meu companheiro de fila levantou a hipótese de se tratar de um quati, mas achei o bicho muito cachorro demais para ser quati.

Ou seria o quati mais resignado e enganado que já vi.

Enquanto isso, o homem calmamente vindo.

Calmamente, não: havia nele uma tensão. Era a calma de quem se controla e aceitou a grande luta. Pois seu ar era de um natural desafiador. Não se tratava de

um homem pitoresco ou esquisito. Era por coragem que andava em público com o seu estranho animal. Eu estava, sem saber por que, intrigada. E vagamente angustiada.

Meu amigo sugeriu a hipótese de outro animal de que na hora não se lembrou o nome. Mas nada me convencia: havia um mistério na situação.

Só depois é que, aos poucos, eu entenderia que minha atrapalhão não era propriamente minha. Minha confusão vinha de que aquele bicho já não sabia mais quem ele era e portanto não podia me transmitir uma imagem nítida sua.

Até que o homem passou quase perto de nós. Sem um sorriso, costas duras, altivamente se expondo - não, nunca foi fácil passar como vítima diante de qualquer fila humana que julga. Fingia prescindir de admiração ou piedade. Mas cada um de nós, por experiência própria, reconhece o martírio de quem está protegendo um sonho. É tão difícil manter vivo um sonho e fingir que é verdade - à custa de procurar não enxergar a realidade dentro de si.

Aproveitei o fato de o homem estar andando ao meu lado e ousadamente perguntei-lhe:

- Que bicho é este?

Intuitivamente meu tom fora suave para não feri-lo com uma curiosidade desumana e malsã.

Perguntei-lhe que bicho era aquele, mas a minha pergunta incluía talvez o tom de uma indagação mais profunda: “Por que é que você faz isso? que carência é essa que faz você inventar um cachorro? e por que não um cachorro de verdade, já que precisava de dar afeto a um bicho? pois se os cachorros existem! Ou você não teve outro modo de possuir a graça desse bicho senão com uma coleira? mas você sabe que a gente não se apodera sem mais nem menos de um amor? não sabe que você esmagaria uma rosa se a apertasse demais com a força do amor?”

Tudo isso que não disse estava incluído na pergunta. Sei que o tom é uma unidade indivisível por palavras, sei que, se eu aprofundasse demais a coisa, estaria também eu esmigalhando uma rosa. Mas sei que estilhaçar o silêncio com palavras é um dos meus modos desajeitados de amar o silêncio. E que é assim que muitas vezes tenho assassinado aquilo que me forço a compreender. Se bem que, glória a Deus, uso mais o silêncio que as palavras.

O homem, sem parar, respondeu curto, reservado, embora sem aspereza.

E era quati mesmo, por Deus!

Ficamos olhando. Meu amigo e eu nem sorríamos. E ninguém na fila riu-se do homem: esse era o tom, essa era a intuição. Mas olhar pode-se. E sentir.

Era um quati que se pensava cachorro.

Às vezes, com seus gestos de cachorro, retinha o passo para árvores e coisas, o que retesava a coleira e retinha um pouco o dono, exatamente na usual sincronização de homem *versus* cachorro.

Acompanhei com o olhar esse quati que não sabe quem é.

Imagino: se o homem o leva para brincar na praça e tomar ar, tem uma hora em que o quati se constrange todo:

- Mas, santo Deus, por que os cachorros me olham tanto, como se não fosse um deles? e por que me cheiram desconfiados?

Imagino também que, depois de um perfeito dia de cachorro, o quati se diga melancolicamente, olhando as estrelas:

- Que é que tenho afinal? que me falta? sou tão feliz quanto qualquer cachorro bem tratado! por que então este vazio, esta nostalgia e tanta saudade não sei de quê? que ânsia é esta como se eu só amasse o que não conheço?

E o homem - o único ser que pode livrá-lo da pergunta - esse homem criminoso nunca lhe dirá que ele é um quati - para não perdê-lo para sempre.

Penso: quantas pessoas são o patinho feio que na verdade será um belo cisne depois revelado? O quati que era um cachorro feio a revelar-se um dia um quati de verdade, outra raça, outro destino. Quantas pessoas não estão sendo o que realmente são? Além de grave, a troca de personalidade é angustiante, mal se pode disfarçar. Penso em maridos ou esposas que não dão direito ao outro de ser o que realmente é - e nunca contam o segredo.

E penso também na iminência de ódio que há no quati.

Ele sente amor e gratidão pelo homem que cuida dele. Mas por dentro não há como a verdade deixar de existir: o quati só não percebe que o odeia porque está vitalmente confuso. Eu sei, porque sinto ódio quando não me deixam ter a minha

verdadeira realidade (qual?). Fico vitalmente confusa e não perdoo.

Não, às vezes eu perdoo - porque quem me toma por outra, precisa muito dessa outra inventada.

Conheço um caso em que esposa pediu desquite e ninguém sabia por que, já que se tratava de um casal estável, aparentemente, e já que o marido tratava a mulher com todo amor. Mas ela não aguentou: fugiu para ser ela mesma e enfim livre. Não sei se terminou por se encontrar. Mas pelo menos era uma tentativa.

E se ao quati fosse de súbito revelado o mistério de sua verdadeira natureza?

Tremo ao pensar no fatal acaso que fizesse com que esse quati inesperadamente se defrontasse com outro quati.

E nele reconhecer-se. “Eu sou igual a ele.” Tremo ao pensar nesse instante em que ele ia sentir o mais feliz pudor que nos é dado: eu sou eu... nós somos iguais...

Bem sei, ele teria direito - quando soubesse - de massacrar o homem com o ódio pelo que de pior um ser pode fazer a outro ser: adulterar-lhe a essência a fim de usá-lo.

Eu sou a favor de bicho: tomo o partido das vítimas do amor ruim.

Mas imploro a esse quati que perdoe com bondade o homem. E que o perdoe com muito amor.

Antes de abandoná-lo para sempre, é claro.

PASTORAL - C - 04 de julho de 1952 (Cf. “A repartição dos pães”, in *A legião estrangeira*)

Uma senhora conhecida nossa tem como uma das características não se apoiar

na imaginação alheia para usar a própria. A tudo na vida aplica o seu prazer inventivo que, por mais longe que vá, não cai nunca em mau gosto ou extravagância.

Fomos, por exemplo, convidadas a um almoço em sua casa. Na hora formal de passar para a sala de jantar, os vários “after you” foram interrompidos pela visão da mesa mais bonita que se possa imaginar para qualquer dia, quanto mais para um sábado de sol. Sobre uma toalha de linho grosso, a decoração era, como se diz, uma festa para os olhos. Não se tratava de cristais de Murano nem de louças de séculos extintos.

Nossa amiga compusera como centro de mesa a mais viva das naturezas mortas. Numa bandeja invisível, amontoara em aparente desordem pesadas espigas de trigo, vermelhas maçãs, enormes cenouras douradas, redondíssimos tomates de pele quase estalando, chuchus daquele verde líquido, abacaxis tão selvagens que até venenosos pareciam, laranjas alaranjadas - laranjíssimas de tão maduras - maxixes que pareciam miniaturas de porcos-espinhos, gordos pepinos, pimentões ocos e amarelos que ardiam nos olhos, tudo isso emaranhado em úmidas barbas de milho. Sem falar dos bagos de uvas, as mais roxas das uvas pretas, também elas uvíssimas, que mal e mal podiam esperar pelo instante de serem esmagadas. Leia-se a descrição bem depressa para se ter a ideia do conjunto e não de cada detalhe. Ao lado de cada prato de convidado, junto ao guardanapo, havia um ramo de trigo ou um cacho de rabanetes ou uma talhada violenta de melancia. Tudo isso cortado pela acidez que se adivinhava nos verdes limões. Bilhas do leite mais branco enfeitavam a mesa. E em vasilhas de barro tremia quase a transbordar um vinho quase roxo.

Não se pode descrever o ânimo campestre que invadiu os convidados. Se uma vaca mugisse na sala ninguém se surpreenderia. Quando o cachorro do vizinho latiu, todos se lembraram de caçadas das quais ninguém havia participado. A fome transformou-se na mais pura e sadia das fomes. Diante de nós estava o símbolo da fartura. Não uma falsa riqueza de objetos, mas riqueza natural da terra. Embora ninguém dissesse (temíamos sensatamente o ridículo de uma frase), todos pensavam em termos de “retorno à natureza”, “vida primitiva” etc. Os convidados de formação clássica pensavam na deusa Ceres e na cornucópia da abundância. Quem bebia vinho, banhava os olhos na pureza do leitoso leite. Quem bebeu leite, bebeu-o como se fosse vinho. Também a cordialidade era rural. Dizíamos bobagens sem a menor crítica às bobagens alheias; ninguém

falou mal de ninguém. Era uma festa de colheita e fez-se trégua.

O QUE A MESA REVELA - CM - 05 de outubro de 1960

Na opinião de psicanalistas, o modo pelo qual as pessoas se sentam à mesa e comem é significativo no estudo de suas personagens, pois tem sua origem em fatores precisos, entre os quais se pode incluir não só as chamadas “boas maneiras”, como também educação moral e religiosa, hereditariedade etc.

Assim, em termos de psicanálise, a recusa de um convite pode ser um indício de hostilidade. Afastar um prato frequentemente traduz um “surdo desacordo”. Uma pessoa de temperamento afetuoso aceita, sempre que possível, os almoços e jantares que lhe oferecem e - o mais importante - come de tudo. É verdade que existe a hipótese da alergia: podemos ser alérgicos a um prato ou a quem nos fez o convite, sem que isso signifique que somos hostis à humanidade inteira...

No restaurante, a convite de alguém, se escolhermos de propósito o prato mais caro, é porque, no subconsciente, estamos tentando castigar o anfitrião, talvez por julgarmos que ele nos deva muito mais do que um jantar!

Por outro lado, se o prato escolhido por nós é acintosamente o mais barato, trata-se de um nítido complexo de inferioridade.

Um outro sintoma curioso e não muito comum... o de quem quer sempre pagar a conta no restaurante. Ao que parece, está revelando ser um esfaimado, não de comidas, mas de elogios, sequioso da boa opinião aos outros.

Por que um senhor modesto, convidado por seu patrão ou por alguém de importância, tende a copiá-lo na escolha dos pratos? Simplesmente porque deseja erguer-se ao nível do outro e, pelo menos por uns instantes, imaginar-se também rico ou importante.

O insatisfeito engole o que lhe colocam no prato, sem saborear, como se estivesse desincumbindo-se de uma tarefa ou temesse ser prejudicado, receber menos do que considera que lhe é devido.

Conclusão: a pessoa equilibrada gosta de comer simplesmente pelo prazer que

lhe proporciona o gosto da comida, e não é exigente na escolha de um menu. Atenção, pois, às revelações que você possa fazer sobre sua personalidade quando se senta à mesa!

O QUE AS PELES SUGEREM - C - 29 de agosto de 1952

O rapaz moreno, fisionomia de broto, com as têmporas começando a acinzentar, da sua lonjura das coisas reais e práticas, estava longe de avaliar o seu alto valor pessoal, numa praça onde são raros esses cobiçados espécimes de “argenté” quarentão. A mulher ouvia com interesse.

- Vison! Um vison cinza! É uma coisa louca um vison cinza! É um pedaço de nuvem que as mulheres botam nas costas. Veja, veja se não é isso! e mostrava na página da revista a figura estupenda, quase sumida no reclame de um desses agasalhos dos céus. “Quando vejo uma mulher levando nos ombros, sem sentir, a responsabilidade de um vison cinza, tenho uma vontade louca de pedir logo uma carona...” Aí, a moça que ouvia se espantou. “Sim senhora, uma carona; uma carona em vison é a licença que a gente tem de enfiar a mão no bolso do casaco e ficar gozando a maciez dessa pele grã-fina...”

- E oligárquica - atalhou a moça.

- Vison cinza não é coisa de se usar. É petisco de se comer... Você já imaginou uma taça de vison cinza com creme de “chantilly”? A amiga fechou os olhos, apertou os cantos da boca e engoliu em seco. Parece que não imaginou. Ou, talvez, tenha imaginado coisa muito diferente. Que a mente do seu amigo podia ter-se dividido naquele minuto; ou que ele podia ser portador insuspeito de surrealismo; ou, também, que no seu cérebro estivessem começando a se formar filamentos kafkanianos. Como podia ser simplesmente um pobre mortal com fome. Fome de “chantilly”, fome de rico. Não sendo poeta hermético, nem louco declarado, quem é que pensa em comer vison cinza com “chantilly”, senão estando com fome? Só Freud podia entendê-lo. Que teria o vison cinza para sugerir extravagâncias desse quilate? Por causa de um vison cinza já tinha quase presenciado um haraquiri em massa nos matrimônios de um grupo de suas relações. Uma sua amiga dera uma festa. Outras foram e levaram seus visons e

seus maridos. Cada uma que entrava manobrava com graça e elegância a sua estola, e cada uma ficava cada vez mais orgulhosa dela e do marido; e o marido de cada uma, por sua vez, ficava mais enternecido e orgulhoso de ambas. Mas aconteceu que, conquanto visons autênticos, com árvore genealógica na parede, não eram visons cinza. Pertenciam todos à raça amarela e seus pigmentos iam do marrom ao havana, do mel ao castanho. Até que chegou pisando firme como uma rainha, esbelta e bem lançada, a última conviva escondida nas dobras de um legítimo vison cinza. E como o recinto estava abafado, ela foi, direitinho, largar o seu abrigo junto aos demais. Foi um desastre. Enquanto, no salão, as mulheres se entreolhavam humilhadas, lançando aos garbosos maridos duro olhar de ódio e reprovação, no vestiário os outros visons punham seus rabos entre as pernas, encolhiam-se todos, na ânsia de fugir ao degradante confronto final. A moça sorriu...

- E por falar em peles, que tal uma carona numa pele de macaco?

O rapaz saltou como um gorila. E foi-se embora carrancudo. Sem lhe dar resposta. Nem lhe contou daquela mulher esquelética, de olhos pulados, que ele uma dia encontrou jogando feito um cabide, numa capa de pelo comprido, e escorrido. Parecia um cachorro molhado. Quem é que é louco de pedir carona numa pele de macaco?

ORIGEM DA SAUDAÇÃO AOS QUE ESPIRRAM - *CM* - 16 de dezembro de 1959

Existe um conto popular francês sobre a origem do “Deus te abençoe” com que é costume em quase todos os países saudar os que espirram. Conta o seu autor que havia uma estrada onde, em certo trecho, todos os que por ali passavam ouviam espirros. Ninguém sabia a origem e o autor dos espirros e, parece, ninguém sentiu jamais curiosidade de o saber. Até que um dia, passava por ali um viajante, que ouviu os espirros e, como era provavelmente um homem de sentimentos religiosos, disse alto: “Você nunca fica bom desses espirros: Deus abençoe você, meu pobre amigo, e cure o seu resfriado.” Imediatamente, apareceu-lhe então um fantasma, que era o “homem” dos espirros, e agradecendo os bons votos do viajante, contou-lhe que morrera 500 anos antes,

fora um grande pecador e recebera como castigo atravessar os séculos ali, naquele trecho de estrada, espirrando, espirrando sem parar, até que uma alma caridosa, apiedada, lhe atirasse essa saudação “Deus te abençoe”. Agora, estava livre, podia gozar de seu repouso eterno. “Nasceu daí”, continua a contar o original escritor, “então o costume vindo até nós, desse cumprimento piedoso.”

DIFERENTES CONCEPÇÕES DE MATERNIDADE - *CM* - 12 de fevereiro de 1960

Na França, até a Revolução Francesa, as fidalgas consideravam a maternidade uma das mais desagradáveis incumbências. Sem o menor respeito ou amor pelas crianças, era moda abandonarem seus filhos, em lugares distantes, de preferência no campo, na companhia de empregados e amas. Lá, vivendo sem conforto e sem as regalias que seriam de esperar da riqueza dos pais, essas crianças ficavam até a idade de seis a oito anos, quando então iam conhecer sua mãe. Conta-se mesmo que os filhos de reis não fugiam às regras, e que o próprio Luiz XIV, em criança dormia numa velha cama de lençóis rasgados que mal o podiam cobrir.

Já os maometanos têm em tão alta conta a maternidade, que a mulher que morre de parto está dispensada de receber a extrema-unção. Para eles, a própria maternidade vale como uma santificação da mulher.

NOSSA CONVERSA - *DN* - 22 de agosto de 1960

“Da primeira vez que fui à casa de Rodin, compreendi que sua casa não era nada para ele, senão uma pobre necessidade: um abrigo contra o frio, um teto sob o qual dormir. Ela o deixava indiferente e não pesava nem um pouco sobre sua solidão ou seu recolhimento. Era em si mesmo que ele encontrava o seu lar: sombra, refúgio e paz. Ele se tornava seu próprio céu, sua floresta e seu largo rio que não podia mais interromper.”

Isso é um poeta, chamado Rilke, falando de um escultor chamado Rodin.

Talvez essas frases renovem para você o pensamento já meio gasto, mas pouco usado, de que a possível felicidade está mesmo é dentro das pessoas. (É verdade que citar Rodin e Rilke para confirmar uma verdade quase óbvia é como quem só quisesse confessar os pecados ao papa.) Talvez, pensando na grande criatura que foi o escultor, você diga que não se pode esperar que o pardal (você) aprenda a voar como águia (ele).

Mas que é que um pardal tem a ensinar a outro pardal?

Naturalmente se você é um pardal felizinho voe mesmo à sua moda. Mas se é pardal inquieto, que fica ciscando à toa, medite sobre as lições de uma águia.

ETIQUETA - *DN* - 04 de julho de 1960

Quando você recebe um presente, não espera que a pessoa que o deu saia para você desfazer o embrulho: abra-o logo em seguida, e prepare o sorriso. Depois de ter cortado a carne, você deposita a faca no rebordo do prato? Está certo. Que é que você faz com o pouquinho de sopa que fica no fundo do prato? Enclina o prato ligeiramente, mas não na sua direção. O que fazer com o súbito caroço de fruta em compota? Ele deve passar discretamente da boca para a colher, esta se mantendo perto dos lábios. Não pegue os ossos das aves com as mãos, a menos que esteja em piquenique ou em muita intimidade ou entre americanos.

SEJA ALEGRE - *CM* - 11 de dezembro de 1959

Conta Camille Fiaux a história de um jovem que, decepcionado em seus amores, entregou-se a uma tristeza sem fim, lamentando-se, definhando, considerando-se o mais infeliz dos homens. Certa noite, quando sozinho se entregava a lamentações sobre o mundo e a humanidade em geral, apareceu-lhe um anjo, e lhe deu um espelho.

- Este espelho é como o mundo, que você tanto acusa: ele reflete a imagem que lhe é apresentada. Olhe-se! Sorria! E veja se o espelho não lhe dá também

um sorriso!

O anjo fez depois o jovem prometer que, todas as manhãs, sorriria para o espelho, e se esforçaria para conservar aquele sorriso o resto do dia. O moço cumpriu o prometido. Dentro em breve tornou-se outro, alegre, querido de todos, e não tardou que um novo amor viesse ocupar o lugar do primeiro. Minha leitora, você aprendeu também a lição?

A MOSCA NO MEL (OU A INVEJA DE SI) - *Mais* - janeiro de 1975

Nada lhe faltava. Claudia Morinelli Martins tinha tudo o que sonhara para a sua vida. Estava com 27 anos e Francisco em pleno vigor dos 30. Ela era uma bela judia italiana mas ele era descendente de espanhóis e portugueses. Ele era guapo. E Claudia era um belo cavalinho alto e vibrátil. Estavam casados há três anos - unidos por mútua paixão. Eles mal acreditavam no tão bom da vida de ambos. Filhos, teriam mais tarde. Quando ela tivesse trinta anos. Porque desejavam ardentemente viver a sós, em plenitude.

- Chico, você acha que a gente vai ter que pagar caro pelo que conseguiu? Será que nós vamos ser punidos com um câncer?

- Nada de pagar caro. E nada de nos separarmos. Mas se você quiser passamos no médico amanhã para que ele examine nosso estado de esplêndida saúde.

Esta conversa foi num dia de domingo, mês de julho. Um julho pleno e vigoroso bem no centro do ano. Na segunda-feira efetivamente passaram pelo médico. O médico, rindo, expulsou-os:

- Vocês têm saúde para dar e vender.

E assim os dois viviam. Ela de camisola de renda trazia-lhe o café na cama: um faustoso desjejum de ovos com *bacon* e morangos com creme. No dafê ela derramava uma colher de sopa de bom vinho tinto. Ele era tratado como um rei. E ela, com sua bela cabeleira castanha, era uma frágil princesa. Cheia de caprichos. Às vezes ligavam o rádio e, ao som de uma valsa de Strauss, dançavam à moda antiga, doidamente. Ele rodava tanto que ela ficava tonta aos risos: jogava para trás os longos cabelos, cerrava os olhos de grossas pálpebras e

ria de amor. Eram também ricos. Moravam num apartamento em São Paulo de largo salão e jardim de inverno. Às vezes ambos escutavam música, mudos e contemplativos. Era uma hora sagrada. Um dia ouviram a *Nona Sinfonia* de Beethoven e ela chorou pela Aleluia. Ele nada disse: era homem que sabia calar.

Mas Claudia Morinelli Martins se inquietava. Tudo era bom ao extremo. Tinha medo.

Às vezes davam festas em casa e o lustre comprado em Marselha faiscava em tremblor. O garçom servia uísque e suco de tomate. Mas ela se encharcava de Coca-Cola. As festas terminavam de madrugada. E eles aí casavam-se de novo no redondo leito com lençóis de cetim. Só acordavam à uma hora da tarde e nesse dia ele não ia trabalhar. Dava-se ao luxo.

Era de quase insuportável beleza a vida gloriosa de ambos. Ela: inquieta. Os dois tinham pai e mãe, privilégio que poucos têm.

Era uma mosca - ela - no mel.

Mas a mosca se afoga no grosso caldo melado. Come, mas morre.

Então ela pensou: ou me mato ou me desquito, porque chegamos ao ápice da vida.

Não se matou nem se desquitou.

Mas fez uma coisa pior. Avisou-o serenamente, mas com os lábios rubros, ligeiramente trêmulos, que ia entrar no convento das clarissas de pés descalços. Nunca mais o veria e, quando ele a visitasse, só ouviria a sua voz. Francisco quase morreu de horror. Implorou-lhe, até de joelhos, segurando a sua cintura fina, que não fizesse uma loucura dessas. Mas ela estava decidida. A família de ambos chorou. Despediu-se de Francisco para o resto da vida com um longuíssimo beijo, profundo, em que ela lhe soprou a força de viver sozinho. Em lágrimas ele assentiu. Que fazer podia, o desgraçado Chico?

Entrou para o convento. Sentiu de início uma grande paz interior. Só de vez em quando era permitido falar com outra freira. Raspou os cabelos que caíram no chão em mechas um pouco douradas: um desperdício.

Pensa muito em Francisco. O longo beijo de despedida doía-lhe em todo corpo. O adeus é fatal.

Quando a saudade lhe trincava o coração a um ponto intolerável usava cilício e batia no corpo com corda feita de nós górdios.

Francisco mudara-se para um quarto-e-sala conjugado e uma pobre cama de solteiro onde não cabia mulher. Curtia a sua grande perda como podia. Foi à Europa e lá ficou tão nervoso que três dias depois pegou um avião a jato para o Brasil. Ele precisava estar na terra de Claudia. Emagrecera muito e não tinha cabeça para trabalhar. Passou por uma crise de misticismo: número, rezava de joelhos com o rosto nas conchas das mãos. Ele não tinha cilício que o ajudasse. Aguentava a seco. E curtia tudo sozinho, nada contava a ninguém. Estava de luto fechado. Seu coração se restringia até parecer um grão negro de feijão. Deixara a barba crescer e ficava horas e horas olhando o ar.

E. Mas acontece que Claudia, a clarissa descalça, começou a não poder tolerar. Seus lindos pés esguios pisavam na laje fria e ela andava voejando como uma borboleta tonta. Compreendeu com horror que fora o convento apenas um de seus caprichos. Como sair de lá? Pediu audiência com a superiora. Esta lhe disse severamente:

- Você é mulher leviana.

Claudia ouviu cabisbaixa. Mas insistiu, não via a hora de enfim sair.

A superiora chamou-a e disse-lhe:

- Eu a expulso do nosso seio. Você não merece a graça divina.

Claudia, como expulsa de um paraíso que lhe fora um inferno, saiu numa manhã fria vestida com uma longa roupa de brim desbotado. Entonteou-se à luz do dia: tudo fulgurava. Tomou um táxi e dirigiu-se mudamente para casa. Mas esta estava vazia. Então em desespero correu para a casa da mãe de Francisco:

- Onde? Onde está o meu amado?

A mãe rejubilou-se e deu-lhe o endereço e algum dinheiro para ela tomar um táxi. A sala e quarto de Francisco ficavam num bairro pobre de São Paulo. Com o coração latejando na boca ela tocou a campainha. Ninguém respondia. Era porque ele estava em prece e não podia interromper. Claudia sentou no chão e quase adormeceu. Estava magra, de cabelo curto e olhos fundos. Mas eram doces olhos castanhos.

Quando Francisco terminou a prece indagou-se surpreendido quem seria aquele que queria invadir a sua solidão. Abriu a porta. Olhou para o chão. Lá estava ela.

Que abriu lentamente os olhos. Os dois se olharam mudos. Ficaram assim por vários instantes. Ele deu-lhe a mão para levantá-la do ladrilho. E entraram no pobre apartamento nu e despojado. Sentaram-se ambos na cama estreita e ali ficaram de mãos dadas. Até que ela falou:

- Voltei porque não posso te perder. És o meu fôlego, o meu sangue e também o meu hálito.

Ele disse modesto:

- Eu te recebo, mulher. E só a morte nos separará.

Ambos se desnudaram e se amaram castamente. Ela engravidou. Foram morar longe da cidade numa pequena casa com jardim e quintal. Eles se falavam pouco. O silêncio de ambos dizia tudo.

Ao fim de nove meses nasceu aquele que se chamou Rodrigo. Ela o amamentou com os seus pequenos seios. familiar sorria profundamente ao ver mãe e filho juntos. E respeitou-a até o leite secar. Grosso leite branco de mulher que é mulher.

Outros filhos tiveram. Tudo na modéstia.

Etc. etc. etc.

O BEIJO - *CM* - 15 de julho de 1960

O beijo é um impulso natural? Depois de ouvirmos o que disse uma beldade num dos poemas de Tennyson - “Com um longo beijo ele sugou minha alma através de seus lábios” - mal podemos acreditar que o beijo tenha sido um gosto adquirido gradualmente, como o de comer azeitonas.

Tanto a história quanto a antropologia mostram que o beijo foi inventado na Europa em tempos muito remotos e, depois, de beijoca em beijoca, espalhou-se

pelo mundo todo. Antes disso certas tribos esfregavam-se os narizes, outras o rosto, enquanto que outras, simplesmente, esfregavam-se.

Entretanto o beijo não foi sempre assim tão divertido. Só depois da era Medieval é que ele se tornou algo mais do que um simples cumprimento. No século XV, por exemplo, um viajante holandês, na Inglaterra, contou que teve que beijar seu hospedeiro, a mulher deste, as crianças, o cachorro e o gato. Aos poucos é que os rapazes e as moças descobriram o que o beijo poderia proporcionar-lhes e, tornou-se de tal modo interessante, que os puritanos começaram a considerá-lo como algo “indecente e de mau gosto” quando um rapaz e uma moça se beijavam em público, aos domingos.

O velho beijo frio e sem sexo também sobreviveu ao lado do outro. As mulheres, por exemplo, se beijam. Aliás já houve uma crítica a esse respeito. “Quando duas mulheres se beijam temos a impressão de que são dois lutadores que se apertam as mãos.”

CORTINA DE FUMAÇA - CM - 07 de outubro de 1960

O cigarro é uma herança que nos vem dos astecas. Foram, com efeito, esses antepassados dos mexicanos que inventaram os primeiros cigarros, os quais se constituíam de um caniço tenro, de 10 a 12 centímetros de comprimento, recheado de fumo picado a que eram misturadas partículas de carvão vegetal para regularizar-lhe a combustão. O lendário Rei Montezuma II, um dos monarcas a quem a civilização asteca mais deveu, costumava oferecer esses caniços artisticamente decorados e esculpidos a seus hóspedes como símbolo de paz e amizade.

É de supor que o gosto desses cigarros não devia ser dos melhores, mas mesmo assim, quando os espanhóis conquistaram o México, logo adotaram o hábito nativo. E poucos anos depois da conquista, já eram vendidos cigarros em Madri.

A dificuldade de encontrar na Europa caniços adequados fez com que se tivesse a ideia de adotar o papel como invólucro do fumo. Os cigarros passaram então a chamar-se “papeletes” e os traficantes portugueses encarregaram-se de

espalhar a nova mercadoria nos mercados europeus e orientais, onde não tardaram a suplantar o charuto.

À Rússia Imperial deve-se a modernização do cigarro, que passou a ser longo e esguio, contendo numa das extremidades um bocado de algodão que lhe servia de filtro. O “estilo russo “ fez furor na Europa até 1850, mas pouco a pouco , o filtro foi perdendo a popularidade e só um século depois voltou a ser adotado.

Durante muito tempo, a preferência dos fumantes pendeu para o fumo oriental , de sabor pronunciadamente adocicado, mais tarde, porém, se fixou nas misturas de vários tipos de fumo, criados pelos fabricantes americanos.

A importância do cigarro americano, durante e após a Segunda Guerra, foi tal que, desde então esses cigarros passaram a funcionar em todos os mercados negros do mundo como uma espécie de moeda internacional.

Apesar das campanhas dos médicos, que acusam o cigarro de provocar câncer de pulmão, fuma-se hoje mais do que nunca. Os cálculos, nos Estados Unidos, são que, em média, cada pessoa consome 436 cigarros por ano, criando assim uma “cortina de fumaça” para atribulações cada vez mais intensas da vida moderna .

ME DÁ LICENÇA, MINHA SENHORA. - *Mais* - fevereiro de 1977 (Cf. “Escrever”, “Fartura e carência”, “Conversas”, in *A descoberta do mundo*)

Eu disse uma vez que escrever é uma maldição. Não me lembro exatamente por que disse, mas disse com sinceridade.

Hoje repito: é uma maldição. Mas maldição que salva. Não estou me referindo muito a escrever para jornal. Mas àquilo que eventualmente pode se transformar em conto ou romance. Ou novela (acabei uma agora).

É uma maldição porque obriga e arrasta como um vício penoso, do qual é quase impossível se livrar, pois nada o substitui. E é uma salvação. Salva a alma

presa, salva a pessoa que se sente inútil, salva o dia que se vive e que nunca se entende a menos que se escreva.

Escrever é tentar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o fim o que permaneceria apenas vago e sufocador.

Escrever é também abençoar uma vida que não foi abençoada.

Pena que só sei escrever quando espontaneamente a “coisa” vem. Fico portanto à mercê do tempo. E, entre um verdadeiro escrever e outro, podem passar anos. Anos de carência.

Minha novela - novela é aquilo que é mais longo que um conto e menos longo que um romance - eu levei dois anos e meio para escrever. Eu ora tinha preguiça, ora não tinha inspiração. Eu creio, é claro, na inspiração. Não inspiração sobrenatural mas sim o resultado que vem à tona de repente depois de uma profunda elucubração inconsciente.

Falei em carência. Pior que carência é o súbito cansaço de tudo. É uma espécie de fartura, parece que já se teve tudo e que não se quer mais nada. Cansaço, por exemplo, dos Beatles. E cansaço também daqueles que não são os Beatles.

Cansaço inclusive de minha liberdade íntima que foi tão duramente conquistada. Cansaço de amar um homem e de repente ver que ele não mereci esse amor: ele era grosseiro, arrogante e covarde. Melhor seria o ódio.

O que me salvaria dessa impressão de fartura - é fartura ou uma liberdade que está sendo inútil? - seria a raiva. Não uma raiva amorosa, que existe. Mas a raiva simples e violenta. Quanto mais violenta, melhor. Raiva dos que não sabem de nada. Raiva também dos inteligentes que “dizem coisas” para se mostrar.

Raiva do cinema novo, por que não? E do outro também. (Só gosto de filme de arte ou filmes de mistério, e, se possível, violentos, porque assim me aliviam a alma. Na verdade só o cinema me descansa a mente. Um de meus editores me disse que, para amenizar a tensão em que vive, vai diariamente ao cinema.

Raiva da afinidade que sinto com algumas pessoas como se já houvesse fartura de afinidades em mim.

E raiva do sucesso? O sucesso é uma gafe, é uma falsa realidade. Simplesmente não tenho compromisso com o sucesso.

A raiva me tem salvo a vida. Sem ela, o que seria de mim? Como suportaria eu a manchete que saiu um dia no jornal dizendo que mais de cem crianças morrem no Brasil diariamente de fome? A raiva é a minha revolta mais profunda de ser gente? Ser gente me cansa. E tenho raiva de sentir tanto amor inútil.

Há dias que vivo de raiva de viver. Porque a raiva me envivece toda: nunca me sinto tão alerta.

Bem sei que isso passa e que a carência necessária volta.

E então vou querer tudo, tudo! Ah como é bom precisar e ir tendo. Como é bom o instante de precisar que antecede o instante de se ter.

Mas ter facilmente, não. Porque essa aparente facilidade cansa. Até escrever está sendo fácil? Se assim é, paro de escrever. Por que é que eu escrevia com as entranhas e neste momento estou escrevendo com a ponta dos dedos?

É um pecado, bem sei, querer a carência. Mas a carência de que falo é mais plena do que certo tipo de fartura.

Vou dormir porque não estou suportando este meu mundo de hoje, cheio de coisas inúteis. Boa noite para sempre, para sempre. E não quero ouvir a voz humana: estou sofrendo de poluição sonora. E se suporto a minha voz de despedindo é porque ela aumenta a minha raiva.

Só uma raiva, no entanto, é bendita: a dos que precisam. A dos que comem rato porque têm fome e engrossam a sopa com barro.

Boa-noite.

Fui dormir cedo demais e acordei às quatro da madrugada.

Minutos depois tocou o telefone. Era um compositor de música popular, letrista também. Conversamos até seis horas da manhã. Ele sabia de tudo a meu respeito. Como? Por quê? Baiano é assim? E ouviu dizer coisas muito erradas a meu respeito. Nem sequer corrigi.

Ele estava numa festa e disse que a namorada dele - com quem depois se casou -, sabendo a quem ele telefonava, só faltava puxar os cabelos de tanto ciúme. Coitada de mim, quem casou foi ela. Na festa - eu ouvia barulhos, vozes e gritos - havia uma tal de Ana e ele disse que ela era muito ferina comigo. Convidou-me para a festa pois todos queriam me conhecer. Não fui. Não sou

dada a festas.

Mas estive numa reunião, poucos meses antes da morte de Guimarães Rosa. Ele disse que, quando não estava se sentindo bem, quando estava deprimido, relia trechos do que já havia escrito. Espantaram-se os presentes que eu disse que detesto reler coisas minhas. Alguém observou que o engraçado é que parece que eu não quero ser escritora. De algum modo é verdade, e não sei por quê. Até ser chamada de escritora me encabula.

Nessa mesma reunião Sérgio Barnardes disse que há anos queria ter uma conversa comigo. Mas não conversamos e até hoje não sei o que ele me diria. Do que se trata, Sérgio? Estou à sua disposição para qualquer esclarecimento. Na ocasião pedi uma coca-cola, em vez. Sérgio estava falando com o nosso grupo sobre coisas que eu não entendia. Então eu disse: adoro ouvir coisas que dão a medida de minha ignorância. E tomei mais um gole de coca-cola. Não, não estou fazendo propaganda desta bebida, nem fui paga para isso. Já era tempo, não é, milionários da coca-cola?

Guimarães Rosa então me disse uma coisa que jamais esquecerei: disse que me lia “não para a literatura e sim para a vida”. E citou frases e frases minhas, que ele sabia de cor e eu não reconheci nenhuma. Acho que sou mesmo meio esquisita, mas o que há de se fazer?

Outra pessoa me telefonava de madrugada. Explicou que passava pela minha rua, via a luz acesa e então me telefonava.

No terceiro ou quarto telefonema, sempre de madrugada, disse-me que eu não merecia mentiras. Na verdade, o fundo da casa dele dá para a frente da minha. Ele me via todas as noites. Como se tratava de oficial de Marinha, perguntei-lhe se tinha binóculo. Ficou em silêncio. Depois me confessou que me via de binóculo. Não gostei. Nem ele se sentiu bem de ter dito a verdade, tanto que avisou que “perdera o jeito” e não me telefonaria mais. Aceitei.

Fui etao à cozinha esquentar um café. E depois me sentei no meu canto de tomar café. Tomei-o com toda a solenidade: parecia-me que havia um almirante sentado à minha frente.

Felizmente terminei esquecendo que alguém pode estar me observando de binóculo e continuo a viver com naturalidade: eu nada tenho a ver com binóculo alheio. Devo ter sido vista muitas vezes de camisola.

Como se vê, isto não é uma coluna, é conversa apenas. Como vão vocês? Estão na carência ou na fartura?

E agora vamos falar de energia atômica, não custa nada um pouco de cultura.

Quem diria, na minha infância, que um dia eu me defrontaria com um dos meus ídolos de Recife? E logo um de quem Einstein disse: “Só você é capaz de seguir meus passos”. Trata-se de Mario Schemberg, físico e matemático. Ele mora em São Paulo. Agora é físico principalmente teórico, embora tenha participado de trabalhos experimentais. Quando estive com ele, Mário estava redigindo uma tese sobre eletromagnetismo e gravitação, além de participar da colaboração Brasil-Japão sobre raios cósmicos. Estava ensinando mecânica racional, celeste e superior no Departamento de Física da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, sendo que no ano anterior dera um curso de pós-graduação no Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas do Rio de Janeiro. A maioria de nós não alcança esses assuntos e fica na escuridão. O que eu alcancei foi a ideia de alguma coisa de extraordinária beleza. Algo assim como música de câmara. Quando no ginásio estudei matemática e física, percebi que nesses dois ramos do conhecimento humano a intuição tinha um papel preponderante, embora meus professores achassem que se tratava apenas de uma capacidade aguda de raciocínio. É claro, o raciocínio tem enorme importância, mas também é claro que a intuição tem seu papel na física e na matemática. E para mim tudo aquilo em que entra intuição é uma forma de arte. A física e a matemática são poéticas. São tanto uma forma de arte que as comparo à música de Bach. Para minha alegria, depois vim a saber que o matemático Jean Dieudonné pensava e dizia a mesma coisa.

Mário Schemberg tem uma bela cabeça de homem que lembra muito a cabeça de um imperador romano. Quando fala, fecha os olhos por longo tempo.

Desde 1934, quando foi criada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, vêm sendo realizadas no Brasil pesquisas sobre física atômica, física nuclear e física das partículas elementares. Naquela ocasião o professor Gleb Watghin fundou o Departamento de Física da faculdade. Depois da última guerra os estudos de aproveitamento de energia nuclear começaram a ser feitos em São Paulo, Rio de Janeiro e, mais tarde, em Belo Horizonte, Recife e outros pontos do país. Mas não existe um volume suficiente de pesquisas atômicas no Brasil.

Bem, acho que vocês não querem mais falar no assunto, que, no entanto, é fascinante. Pelo menos para mim, que fui boa aluna de física e matemática.

Uma vez me ofereceram a oportunidade de fazer uma crônica de comentários sobre acontecimentos, só que essa crônica seria feita para mulheres e a esta dirigida.

Terminou dando em nada a proposta, felizmente. Digo felizmente porque desconfio de que a coluna ia descambar para assuntos estritamente femininos, considerando “feminino” o que geralmente os homens e mesmo as próprias humildes muitas consideram: como se mulher fizesse parte de uma comunidade fechada, à parte, e de certo modo segregada.

Nas minhas desconfianças me lembrava do dia em que uma moça veio me entrevistar sobre literatura, e, juro que não sei como, terminamos conversando sobre a melhor marca de delineador líquido para maquiagem dos olhos. E parece que a culpa foi minha pois a moça era bastante séria e queria falar sobre literatura. Maquiagem dos olhos também é importante, mas eu não pretendia invadir a conversa literária, por melhor que seja conversar sobre moda e sobre a nossa preciosa beleza fugaz.

Acho que misturei demais os assuntos. E essa conversa nossa, por culpa minha, degingolou em bate-papo um pouquinho esquisito. Que me perdoem as minhas leitoras. E que me digam sobre o que querem que eu escreva. Se bem que não sei escrever por encomenda: me perco completamente e escrever se torna um dever insuportável. Então, desfaço o que disse sobre vocês me encomendarem o que escrever. Continuarei livre para o bem do povo e a felicidade geral da nação.

GARRAFA AO MAR - C - 30 de maio de 1952

Encontramos um livro de etiqueta, sem capa, sem nome de autor ou data - o que lhe deu uma nobreza de documento achado em garrafa ao mar. Tornado por tais circunstâncias misterioso e cheio de autoridade, abrimo-lo como ouviríamos a verdade tão verdadeira que até anônima já era.

Abrimo-lo é modo de dizer. O livro abriu-se sozinho, numa página gasta certamente por mãos ansiosas por bem procederem na vida. O capítulo tratava de senhoras e elevadores. E, antes que as associações mais extravagantes nos ocorressem diante da aproximação insólita das duas palavras, lemos: uma senhora deve evitar de todo modo viajar de elevador. As razões o livro não as dá. Provavelmente seriam óbvias.

Mas nem por ser tão categórico, o autor deixou de ser realista ou benevolente. De fato acrescentava: no caso de ser absolutamente necessária tal viagem, que as senhoras se mantivessem sentadas.

Sentadas no elevador? Se encolhemos os ombros, tal não deveria ter sido a atitude da dona das antigas mãos que seguravam o livro. Ela talvez tenha estremecido: “Meu Deus, ontem mesmo fui obrigada a entrar no elevador... e fiquei de pé! ah, o que não devem ter pensado de mim!”

Não nos cabe o direito de rir dessa aflição; outras, embora mais modernizadas, nós as temos.

O que nos ocorreu e que estava longe do autor a ideia de que um dia seu livro serviria, por um momento ao menos, para desvalorizar o imperativo da etiqueta e tirar a gravidade das gafes. E que sugeriria uma ideia infelizmente impossível de ser aplicada: a de que só se deveria ler o livro de etiqueta depois que este ficasse perdido por uns cem anos. Quanto mais velho, mais útil.

MISTÉRIO EM SÃO CRISTÓVAO - C - 08 de agosto de 1952

Numa noite de maio - os jacintos rígidos perto da vidraça - a sala de jantar de uma casa estava iluminada e tranquila.

Ao redor da mesa, por um instante imobilizados, achavam-se o pai, a mãe, a avó, três crianças e uma mocinha magra de dezenove anos.

O sereno perfumado de São Cristóvão não era perigoso mas o modo como as pessoas se agrupavam no interior da casa tornava arriscado o que não fosse o seio de uma família numa noite fresca de maio. Nada havia de especial na

reunião - acabara-se de jantar e conversava-se ao redor da mesa, os mosquitos em torno da luz. O que tornara particularmente abastada a cena, e tão desabrochado o rosto de cada pessoa, é que depois de muitos anos quase se apalpava afinal o progresso nessa família: pois numa noite de maio, após o jantar, eis que as crianças têm ido diariamente à escola, o pai mantém os negócios, a mãe trabalhou durante anos nos partos e na casa, a mocinha está se equilibrando na delicadeza de sua idade, e a avó atingiu um estado. Sem se dar conta, a família fitava a sala feliz, vigiando o raro instante de maio e sua abundância.

Depois cada um foi para o seu quarto. A velha estendeu-se gemendo com benevolência. O pai e a mãe, fechadas todas as portas, deitaram-se pensativos e adormeceram. As três crianças, escolhendo as posições mais difíceis, adormeceram em três camas como em três trapézios. A mocinha, na sua camisola de algodão, abriu a janela do quarto e respirou todo o jardim com insatisfação e felicidade. Perturbada pela umidade cheirosa, deitou-se prometendo-se para o dia seguinte uma atitude inteiramente nova que abalasse os jacintos e fizesse as frutas estremecerem nos ramos - no meio de sua meditação adormeceu.

Passaram-se horas. E quando o silêncio piscava nos vaga-lumes - as crianças penduradas no sono, a avó ruminando um sonho difícil, os pais cansados, a mocinha adormecida no meio de sua meditação - abriu-se a casa de uma esquina e dela saíram três mascarados.

Um era alto e tinha a cabeça de um galo. Outro era gordo e vestira-se de touro. E o terceiro, mais novo, por falta de ideias, disfarçara-se em cavaleiro antigo e pusera máscara de demônio, através da qual surgiam seus olhos cândidos. Os três mascarados atravessaram a rua em silêncio.

Quando passaram pela casa escura da família, aquele que era um galo e tinha quase todas as ideias do grupo, parou e disse:

- Olha só.

Os companheiros, tornados pacientes pela tortura da máscara, olharam e viram uma casa e um jardim. Sentindo-se elegantes e miseráveis, esperaram resignados que o outro completasse o pensamento. Afinal o galo acrescentou:

- Podemos colher jacintos.

Os outros dois não responderam. Aproveitaram a parada para se examinar

desolados e procurar um meio de respirar melhor dentro da máscara.

- Um jacinto para cada um pregar na fantasia, concluiu o galo.

O touro agitou-se inquieto à ideia de mais um enfeite a ter que proteger na festa. Mas, passado um instante em que os três pareciam pensar profundamente para resolver, sem que na verdade pensassem em coisa alguma - o galo adiantou-se, subiu ágil pela grade e pisou na terra proibida do jardim. O touro seguiu-o com dificuldade. O terceiro, apesar de hesitante, num só pulo achou-se no próprio centro dos jacintos, com um baque amortecido que fez os três aguardarem assustados: sem respirar, o galo, o touro e o cavaleiro do diabo perscrutaram o escuro. Mas a casa continuava entre trevas e sapos. E, no jardim sufocado de perfume, os jacintos estremeciam imunes.

Então o galo avançou. Poderia colher o jacinto que estava à sua mão. Os maiores, porém, que se erguiam perto de uma janela - altos, duros, frágeis - cintilavam chamando-o. Para lá o galo se dirigiu na ponta dos pés, e o touro e o cavaleiro acompanharam-no. O silêncio vigiava.

Mal porém quebrara a haste do jacinto maior, o galo interrompeu-se gelado. Os dois outros pararam num suspiro que os mergulhou em sono.

Atrás do vidro escuro da janela estava um rosto branco olhando-os.

O galo imobilizara-se no gesto de quebrar o jacinto. O touro quedara-se de mãos ainda erguidas. O cavaleiro, exangue sob a máscara, rejuvenescera até encontrar a infância e o seu horror. O rosto atrás da janela olhava.

Nenhum dos quatro saberia quem era o castigo do outro. Os jacintos cada vez mais brancos na escuridão. Paralisados, eles se espiavam.

A simples aproximação de quatro máscaras na noite de maio parecia ter percutido ocos recintos, e mais outros, e mais outros que, sem o instante no jardim, ficariam para sempre nesse perfume que há no ar e na imanência de quatro naturezas que o acaso indicara, assinalando hora e lugar - o mesmo acaso preciso de uma estrela cadente. Os quatro, vindos da realidade, haviam caído nas possibilidades que tem uma noite de maio em São Cristóvão. Cada planta úmida, cada seixo, os sapos roucos aproveitavam a silenciosa confusão para se disporem em melhor lugar - tudo no escuro era muda aproximação. Caídos na cilada, eles se olhavam aterrorizados: fora saltada a natureza das coisas e as quatro figuras se espiavam de asas abertas. Um galo, um touro, o demônio e um rosto de moça

havam desatado a maravilha do jardim... Foi quando a grande lua de maio apareceu.

Era um toque perigoso para as quatro imagens. Tão arriscado que, sem um som, quatro mudas visões recuaram sem se desfitarem, temendo que no momento em que não se prendessem pelo olhar novos territórios distantes fossem feridos, e que, depois da silenciosa derrocada, restassem os jacintos - donos do tesouro do jardim. Nenhum espectro viu o outro desaparecer porque todos se retiraram ao mesmo tempo, vagarosos, na ponta dos pés. Mal, porém, se quebrara o círculo mágico de quatro, livres da vigilância mútua, a constelação se desfez com terror: três vultos pularam como gatos as grades do jardim, e um outro, arrepiado e engrandecido, afastou-se de costas até o limiar de uma porta, de onde, num grito, se pôs a correr.

Os três cavalheiros mascarados que, por ideia funesta do galo, pretendiam fazer uma surpresa num baile tão longe do carnaval, foram um triunfo no meio da festa já começada. A música interrompeu-se e os dançarinos ainda enlaçados, entre risos, viram três mascarados ofegantes parar como indigentes à porta. Afinal, depois de várias tentativas, os convidados tiveram que abandonar o desejo de torná-los os reis da festa porque, assustados, os três não se separavam: um alto, um gordo e um jovem, um gordo, um jovem e um alto, desequilíbrio e união, os rostos sem palavras, em baixo de três máscaras que vacilavam independentes.

Enquanto isso, a casa dos jacintos iluminara-se toda. A mocinha estava sentada na sala. A avó, com os cabelos brancos entrançados, segurava o copo d'água, a mãe alisava os cabelos escuros da filha, enquanto o pai percorria a casa. A mocinha nada sabia explicar: parecia ter dito tudo no grito. Seu rosto apequenara-se claro - toda a construção laboriosa de sua idade se desfizera, ela era de novo uma menina. Mas na imagem rejuvenescida de mais de uma época, para o horror da família, um fio branco aparecera entre os cabelos da fronte. Como persistisse em olhar em direção da janela, deixaram-na sentada a repousar, e, com os castiçais na mão, estremecendo de frio nas camisolas, saíram em expedição pelo jardim.

Em breve as velas se espalhavam dançando na escuridão. Heras aclaradas se encolhiam, os sapos saltavam iluminados entre os pés, frutos se douravam por um instante entre as folhas. O jardim, despertado no sonho, ora se engrandecia ora se extinguia; borboletas voavam sonâmbulas. Finalmente a velha, boa

conhecedora dos canteiros, apontou o único sinal visível no jardim que se esquivava: o jacinto ainda vivo quebrado no talo... Então era verdade: alguma coisa sucedera. Voltaram, iluminaram a casa toda e passaram o resto da noite a esperar.

Só as três crianças dormiam ainda mais profundamente.

A mocinha aos poucos recuperou sua verdadeira idade. Somente ela não vivia a perscrutar. Mas os outros, que nada tinham visto, tornaram-se atentos e inquietos. E como o progresso naquela família era frágil produto de muitos cuidados e de algumas mentiras, tudo se desfez e teve que se refazer quase do princípio: a avó de novo pronta a se ofender, o pai e a mãe fatigados, as crianças verdadeiramente insuportáveis, toda a casa parecendo esperar que mais uma vez a brisa da abastança soprasse depois de um jantar. O que sucederia talvez noutra noite de maio.

Revisado e adequado ao NAO por *Joroncas*